

Relatório de Estágio

A Construção da Identidade Filarmónica: a via das Bandas Juvenis – Estudo de
Caso nas Escolas de Música do Concelho de Sintra

Daniela Sofia Bértolo de Jesus

Mestrado em Ensino de Música

Outubro de 2023

Orientador: Professor José Massarrão

Relatório de Estágio

A Construção da Identidade Filarmónica: a via das Bandas Juvenis – Estudo de
Caso nas Escolas de Música do Concelho de Sintra

Daniela Sofia Bértolo de Jesus

Relatório Final do Estágio do Ensino Especializado, apresentado à Escola Superior de Música de Lisboa, do Instituto Politécnico de Lisboa, para cumprimento dos requisitos à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música, conforme o Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de maio.

Outubro de 2023

Orientador: Professor José Massarrão

Agradecimentos

No culminar de mais uma etapa da minha vida, gostaria de expressar o meu mais profundo agradecimento a todos aqueles que me apoiaram e acreditaram em mim desde o primeiro dia.

Ao meu orientador, Professor José Massarrão, por toda a ajuda e por todos os ensinamentos transmitidos ao longo do meu percurso académico.

Ao meu professor e amigo Hélder Alves, por toda a disponibilidade, carinho, ajuda e, sobretudo, por ser o principal responsável pelo meu desenvolvimento até hoje como saxofonista. Será sempre, sem dúvida, um exemplo a seguir todos os dias da minha vida.

À Doutora Ana Arriaga, pelo excelente profissionalismo e ajuda disponibilizada.

À Sociedade Recreativa Musical de Almoçageme pela cedência do espaço e demais contributos imprescindíveis para a elaboração deste projeto de investigação.

Aos alunos da Escola de Música da Sociedade Recreativa Musical de Almoçageme por embarcarem comigo neste desafio com todo o empenho e dedicação e por me ajudarem a crescer como professora.

À minha querida família, pais, irmã, avós e cunhado, por toda a paciência e por estarem do meu lado incondicionalmente, seja nos bons ou maus momentos da minha vida.

Aos meus incríveis amigos que estiveram sempre lá quando mais precisei. Obrigada pela confiança, pela ajuda e por toda a amizade. Em especial ao meu amigo Joel Serra por todas as horas gastas a dar-me os melhores conselhos.

Índice Geral

Agradecimentos.....	iii
Índice Geral	iv
Índice de Figuras	vi
Índice de Gráficos.....	vii
Índice de Tabelas	viii
Índice de Anexos	ix
Lista de Termos e Abreviaturas.....	x
Resumo I (Prática Pedagógica).....	xi
Abstract I (Teaching).....	xii
Resumo II (Investigação).....	xiii
PRIMEIRA PARTE – PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	19
1. Academia de Amadores de Música	20
1.1. Histórico e Contextualização.....	20
1.2. Enquadramento e Caracterização	21
1.3. Organização e Gestão da Escola.....	22
1.4. Instalações e Equipamentos.....	24
1.5. Projeto Educativo	24
1.6. Missão e Objetivos Gerais.....	25
1.7. Oferta Educativa	25
1.8. Protocolos e Parcerias.....	27
1.9. Análise SWOT.....	27
2. Práticas Educativas Desenvolvidas/Estágio	28
2.1. Enquadramento.....	28
2.2. Caracterização dos Alunos - Influências Musicais/Percurso.....	29
2.3. Caracterização dos Alunos - Aulas Observadas/Lecionadas.....	32
2.4. Caracterização dos Alunos - Aulas Gravadas/Lecionadas pela Mestranda	38
3. Atividades Extracurriculares	43

4.	Análise Crítica da Atividade Docente	44
5.	Conclusão	45
SEGUNDA PARTE – INVESTIGAÇÃO		47
6.	Investigação	48
6.1.	Descrição do Projeto de Investigação.....	48
6.2.	Fundamentação Teórica.....	49
6.3.	Conceito de “Banda Filarmónica”. Como e quando surgiu?.....	50
6.4.	O Modelo de Ensino nas Bandas Filarmónicas	53
6.5.	Caracterização da Escola de Música da Sociedade Recreativa Musical de Almoçageme (SRMA).....	62
6.6.	Metodologia de Investigação.....	63
6.7.	Ferramentas de Obtenção de Dados	66
7.	Conclusão	94
8.	Considerações Finais	96
9.	Bibliografia.....	97
10.	Webgrafia	99

Índice de Figuras

Figura 1 – Entrada principal da Academia de Amadores de Música.....	20
Figura 2 – Logotipo da Academia de Amadores de Música	21
Figura 3 – Primeiras lições de solfejo do livro Freitas Gazul.....	55
Figura 4 – Primeiras lições de solfejo do livro <i>Traité Pratique Du Rythme Mesuré</i> de Fernand Fontaine.....	55
Figura 5 – Sociedade Recreativa e Musical de Almoçageme.....	62
Figura 6 – Primeira apresentação do projeto <i>Os Pequenos Filarmónicos</i>	65
Figura 7 – Logotipo criado para a Banda Juvenil <i>Os Pequenos Filarmónicos</i>	66
Figura 8 – T-shirt criada para a indumentária do grupo <i>Os Pequenos Filarmónicos</i> ...	66
Figura 9 – Partitura exemplar “Sem Título”.....	68
Figura 10 – Dia de Prova - Banda A.....	69
Figura 11 – Dia de Prova – Banda B.....	72
Figura 12 – Observações dadas pelos Encarregados de Educação.....	87
Figura 13 – Observações dadas pelos Professores.....	92

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Género dos alunos entrevistados.....	80
Gráfico 2 – Entrevista aos alunos participantes (11ª Questão)	82
Gráfico 3 – Género dos Encarregados de Educação inquiridos.....	83
Gráfico 4 – Grau de Escolaridade dos Encarregados de Educação inquiridos.....	83
Gráfico 5 – 4ª Questão.....	84
Gráfico 6 – 5ª Questão.....	84
Gráfico 7 – 6ª Questão.....	84
Gráfico 8 – 7ª Questão.....	85
Gráfico 9 – 8ª Questão.....	85
Gráfico 10 – 9ª Questão.....	86
Gráfico 11 – 10ª Questão.....	86
Gráfico 12 – Género dos Professores inquiridos.....	88
Gráfico 13 – Grau de Escolaridade dos Professores inquiridos.....	88
Gráfico 14 – 4ª Questão.....	89
Gráfico 15 – 5ª Questão.....	89
Gráfico 16 – 6ª Questão.....	90
Gráfico 17 – 7ª Questão.....	90
Gráfico 18 – 8ª Questão.....	90
Gráfico 19 – 9ª Questão.....	91
Gráfico 20 – 10ª Questão.....	91
Gráfico 21 – 11ª Questão.....	92

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Cursos Oficiais da AAM.....	26
Tabela 2 – Cursos de Planos Próprios da AAM.....	26
Tabela 3 – Cursos de Formação de Professores da AAM.....	26
Tabela 4 – Análise SWOT.....	28
Tabela 5 – Nº de aulas lecionadas no ano letivo 2021/2022.....	29
Tabela 6 – Horários das aulas de saxofone em regime de observação.....	29
Tabela 7 – Recursos e repertório utilizado ao longo das aulas do Aluno A.....	33
Tabela 8 – Recursos e repertório utilizado ao longo das aulas do Aluno B.....	35
Tabela 9 – Recursos e repertório utilizado ao longo das aulas do Aluno C.....	37
Tabela 10 – Horários da atividade <i>Os Pequenos Filarmônicos</i>	63
Tabela 11 – Parâmetros de Avaliação da “Prova à Primeira Vista”	67
Tabela 12 – Evolução verificada com base nos parâmetros de avaliação descritos – Banda A.....	74
Tabela 13 – Evolução verificada com base nos parâmetros de avaliação descritos – Banda B.....	77

Índice de Anexos

ANEXO I - CD ESTÁGIO

ANEXO II - Planificações Anuais

ANEXO III - Ficha de apresentação da atividade entregue aos Encarregados de Educação (Projeto *Os Pequenos Filarmónicos*)

ANEXO IV - Ficha de inscrição para os alunos participantes no projeto (modelo)

ANEXO V - Folha de autorização para a gravação vídeo/áudio da atividade

ANEXO VI - Planos de aula da atividade *Os Pequenos Filarmónicos*

ANEXO VII - Canções tradicionais portuguesas (arranjos)

ANEXO VIII - Entrevistas: Alunos Banda A

Lista de Termos e Abreviaturas

AAM – Academia de Amadores de Música

SRMA – Sociedade Recreativa Musical de Almoçageme

CML – Câmara Municipal de Lisboa

CCB – Centro Cultural de Belém

EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural

Resumo I (Prática Pedagógica)

A primeira parte do presente Relatório de Estágio incide sobre o Estágio do Ensino Especializado que se realizou na Academia de Amadores de Música durante o ano letivo 2021/2022 no âmbito do Mestrado em Ensino de Música da Escola Superior de Música de Lisboa, em regime de observação.

No referido estágio, estiveram envolvidos três alunos de graus distintos: dois alunos do Curso Básico de Música (de 3º grau e 4º grau) e outro aluno do Curso Livre de Música correspondente ao 6º grau. Foi elaborada previamente, pela mestranda, uma planificação anual para cada um deles, juntamente com os respetivos planos de aula individuais.

Pretendeu-se, nesta primeira parte, caracterizar o estabelecimento de ensino onde decorreu o estágio, referindo aspetos relativos à sua história, estrutura e ambiente, bem como, o modo de funcionamento das aulas. Procedeu-se igualmente à caracterização singular de cada aluno envolvido e todo o seu desempenho observado durante o ano letivo, salientando os principais problemas existentes e também uma descrição e análise sobre toda a atividade desenvolvida durante a observação das aulas.

Este método, permitiu à mestranda uma reflexão sobre todos os aspetos positivos e menos positivos encontrados o que, por sua vez, deu origem a ferramentas úteis e essenciais para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da sua prática pedagógica. Além disso, permitiu ainda obter e desenvolver estratégias e novas abordagens para introduzir mais tarde na sua forma de lecionar contribuindo, assim, para a evolução dos alunos.

Na sua totalidade, o estágio compreendeu a observação de 81 aulas (27 aulas para cada um dos três alunos envolvidos), assim como o registo em vídeo de nove aulas (três por cada aluno), as quais foram equitativamente distribuídas por cada período letivo. É importante frisar que, durante a observação destas mesmas aulas, houve um especial cuidado em aplicar parte do tema de investigação do presente Relatório de Estágio, no que toca à verificação de resultados, face às respostas e evolução dos alunos ao serem estimulados a tocar em conjunto com o professor durante a leção das referidas 81 aulas.

Abstract I (Teaching)

The first part of this Internship Report focuses on the Specialized Teaching Internship that took place at the Academia de Amadores de Música during the 2021/2022 academic year as part of the Master's Degree in Music Teaching at the Escola Superior de Música de Lisboa, on an observation basis.

The internship involved three students from different grades: two students from the Basic Music Course (3rd and 4th grade) and another student from the Free Music Course corresponding to the 6th grade. The master's student had previously drawn up an annual plan for each of them, along with their individual lesson plans.

In this first part, the aim was to characterize the school where the internship took place, mentioning aspects relating to its history, structure and environment, as well as how the classes worked. We also proceeded to characterize each student involved and all their performance observed during the school year, highlighting the main problems and also a description and analysis of all the activity developed during the observation of classes.

This method allowed her to reflect on all the positive and less positive aspects she encountered, which in turn gave rise to useful and essential tools for developing and improving her teaching practice. It also allowed her to obtain and develop strategies and new approaches to introduce into her teaching later on, thus contributing to the students' development.

In total, the internship involved observing 81 lessons (27 lessons for each of the three students involved), as well as video recording nine lessons (three for each student), which were equally distributed over each school term. It's important to note that during the observation of these lessons, special care was taken to apply part of the research theme of this Internship Report, in terms of verifying the results of the students' responses and evolution when they were encouraged to play together with the teacher during the teaching of the 81 lessons.

Resumo II (Investigação)

A segunda parte do presente Relatório de Estágio consiste numa investigação que procura perceber se a criação de Bandas Juvenis no seio de uma Filarmónica pode ser favorável à formação de um aluno que apenas se encontre a frequentar aulas de instrumento e solfejo na Escola de Música dessa mesma instituição.

Para além disso, procurou-se perceber, igualmente, se o contacto prévio com este tipo de formações juvenis, no decorrer da aprendizagem musical, consegue potenciar com maior eficácia o desenvolvimento e a motivação dos alunos no que diz respeito ao empenho e dedicação para o estudo do instrumento e, principalmente, no processo de preparação individual para o ingresso futuro numa formação como a Banda Filarmónica.

Este trabalho de investigação focar-se-á nas Bandas Filarmónicas do Concelho de Sintra, com especial foco na Escola de Música da Banda Filarmónica da Sociedade Recreativa e Musical de Almoçageme, onde a mestrandia se encontra atualmente a lecionar.

A referida escola é uma instituição repleta de alunos a aprender os vários tipos de instrumentos de sopro, detentora de boas instalações e com grande agilidade para a criação das mais diversas valências. Com esta mais-valia, a mestrandia teve a possibilidade de criar, naquele espaço, o seu projeto de investigação, o que lhe permitiu recolher as conclusões necessárias na busca por uma noção mais ampla sobre os contributos que a inserção das Bandas Juvenis, em complemento às aulas de instrumento e solfejo, poderão ter na aprendizagem e no desenvolvimento musical de um aluno. Além disso, teve como principal intuito investigar se esta experiência contribui para uma melhor preparação dos alunos ao integrarem o Corpo de Banda como elementos-músico.

Relativamente às metodologias utilizadas, foram criadas duas Bandas Juvenis, as quais envolveram a colaboração dos alunos da Escola de Música daquela instituição e ambos estiveram sujeitos a uma “Prova de Leitura à Primeira Vista”, a qual foi criada como método de comparação entre as duas para esta investigação.

Para uma maior recolha de informação, foram elaborados dois inquéritos distintos aos encarregados de educação e aos professores dos respetivos alunos participantes. Adicionalmente, foram realizadas entrevistas a todos aqueles que participaram nesta experiência na perspetiva de obter o *feedback* de cada um relativamente à atividade a que estiveram expostos durante uma temporada e onde participaram voluntariamente.

Desta forma, as conclusões obtidas através das metodologias descritas anteriormente serviram para perceber se, de facto, os alunos, ao terem este contacto semanal com a música em conjunto, conseguem desenvolver as suas capacidades musicais de uma forma mais célere, assim como perceber se se sentem mais motivados, com maior interesse no estudo do seu instrumento musical e se adquirem as ferramentas musicais indispensáveis para enveredar no mundo das Bandas Filarmónicas.

Por último, pretendeu-se descobrir se a criação destes grupos pode ter impacto na manutenção e no aumento de alunos para a aprendizagem de música e, bem assim, para a conseqüente perpetuação destas instituições.

Palavras-Chave: Bandas Juvenis, Escola de Música, Banda Filarmónica, Aprendizagem Musical, Motivação.

Abstract II (Research)

The second part of this Internship Report is an investigation into whether the creation of Youth Bands within a Philharmonic can be favorable to the training of a student who is only attending instrument and solfeggio classes at the Music School of that same institution.

In addition, we also wanted to find out whether previous contact with this type of youth group, during the course of musical learning, can more effectively boost the development and motivation of students in terms of commitment and dedication to studying the instrument and, above all, in the process of individual preparation for future entry into a formation such as the Philharmonic Band.

This research will focus on the Philharmonic Bands of the Municipality of Sintra, with a special focus on the Music School of the Philharmonic Band of the Sociedade Recreativa e Musical de Almoçageme, where the master's student is currently teaching.

This school is an institution full of students learning various types of wind instruments, with good facilities and great agility for creating a wide range of activities. With this added value, the master's student was able to create her research project in that space, which allowed her to gather the necessary conclusions in the search for a broader notion of the contributions that the inclusion of Youth Bands, as a complement to instrument and solfeggio lessons, could have on a student's musical learning and development. In addition, its main aim was to investigate whether this experience contributes to better preparation of students when they join the Band Corps as musicians.

Regarding the methodologies used, two Youth Bands were created, which involved the collaboration of students from the Music School of that institution and both were subject to a "Reading at First Sight Test", which was created as a method of comparison between the two for this research.

In order to gather more information, two separate surveys were carried out with the parents and teachers of the participating students. In addition, interviews were carried out with all those who took part in the experiment in order to obtain their feedback on the activity to which they had been exposed for a season and in which they participated voluntarily.

In this way, the conclusions obtained through the methodologies described above were used to see if, in fact, by having this weekly contact with music together, the students are able to develop their musical skills more quickly, as well as to see if they feel more

motivated, more interested in studying their musical instrument and if they acquire the musical tools, they need to enter the world of Philharmonic Bands.

Finally, we wanted to find out whether the creation of these groups can have an impact on maintaining and increasing the number of students learning music and, consequently, on the perpetuation of these institutions.

Keywords: Youth Bands, Music School, Philharmonic Band, Music Learning, Motivation

Introdução

A escolha pela temática *A Construção da Identidade Filarmónica: a via das Bandas Juvenis – Estudo de Caso nas Escolas de Música do Concelho de Sintra* deveu-se sobretudo à experiência musical da mestranda enquanto aluna e professora de saxofone de uma Escola de Música pertencente a uma Banda Filarmónica.

Quando iniciou os seus estudos musicais aos sete anos de idade, o modelo utilizado para o começo da aprendizagem musical consistia num método de ensino não-formal que possibilitava não só o acesso gratuito a aulas de música, mas também a facilidade do empréstimo de um instrumento de estudo para a prática musical. No seguimento deste método, a mestranda começou por ter aulas de solfejo, com base nos livros de *Solfejo* (1º e 2º Partes) de Freitas Gazul e só depois de alcançar um determinado nível é que foi encaminhada para as aulas de instrumento, que foi escolhido pela própria tendo em conta a disponibilidade da instituição. Após dar continuidade às aulas de solfejo em simultâneo com as aulas de instrumento e depois de obter o mínimo de conhecimento musical, começou a frequentar os ensaios da Banda. Assim que foi considerada apta pelo Maestro, fez o seu primeiro serviço externo já integrada como elemento-músico.

Apesar da mestranda estar expectante e curiosa quanto à frequência dos primeiros ensaios e aos respetivos serviços propostos e solicitados à instituição, o cenário revelou ser o oposto daquele que se imaginava. Revelaram-se inúmeras dificuldades, o que, posteriormente, levou, por vezes, a desmotivação, frustração, ansiedade e baixa autoestima pelo facto de não conseguir acompanhar o trabalho realizado no seio do grupo. Na sua maioria as dificuldades consistiam na correta realização dos vários conteúdos musicais como, por exemplo, saber adaptar-se ao conjunto com todos os outros instrumentos, o que envolvia outros aspetos relativos à afinação, sentido rítmico e pulsação, coordenação motora, aproximação da articulação solicitada, leitura do reportório à primeira vista, processamento e compreensão dos diversos timbres, aparecimento de certos elementos musicais nunca antes vistos ou estudados (ex.: compassos de espera, saltos e outras indicações de partitura), e, principalmente, a direção do Maestro. Para além disso, a parte social e comunicativa também se ressentiu devido à timidez da mestranda por não conseguir executar o que lhe era proposto.

Apesar de alguns destes aspetos mencionados terem sido explorados nas aulas individuais, a frequência da Banda tornou-se para a mestranda uma experiência completamente diferente, uma vez que durante o período da sua aprendizagem musical,

nunca tinha tido contacto com a música de forma conjunta, assim como também não tinha experienciado a sensação de ter alguém à sua frente a dirigi-la enquanto tocava.

Face ao exposto, a mestranda acredita que se tivesse experimentado alguma modalidade que lhe permitisse tocar em conjunto durante a sua aprendizagem inicial, em complemento às aulas de solfejo e instrumento, existiriam largas hipóteses de progredir mais rapidamente levando, desse modo, ao favorecimento da aquisição e à melhoria de inúmeras habilidades motoras e auditivas importantes e essenciais para, mais tarde, integrar a Banda Filarmónica com maior facilidade e melhor domínio musical.

Em relação ao primeiro ano como professora da Escola de Música onde atualmente leciona, a mestranda apercebeu-se no decorrer das aulas que os alunos se sentiam um pouco desmotivados, revelando níveis baixos de evolução e de prática do seu instrumento musical. Apesar disso, verificou que em todas as audições realizadas pela escola, nas épocas festivas e no final do ano letivo, os alunos quando se encontravam uns com os outros, demonstravam uma alegria imensa e muita vontade de tocar em conjunto. Por vezes, executavam em jeito de brincadeira algumas melodias completamente aleatórias entre eles, demonstrando interesse em criar duetos e grupos musicais com os colegas. Este cenário revelou ter semelhanças com a experiência pessoal da professora, uma vez que os mesmos tinham somente aulas de solfejo e instrumento, apresentando a necessidade de terem alguma atividade em grupo que os estimulasse e contribuísse para se sentirem mais motivados musicalmente, ajudando no seu processo de evolução.

Por todas estas razões apresentadas, este projeto de investigação consistiu, precisamente, em perceber se realmente a criação de certas valências em grupo são um bom e pertinente método de ensino complementar a ser implantado nas Escolas de Música com o objetivo de possibilitar aos alunos o seu desenvolvimento musical e a conquista de uma melhor preparação individual e social para o ingresso futuro em agrupamentos musicais como as Bandas Filarmónicas.

O presente relatório de estágio será repartido em duas secções: Parte I – Prática Pedagógica e Parte II – Investigação.

Relativamente ao estágio, o mesmo foi realizado no decorrer do ano letivo 2021/2022 na Academia de Amadores de Música, dirigido pelo Professor Cooperante Hélder Alves e com a supervisão do Professor José Massarrão.

PRIMEIRA PARTE – PRÁTICA PEDAGÓGICA

1. Academia de Amadores de Música

1.1. Histórico e Contextualização

A Academia de Amadores de Música (AAM), anteriormente designada por Real Academia de Amadores de Música, foi fundada em 1884 por várias individualidades lisboetas, todas elas com o propósito de difundir, através de uma associação, o gosto pela arte dos sons e proporcionar a todos os amantes da música um ponto de encontro no seio do qual pudessem ouvir, aprender e fazer música.

Figura 1 – Entrada principal da Academia de Amadores de Música



Fonte - <https://www.publico.pt/2022/02/10/local/noticia/cidadaos-lisboa-dao-alento-academia-amadores-musica-1995003>

Considera-se uma associação cultural com personalidade jurídica, sem fins lucrativos e reconhecida de Utilidade Pública desde 27 de março de 1980. Revestida de caráter cultural e pedagógico foi galardoada pelo governo português com a Ordem da Instrução Pública e com a Medalha de Mérito Cultural nesse mesmo ano. Em 2018 foi oficialmente reconhecida, pela Câmara Municipal de Lisboa, como Entidade de Interesse Histórico e Cultural.

No ano de 1998, a Escola da Academia de Amadores de Música foi a primeira escola a obter o estatuto de Autonomia Pedagógica permitindo-lhe, assim, ministrar cursos oficiais (em regime articulado e supletivo) e cursos de planos próprios, frequentados por alunos de todas as faixas etárias.

Pedagogicamente, considera-se uma escola diferente que tem como objetivo levar o mais longe possível o ensino artístico, preparando jovens para a continuidade de Estudos Musicais a nível universitário. Para além disso, pretende também promover e desenvolver a educação musical e a cultura artística dos seus associados por meio da sua escola de música, bem como através de concertos, conferências e outras atividades que contribuam para a democratização da música e dos valores musicais da sociedade portuguesa.

Sendo uma Associação Cultural, concilia o ensino artístico especializado da música com a missão de contágio musical para todos. O seu corpo docente é eclético e interativo, dando formação diversificada e possibilitando a formação especializada ao mais alto nível, assim como a prática musical de qualidade daqueles que apenas desejam estimular e usufruir dos recursos comuns a todos os amantes da Música.

Figura 2 – Logotipo da Academia de Amadores de Música



Fonte - <https://www.amadoresdemusica.org.pt>

1.2. Enquadramento e Caracterização

A Academia de Amadores de Música fica situada na cidade de Lisboa, no número 18 da Rua Nova da Trindade, segundo andar esquerdo. Consiste numa associação cultural com personalidade jurídica ilimitada, com o objetivo de promover e desenvolver a educação musical e a cultura artística dos seus associados através da escola de música, concertos, conferências e outras atividades que contribuam para a democratização da música e dos valores musicais da sociedade portuguesa. De referir que é uma instituição que se rege através de Estatutos, de regulamentos internos e de legislação aplicável.

Com o intuito de salvaguardar a unidade associativa, todos os bens culturais e todo o património da Academia, assim como os direitos de todos e de cada um dos associados, não é permitida a criação de quaisquer outros organismos autónomos dentro da associação.

1.3.Organização e Gestão da Escola

A AAM conta com uma estrutura pedagógica, a qual é compreendida pela Direção Pedagógica, pelo Conselho Pedagógico e pelo Corpo Não Docente.

1.3.1. Direção Pedagógica

A Direção Pedagógica deve ser constituída por um ou mais docentes com as qualificações profissionais legalmente exigidas, estando sujeita a homologação do Ministério da Educação. O seu mandato tem a duração de três anos e pode cessar a qualquer momento por acordo entre a Direção Administrativa e o Conselho Pedagógico.

Relativamente às suas competências encontram-se definidas na Lei e consistem em:

- Representar a Escola junto do Ministério da Tutela em todos os assuntos de natureza pedagógica;
- Planificar e aprovar as atividades curriculares e extracurriculares da Escola, dando conhecimento ao Conselho Pedagógico;
- Promover o cumprimento dos planos e programas de estudo;
- Zelar pela qualidade de ensino e pela educação e disciplina dos alunos;
- Propor à Direção da Academia, mediante concurso documental e/ou prático e após ouvido o Conselho Pedagógico, a contratação de docentes para a Escola;
- Formar comissões de docentes, de alunos ou mistas, onde serão distribuídas tarefas e executadas por eles mesmos;
- Dirigir o Corpo Docente na elaboração de horários e na realização de provas de avaliação, para garantir seriedade e bom nível no ensino;
- Apoiar os Encarregados de Educação na resolução de problemas relacionados com os seus educandos;
- Apresentar à Direção Administrativa a planificação das atividades curriculares e extracurriculares para o novo ano letivo e um relatório de toda a atividade escolar que diga respeito ao ano letivo finalizado;
- Superintender disciplinarmente e em conjunto com a Direção Administrativa todo o pessoal não docente durante o horário de funcionamento da Escola;
- Elaborar e manter atualizado o inventário de todo o material didático colocado ao serviço da Escola e uma relação das carências de equipamento;
- Proceder conjuntamente com a Direção Administrativa na gestão de todo o equipamento colocado ao serviço da Escola;

- Representar a Escola em conjunto com a Direção Administrativa perante outras entidades, podendo para o efeito celebrar protocolos ou acordos de cooperação;
- Elaborar e distribuir por todos os Docentes o calendário escolar.

1.3.2. Conselho Pedagógico

O Conselho Pedagógico é constituído por Docentes delegados, eleitos por cada uma das áreas de ensino ministradas na Escola. De referir que, de entre os Docentes que o constituem, poderão integrar um aluno e um encarregado de educação designados pelos mesmos.

É o órgão consultivo e coadjuvante da Direção Pedagógica no exercício das suas funções, tendo as seguintes competências:

- Dar parecer sobre assuntos de natureza pedagógica e disciplinar postos à sua apreciação, assim como sobre a realização de atividades exercidas por docentes e alunos da Escola, masterclasses e outras atividades extracurriculares;
- Deliberar sobre a admissão de novos docentes, após consulta da respetiva classe, salvo os casos excecionais devidamente fundamentados pela Direção Pedagógica.

1.3.3. Corpo Não Docente

Este Corpo é constituído pelos Serviços Administrativos e pelo Pessoal Auxiliar/Apoio Escolar.

No que diz respeito aos Serviços Administrativos, compete-lhes secretariar as direções e garantir toda a gestão burocrática de alunos e professores, assim como estabelecer contacto com os encarregados de educação sobre aspetos relacionados com a organização da escola de música.

Ao Pessoal Auxiliar/Apoio Escolar, compete-lhe gerir os espaços interiores da instituição, garantir a segurança dos seus utilizadores e fazer todo o controlo das entradas e saídas para o exterior. Para além disso, ainda lhes compete dar acompanhamento e apoio logístico aos alunos menores e aos seus encarregados de educação.

1.4. Instalações e Equipamentos

No que diz respeito às instalações e demais equipamentos, as instalações da Escola de Música são constituídas por:

- “Sala Tomás Borba” que é geralmente utilizada como auditório e sendo uma sala espaçosa, também é utilizada como salas de ensaio para grandes grupos, como por exemplo ensaios de orquestra, aulas de percussão, sessões para bebês, cursos de formação, conferências e masterclasses;
- 16 salas de aula, pelas quais estão repartidas por: uma sala para as classes de pré-iniciação; uma sala para ensaios de pequenos grupos de câmara; quatro salas para as disciplinas teóricas como Formação musical, História da Música, entre outras; restantes salas destinam-se para as aulas individuais de instrumento;
- Sala de espera situada no átrio da entrada da AAM que se destina aos encarregados de educação enquanto esperam pelos seus educandos;
- A biblioteca onde contém livros, partituras, CDs/DVDs e demais material útil para alunos e professores;
- A secretaria que funciona numa única área, disposta para o atendimento ao público e arquivo de material administrativo diverso.
- A Direção Pedagógica e Direção Administrativa que dispõe de duas salas autónomas.
- Outros recursos indispensáveis, os quais estão disponíveis para utilização sempre que seja necessário, como aparelhagens portáteis, projetores, pianos digitais, alguns instrumentos (guitarras, contrabaixos, violoncelos, clarinetes, violinos, saxofone).

1.5. Projeto Educativo

O Projeto Educativo consiste no documento que em termos legais consagra a orientação educativa de uma escola por um período de três anos, reconhecendo o poder

que tem para tomar decisões no domínio estratégico, pedagógico e administrativo, no respetivo enquadramento legal.

Está explicitamente presente neste documento os princípios pelos quais a Escola de Música da Academia de Amadores de Música se rege e as metas a que se propõe a cumprir, com a ambição de adequá-las às suas características e recursos, bem como às necessidades da comunidade em que se insere e à qual está ligada.

Este projeto funciona como orientador pedagógico da atuação da AAM que tem em vista a promoção e dinamização cultural.

1.6. Missão e Objetivos Gerais

A AAM tem por objetivos promover e divulgar a Cultura Musical, querendo essa promoção e divulgação ter o maior alcance possível. Para além disso, tem como objetivo permitir o acesso ao Ensino da Música a todas as faixas etárias a que está sujeita. Procura essencialmente, criar uma ligação entre a comunidade e a atividade da instituição, implicando que a oferta formativa seja maior para todos aqueles que queiram receber formação nesta área. No parâmetro “Oferta Educativa” serão detalhados todos os cursos a que qualquer pessoa poderá inscrever-se na Academia.

1.7. Oferta Educativa

Atualmente, a Academia de Amadores de Música leciona cursos em variadíssimas áreas: Iniciação Musical/Pré-Iniciação, Formação Musical, Estudo de Reportório, Análise e Técnicas de Composição, Acústica Musical, História da Cultura e das Artes / História da Música, Italiano, Classe de Conjunto, Canto, Clarinete, Cravo, Contrabaixo, Flauta Transversal, Flauta de Bisel, Guitarra, Guitarra Elétrica, Harpa, Piano, Instrumento de Tecla / Prática de Teclado / Baixo Contínuo, Saxofone, Trompete, Percussão, Violeta, Violino, Violoncelo, Coro dos Pequenos Cantores da AAM, Coro dos Pequenos Cantores da AAM/AEB, Coro de Câmara, Estúdio de Ópera e Ensemble de Guitarras.

A oferta educativa da AAM não abrange por si só os cursos de música oficiais, abrangendo também outras modalidades de ensino, que vão desde cursos de planos próprios, à oferta de formação a Encarregados de Educação e familiares de formandos do Ensino Especializado da Música, através do Programa *Estudemos* (formação de apoio ao estudo da música) e à Criação de um Coro de Pais.

1.7.1. Cursos Ministrados

Tabela 1 - Cursos Oficiais da AAM

CURSOS OFICIAIS	
Curso Básico de Música	<ul style="list-style-type: none">▪ Regime Supletivo▪ 2º e 3º Ciclo de Ensino Básico▪ Outros alunos, fora da escolaridade que queiram um curso de música certificado
Curso Secundário de Música	<ul style="list-style-type: none">▪ Regime Supletivo▪ Ensino Secundário▪ Outros alunos, fora da escolaridade que queiram um curso de música certificado
Cursos Livres e frequência por disciplina	<ul style="list-style-type: none">▪ Curso livre de instrumento sem plano de estudo obrigatório▪ Frequência por disciplina

Tabela 2 - Cursos de Planos Próprios da AAM

CURSOS DE PLANOS PRÓPRIOS
▪ Sessões musicais para bebés (crianças dos 0 aos 36 meses)
▪ Pré-Iniciação Musical (crianças dos 3 aos 6 anos)
▪ Classes de Iniciação (1º ciclo do ensino básico)
▪ Introdução à técnica vocal
▪ Iniciação à guitarra elétrica
▪ Leitura e análise para guitarras
▪ <i>Estudemos</i> – Curso de apoio ao estudo para pais

Tabela 3- Cursos de Formação de Professores da AAM

CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
▪ Em parceria com a ESML, a AAM propõe-se a receber e monitorizar alunos do ensino superior no seu estágio profissionalizante/ Mestrado em Ensino de Música da ESML

1.8. Protocolos e Parcerias

Para uma melhor ligação entre a AAM e a restante comunidade, a escola tem vindo a estabelecer protocolos e parcerias com escolas de ensino regular e tem alargado o leque de escolas que, ao nível da situação geográfica e interesse pedagógico, conseguem contribuir beneficemente para os alunos da AAM.

Dos protocolos e parcerias referidas anteriormente, constam a escola EB Fernando Pessoa, a EB Pedro de Santarém, a EB 2,3 Eugénio dos Santos, a Escola Secundária José Gomes Ferreira, o Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre, o Agrupamento de Escolas Baixa-Chiado, a Escola Secundária de Camões, a Escola Básica e Secundária Pedro Nunes. Para além destes protocolos, a AAM também conta com a colaboração de instituições públicas e privadas, como a CML, a EGEAC, a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, a Secretaria Geral do Ministério da Justiça, o Teatro Nacional de S. Carlos, a Fundação Calouste Gulbenkian, o CCB, a Escola Superior de Música de Lisboa, a Escola Superior de Educação de Lisboa, a Escola de Música do Conservatório Nacional, a Igreja de Nossa Senhora do Loreto, a Basília dos Mártires, a Associação de Pais do Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre, a Associação de Pais da Escola Secundária de Camões, o Grupo Sorisa, a Instituição Profundamente, entre outras.

1.9. Análise SWOT

Na sua teoria, a sigla SWOT é proveniente da combinação das designações inglesas *Strengths* (Forças), *Weaknesses* (Fraquezas), *Opportunities* (Oportunidades) e *Threats* (Ameaças). A sua análise tem por objetivo efetuar um plano estratégico que vise identificar os pontos fortes e fracos de uma organização, assim como as oportunidades e possíveis ameaças, de forma a potencializar o desempenho da mesma.

Na Tabela 4, abaixo representada, será feita uma análise SWOT referente aos pontos *Strengths* (Forças) e *Opportunities* (Oportunidades)

Tabela 4- Análise SWOT

<i>STRENGTHS – FORÇAS</i>	<i>OPPORTUNITIES-OPORTUNIDADES</i>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Direção e Corpo Docente dedicado, com elevada formação pedagógica e artística; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Variedade de atividades artísticas (concertos, masterclasses, seminários, conferências e workshops);
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Boa oferta educativa; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Possibilidade de empréstimo de instrumentos aos alunos;
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fomentar o envolvimento da comunidade na atividade da Escola; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Realização de recitais e audições periódicas;
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Atualização periódica dos programas curriculares, bem como a definição dos critérios de avaliação; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Oferta de um sistema de ensino diversificado: Música para bebés, Iniciação Musical, Básico e Secundário, nos regimes Articulado, Supletivo ou Livre;
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aquisição e renovação de material pedagógico; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Criação de intercâmbios com diversas instituições culturais;
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Incentivar a formação técnica e pedagógica dos professores 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sensibilização para a música através de apresentações/demonstrações instrumentais e outras animações musicais.

2. Práticas Educativas Desenvolvidas/Estágio

2.1. Enquadramento

O modelo de ensino estabelecido na AAM é regido pelos parâmetros regulados pelo Ministério da Educação referentes ao Ensino Especializado da Música, através do qual o número de horas de instrumento que um aluno tem depende do grau e do curso que se encontra a frequentar. De referir que a carga horária semanal aqui instituída está organizada por períodos de 30 minutos e 45 minutos, sendo os 30 minutos para a classe de Iniciação e os 45 minutos para os cursos básico e secundário.

No presente relatório são apresentados, para cada aluno, os conteúdos programáticos abordados, as diferentes competências que se desenvolveram no decorrer de todo o ano letivo e ainda uma descrição das aulas que foram lecionadas.

Na sua totalidade, foram observadas 27 aulas e lecionadas, três aulas por cada aluno, perfazendo, assim, 81 aulas observadas e nove aulas lecionadas a cada um.

Na tabela abaixo estão representadas o número de aulas lecionadas referidas anteriormente, assim como o respetivo ano e mês:

Tabela 5 - Nº de aulas lecionadas no ano letivo 2021/2022

ANO 2021				ANO 2022					
	outubro	novembro	dezembro	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho
Aluno A	2	4	1	3	4	4	3	4	2
Aluno B	2	4	1	3	4	4	3	4	2
Aluno C	2	4	1	3	4	4	3	4	2

Seguidamente é apresentada a tabela com os horários das aulas de saxofone de cada aluno, em regime de observação, durante o ano letivo 2021/2022.

Tabela 6 - Horários das aulas de saxofone em regime de observação

Aluno A	Quarta-feira	16h45 – 17h30
Aluno B	Quarta-feira	17h45 – 18h30
Aluno C	Quarta-feira	18h30 – 19h15

Com o intuito de manter a identidade dos alunos em anonimato e com a devida concordância e autorização dos encarregados de educação na participação dos seus educandos neste projeto da mestranda, os três alunos envolvidos são identificados como Aluno A (3º Grau), Aluno B (4º Grau) e Aluno C (6º Grau).

De frisar igualmente que foi solicitado aos encarregados de educação, através de um documento que consta dos anexos ao presente trabalho, a devida permissão para se proceder à gravação em vídeo das nove aulas dos seus educandos, com a finalidade de servir como objeto de análise da prática pedagógica desenvolvida.

2.2. Caracterização dos Alunos - Influências Musicais / Percurso

2.2.1. Aluno A: Curso Básico (3ºGrau)

O Aluno A é do género masculino, tem 12 anos de idade e vive na cidade de Lisboa. Na altura, encontrava-se a frequentar o 7º ano de escolaridade no Ensino Regular, correspondendo ao 3º grau do Curso Básico de Música. O primeiro contacto com a música

surgiu numa idade bastante precoce, entre os 6 e os 7 anos, começando a ter aulas particulares de piano na sua residência em Lisboa.

No seio familiar, apesar de não ter ninguém ligado à música, o seu pai é licenciado em artes, exercendo a sua profissão como ator e pintor, sendo igualmente um amante de música. Na transição da escola primária para o ensino básico regular, o aluno demonstrou interesse em querer praticar alguma atividade extra que conseguisse preencher os seus tempos livres e, como já frequentava aulas de piano, o gosto pela música suscitou-lhe cada vez mais entusiasmo. Foi desta forma que, em conversa com os pais, surgiu a possibilidade de ir aprender música de uma forma mais séria, e não apenas esporádica, como se verificava com as aulas particulares de piano. Assim sendo, participou numa apresentação de instrumentos organizada pela Escola da Academia de Amadores de Música onde, de entre vários instrumentos disponíveis, e após ter experimentado alguns, se rendeu ao saxofone, instrumento que se tornou o da sua eleição.

Foi então aos oito anos de idade que, após ter ingressado no 4º ano de escolaridade, iniciou também o seu percurso musical na Iniciação Musical em saxofone. Após um ano de aprendizagem na Academia, voltou a participar numa outra sessão de apresentação de instrumentos e não teve dúvidas de que era mesmo o saxofone o instrumento de eleição para dar continuidade aos seus estudos musicais. Iniciou o seu 1º grau nesse mesmo ano com o Professor Hélder Alves.

Após uma breve conversa entre a mestrande e o Aluno A, este revelou que, apesar de ainda ser novo e estar numa fase de descoberta quanto às opções de futuro relativas aos seus estudos, considerava o saxofone parte integrante das suas ambições numa futura profissão, contudo, naquele momento, manter-se-ia como um *hobby* na sua vida.

2.2.2. Aluno B: Curso Básico (4ºGrau)

O Aluno B, do género masculino, tem 13 anos e vive em Lisboa. Naquele momento, encontrava-se a frequentar o 4º grau do Curso Básico de Música, estando no 8º ano do Ensino Básico Regular.

Aos oito anos de idade começou a aprender a tocar cavaquinho numa associação de lazer próxima da sua zona residencial, na qual aproveitava para passar os seus tempos livres. O despertar para a música fez-se sentir nessa altura, o que o levou a ter uma maior curiosidade em querer aprender mais. Desta forma, à semelhança do Aluno A, participou igualmente na apresentação de instrumentos que teve lugar na Academia e após ter experimentado alguns deles, o mais chamativo, tanto pela aparência como pelo som

emitido, foi o saxofone. Assim, aos nove anos de idade ingressou no 1º grau do Curso Básico de Música na classe do professor Hélder Alves.

Em termos de influência musical na sua família, apenas se destacava o seu pai, que o Aluno B disse ser um apreciador nato do género musical rock, que até possuía uma guitarra, que aprendeu a tocar autonomamente, praticando apenas por diversão e lazer. Durante a pandemia, ambos, o pai e o Aluno B, chegaram a realizar alguns duos com guitarra e saxofone.

Para o Aluno B, o saxofone foi algo que o surpreendeu muito pela positiva e, embora seja considerada uma atividade extracurricular do seu dia a dia, não retira a possibilidade de num futuro próximo dar a continuidade devida aos seus estudos musicais, passando a ser o seu instrumento de trabalho a nível profissional.

2.2.3. Aluno C: Curso Livre (6º Grau)

O Aluno C encontra-se a frequentar o 10º ano em Ciências Socioeconómicas. Tem 16 anos e vive em Lisboa. A música entrou na sua vida desde muito cedo com aulas particulares de piano um ano antes de escolher o saxofone como o seu instrumento de eleição. O piano surgiu por influência de uma das suas irmãs que também se encontrava a frequentar aulas de piano e ao assistir com bastante frequência a essas aulas, transmitiu-lhe uma certa curiosidade em querer experimentar.

Contudo, o gosto e o interesse em querer tocar um instrumento de sopro estava muito presente na sua ideia e por isso, após um ano de aulas de piano, o aluno deslocou-se à Academia de Amadores de Música para uma apresentação de instrumentos organizada pela escola, onde pôde experimentar os mais diversos instrumentos. Dos primeiros que experimentou foi clarinete e trompete, mas não conseguiu tirar som em ambos. Quando experimentou saxofone, diz que não teve qualquer dúvida que seria o instrumento que gostava de tocar. Para além de ter conseguido tirar som assim que experimentou, já tinha na ideia que o saxofone poderia vir a ser o escolhido, uma vez que os pais também gostavam muito. Iniciou então os seus estudos no saxofone com 9 anos, a frequentar o grau de Iniciação Musical com o professor Hélder Alves.

A família é um grande pilar para este Aluno C e uma fonte de inspiração, uma vez que todos estão ligados à música, incluindo os familiares mais próximos, pais e irmãos. A mãe concluiu o 8º grau em flauta no Conservatório de Castelo Branco, os irmãos tocam todos um instrumento musical, desde contrabaixo, piano e guitarra. Para além disso, o seu padrinho toca igualmente guitarra e na pandemia chegaram a realizar alguns duos com

saxofone, o que se tornou bastante positivo para a motivação e desenvolvimento musical do Aluno C.

Apesar de estar a estudar uma área completamente distinta do meio artístico, o saxofone é visto como algo muito sério nos seus estudos e relata que não quer seguir música para a sua vida profissional, no entanto, gostava de dar continuidade ao saxofone apenas por puro prazer e diversão.

2.3. Caracterização dos Alunos - Aulas Observadas/Lecionadas

2.3.1 Aluno A: Curso Básico (3ºGrau)

O Aluno A foi um aluno que desde logo demonstrou ser muito trabalhador, empenhado e dedicado no estudo do saxofone. Em todas as aulas apresentou-se sempre com uma postura muito correta e disposto a aprender e a adquirir novos conhecimentos. Na ânsia de fazer tudo certo e com o sentido de perfeccionismo muito apurado nas suas características, por vezes, demonstrava uma certa ansiedade e nervosismo de cada vez que não conseguia realizar algum exercício ou quando o professor o chamava a atenção para algum pormenor. Ainda assim, conseguia manter o foco e a persistência necessária para dar o seu melhor, juntamente com toda a ajuda e apoio dados pelo professor orientador.

Numa visão geral da mestranda, as aulas foram, de facto, muito agradáveis e bastante produtivas para o aluno na medida em que, de aula para aula, verificavam-se melhorias significativas na execução de todo o repertório, desde os estudos à peça e demais exercícios realizados nas escalas. De facto, todas estas melhorias verificadas deveram-se sobretudo aos excelentes hábitos de estudo revelados pelo aluno, assim como ao interesse em querer melhorar e fazer cada vez melhor todos os aspetos menos conseguidos referidos pelo professor.

Em complemento a todos os pontos já mencionados, as aulas deste aluno tornavam-se pedagogicamente mais apelativas para o professor orientador e para a estagiária, uma vez que todas as indicações e demais *feedback* transmitido pelo professor, era acatado pelo aluno com prontidão ainda que pudessem existir dificuldades a nível técnico e físico.

Relativamente ao programa que foi lecionado durante o ano, o Aluno A cumpriu com tudo aquilo que lhe foi proposto. Todo o repertório trabalhado, desde os estudos às peças, assim como os recursos utilizados nas aulas, estarão referidos abaixo na tabela 7.

Tabela 7 - Recursos e repertório utilizado ao longo das aulas do Aluno A

RECURSOS	REPERTÓRIO
▪ Espelho	▪ Précis pour l'étude des gammes pour saxophone de Guy Lacour
▪ Estante	▪ Saxotempo Vol. 2 de Gilles Martin
▪ Metrônomo	▪ Gavotte des Damoiselles, Eugène Bozza
▪ Partituras	▪ Baghira, Ferrer Ferran
▪ Saxofone Alto	▪ 23 Mini-Puzzles, Hubert Prati
▪ Piano	▪ 29 Études Progressives Très Faciles et Faciles pour Le Saxophone, Hubert Prati

O repertório para este ano foi escolhido com base nas dificuldades mais visíveis do aluno para que as mesmas pudessem ser trabalhadas e posteriormente ultrapassadas. Destas dificuldades, destacam-se sobretudo a incapacidade de articular as notas de uma forma mais controlada, executando cada articulação de forma exatamente como está escrita, isto é, não conseguia fazer uma maior diferenciação das articulações existentes; a incapacidade de fazer uma boa respiração inicial antes da execução de qualquer frase musical ou exercício, impossibilitando a projeção de um som mais robusto, consistente e timbrado.

Sendo que uma das maiores dificuldades do Aluno A era conseguir obter um som cheio e projetado em todo o registo do saxofone, verificou-se ao longo das aulas que o aluno conseguia combater essa dificuldade apenas quando toca em conjunto com o professor. Foi realmente notória a diferença sonora que se fez notar sempre que o aluno tocou sozinho o exercício ou quando tocou acompanhado pelo professor. De referir que logo após ter tocado algumas vezes com o professor, assim que repetia o exercício sozinho, conseguia reproduzir um som maior e com mais atitude, querendo isto dizer que o aluno ao tocar em conjunto conseguia captar de forma mais eficiente certo tipo de aspetos que são fundamentais para o seu desenvolvimento individual no saxofone.

Ritmicamente, o Aluno A é um aluno razoável, sem grandes dificuldades rítmicas aparentes. De vez em quando, assim que surgia algum ritmo mais complexo e de difícil percepção para o aluno, bastava o professor exemplificar/cantar ou solfejar em conjunto com ele, que rapidamente ficava esclarecido. Este tipo de processo de ensino foi realizado muitas vezes através da imitação, isto é, o professor exemplificava no saxofone ou cantava, pedindo ao aluno para o repetir imediatamente a seguir.

Ao nível da postura, apesar de se verificar alguma tensão inicial no começo de cada aula, aos poucos o aluno ia começando a ficar mais descontraído, o que, por sua vez, o ajudava a ter um melhor domínio técnico. Ainda no que diz respeito à postura, é de frisar que o aluno nunca conseguiu colocar corretamente a correia do saxofone sem estar torcida ou à altura adequada à da embocadura, o que provocava muitas vezes uma postura menos boa, nomeadamente ao nível do pescoço, prejudicando-o na forma de tocar.

As aulas tinham a duração de 45 minutos e foram repartidas maioritariamente em três partes: primeiramente, executou-se a escala escolhida na aula anterior com duas oitavas, onde eram solicitados, pelo professor, vários exercícios com articulações e ritmos diferentes; de seguida, executavam-se os estudos, começando a maior parte das vezes por dar uma leitura de início ao fim e depois trabalhados por secções; por fim, trabalhava-se a peça ou apenas um andamento da peça com o mesmo género de trabalho que se fazia nos estudos. O aluno apenas direccionou a sua prática musical para o saxofone alto.

2.3.1. Aluno B: Curso Básico (4ºGrau)

O Aluno B, apesar de revelar enormes capacidades musicais e gosto pelo curso, é um aluno que revela poucos hábitos de estudo em casa e muitas dificuldades em ser metódico e organizado, o que afeta o estudo individual e, conseqüentemente, o desempenho em aula. Ao longo dos três períodos, foi notório que o aluno poucas vezes praticava em casa os conteúdos aprendidos nas aulas e, por isso, todo este processo levou a que o mesmo tivesse uma evolução mais lenta do que se pretendia. O professor viu-se obrigado a mandar várias vezes o mesmo trabalho para casa, assim como a abordar os mesmos aspetos já falados em aulas anteriores, atrasando a introdução de novos objetivos. Para além destes pontos menos positivos, a falta de bons hábitos de estudo por vezes dava origem a alguma desmotivação por parte do aluno pelo facto de não ser capaz de atingir os objetivos que lhe eram exigidos no saxofone, levando a que as aulas fossem menos produtivas e pedagogicamente pouco interessantes. Para que esta lacuna fosse ultrapassada, o professor transmitia ao aluno, aula após aula, algumas técnicas e

estratégias de estudo em casa, para que, quando chegasse à aula de saxofone, apresentasse o repertório que lhe foi exigido e o professor pudesse transmitir outro tipo de conhecimentos musicais para melhorar a sua *performance*. Ainda assim, estas estratégias não foram suficientes e o aluno continuava a apresentar pouca regularidade de estudo, impedindo a aquisição de competências metacognitivas essenciais para o seu percurso musical no saxofone. É importante mencionar que, apesar do referido estudo insuficiente por parte do aluno a evolução em contexto de aula foi positiva. O aluno era capaz de suplantar as suas deficiências com as orientações prestadas pelo professor.

Através deste método de ensino, servimo-nos da repetição como método para ultrapassar as dificuldades. Apesar do desinteresse demonstrado pelo aluno, o resultado revelou-se satisfatório porque com isso foi possível colmatar os problemas encontrados.

Após algumas chamadas de atenção por parte do professor orientador, a partir de uma certa altura, foi visível que o aluno se mostrou mais interessado pelas aulas e tomou alguma consciência da importância que um estudo regular pode ter na busca de bons resultados no saxofone. Foi então revelado um pouco mais de empenho e notou-se um grande esforço na procura de atitude mais positiva, assertiva e disciplinada, nomeadamente na organização dos seus materiais de estudo.

Em termos de programa lecionado durante o ano letivo, cumpriu-se com o que se tinha programado, embora não se tenha avançado muito rapidamente com os estudos. Todo o repertório que foi estudado e demais recursos utilizados durante as aulas estão representados abaixo na Tabela 8.

Tabela 8 - Recursos e repertório utilizado ao longo das aulas do Aluno B

RECURSOS	REPERTÓRIO
▪ Metrónomo	▪ Précis pour l'étude des gammes pour saxophone, Guy Lacour
▪ Espelho	▪ 50 Études Faciles et Progressives vol. 1 e 2, Guy Lacour
▪ Partituras	▪ 35 Études Techniques, René Decouais
▪ Saxofone Alto	▪ Vieille Chanson et Rondinade, Pierre Max Dubois
▪ Saxofone Tenor	▪ Andante et Allegro pour saxophone alto, André Chaillex
▪ Piano	▪ Concertino Opus 78, J.B. Singelée

À semelhança das aulas do Aluno A, as do Aluno B mantiveram-se com uma duração de 45 minutos e foram repartidas e adaptadas conforme a prioridade dos objetivos a cumprir. Como o aluno se focou bastante na prática do saxofone tenor durante o período escolar, tendo estudado uma peça para o mesmo, muitas vezes as aulas eram divididas apenas em duas partes: escala e peça. Nas aulas dedicadas à peça do saxofone tenor, por vezes, era-lhe solicitado, como aquecimento, a escala da tonalidade de um dos andamentos a ser trabalhado. Outras vezes, as aulas eram divididas em três partes em que na primeira parte se fazia a escala, a segunda parte era dedicada aos estudos no saxofone alto e posteriormente era trabalhada, na terceira parte, a peça no saxofone tenor. Para uma melhor preparação para a execução da peça referida anteriormente, houve vezes em que os estudos eram praticados no saxofone tenor, uma vez que permitia ao aluno trabalhar aspetos muito importantes, nomeadamente em termos de articulação, som e resistência física.

Relativamente às dificuldades mais presentes neste aluno, destacavam-se sobretudo a homogeneidade do som em todo o registo do saxofone, principalmente no registo agudo que muitas vezes saía estridente e pouco timbrado; o controlo da articulação sem que os ataques das notas saíssem em *slap*¹; pouca noção do que é o fraseado, isto é, não conseguia executar uma frase com direção, sem quebra, explorando mais as dinâmicas dando um certo carácter que se adequasse ao que estava escrito, quer nas peças, quer nos estudos; pouco controlo da pulsação principalmente nas escalas e nos estudos técnicos.

Ao nível da postura, o aluno possui uma postura correta e tem autonomia própria para saber quando é que a correia do saxofone está ou não bem colocada, assim como a boquilha e a palheta. Por vezes, verifica-se uma certa tensão nas mãos e nos ombros, nomeadamente no ombro esquerdo, que ficava demasiado elevado, dificultando o domínio técnico do instrumento. Ritmicamente, é um aluno com alguns problemas, fruto de algumas dificuldades já aduzidas, mas ao longo dos períodos foi melhorando significativamente.

¹ *Slap* – Uma técnica muito comum nos baixos elétricos, em que consiste na percussão agressiva das cordas. No caso do saxofone, de modo a produzir esse som percussivo, é uma técnica que exige o uso da língua sob a forma de ventosa sobre a palheta de modo a criar um vácuo, que, com a libertação da língua, faz com que a palheta bata com força na boquilha, produzindo o som percutido. (Michat, 2010, p.28)

2.3.2. Aluno C: Curso Livre (6º Grau)

Através das informações recolhidas durante as aulas e com os relatos prestados pelo professor orientador da disciplina, testemunhou-se que o Aluno C era extremamente inteligente e empenhado em tudo o que fazia, quer na escola regular que atualmente frequenta, quer na Academia. Revelou desde início muito bons hábitos de estudo e grande interesse na concretização dos seus objetivos musicais. Embora esteja integrado no Curso Livre, o saxofone para ele não deixou de ser visto como algo avaliativo e, por isso, esforçou-se muito para conciliar os estudos da escola regular com os do saxofone.

A sua presença nas aulas é vista com uma atitude sempre muito positiva, séria e com uma postura muito correta, mostrando-se muito interessado e com muita vontade em querer adquirir novos conhecimentos relacionados com o instrumento. Através da sua curiosidade, tem o hábito de questionar muitas vezes o professor quanto a dúvidas relacionadas com conteúdos das aulas, por exemplo, sobre o vibrato, posições de notas sobreagudas e também acerca do melhor material para saxofone, desde boquilhas a palhetas. Sempre que houve eventos musicais realizados pela escola, desde masterclasses a audições, demonstrou muita motivação e interesse em querer participar, tendo todo um cuidado prévio de se preparar o melhor possível para os mesmos.

Tabela 9 - Recursos e repertório utilizado ao longo das aulas do Aluno C

RECURSOS	REPERTÓRIO
▪ Metrónomo	▪ Précis pour l'étude des gammes pour saxophone, Guy Lacour
▪ Piano	▪ 25 Exercices Journaliers, Marcel Mule
▪ Espelho	▪ 24 Petites Études Mélodiques pour Saxofone Alto, Gilles Senon
▪ Estante	▪ Improvisation n°1, Ryo Noda
▪ Saxofone Soprano	▪ Sonate (partita) para flauta BWV 1013, J.S. Bach (transcrição)
▪ Saxofone Alto	▪ Sonate para oboé em Ré Maior, Saints-Saens (transcrição)

2.4. Caracterização dos Alunos - Aulas Gravadas/Lecionadas pela Mestranda

2.4.1. Aluno A (3º Grau)

Como foi previamente definido, foram gravadas três aulas do aluno A, uma por cada período. Relativamente à primeira aula foram feitos alguns reparos sobre o equilíbrio sonoro nos registos grave e agudo do saxofone e houve maior foco em conseguir que a articulação fosse mais definida. Foram igualmente feitas algumas correções ao nível da posição da boquilha e da correia, assim como da postura. O conteúdo que foi trabalhado primeiramente foi a escala como forma de aquecimento, seguido dos estudos melódicos e técnicos passando-se posteriormente para a peça de reportório.

No decorrer da aula, a mestranda teve o cuidado de utilizar um vocabulário fluente e de fácil perceção para que o aluno seguisse as suas orientações sem gerar quaisquer tipos de dúvidas. Para além disso, houve a preocupação inicial de verificar se o material que o aluno usava estaria bem colocado e se estaria igualmente com uma postura relaxada, de forma a sentir-se o mais confortável possível para dar continuidade à aula.

Na sua generalidade, o recurso mais utilizado pela mestranda nestas três aulas lecionadas foi o método da exemplificação através do saxofone, assim como tocar em simultâneo com o aluno. Estes métodos demonstraram ser muito importantes nas aulas, na medida em que o aluno conseguia obter as referências necessárias para uma melhor interpretação dos conteúdos e, desta forma, aproximar-se mais rapidamente do que se pretendia alcançar. Por outro lado, foi bastante notório, não só nas aulas gravadas como nas restantes observadas pela mestranda, que o aluno reage de forma diferente sempre que toca acompanhado, comparativamente com a prática a solo. Um dos aspetos mais visíveis é ao nível da projeção do som. Por exemplo, quando executava os exercícios sozinho, o som considerava-se pequeno, mesmo que lhe fosse pedido para tocar mais à vontade. Quando os executava em conjunto com o/a professor/a, conseguia emitir um som mais robusto, com mais atitude e sentia-se mais seguro na sua *performance*.

Na segunda aula lecionada a sequência dos conteúdos a trabalhar foram idênticos aos desenvolvidos na primeira aula. A mestranda utilizou os mesmos exercícios de articulação da aula anterior e sentiram-se bastantes melhorias na forma de articular e na qualidade do som comparativamente à gravação da primeira aula. Contudo, os ataques da região dos graves nem sempre foram os mais perceptíveis, influenciando bastante as passagens nos exercícios da escala. Para além disso, a forma de soprar do aluno também refletia algumas dificuldades nessa região mais grave, levando-o a trabalhá-la de forma

isolada durante algum tempo. Foi bastante importante aquela aula, na medida em que os exercícios realizados na escala contribuíram para que o aluno percebesse que terá de se focar mais nesse aspeto relacionado com a forma como deve soprar para conseguir ultrapassar essas dificuldades sentidas, não só nas escalas, como também nos estudos e na peça de repertório a estudar. Relativamente à colocação da boquilha, verificou-se uma melhor colocação da mesma, assim como da embocadura e da postura corporal, o que de facto se refletiu bastante na qualidade do som emitido pelo aluno.

No que diz respeito à terceira e última aula lecionada, foram novamente abordados aspetos que foram desenvolvidos anteriormente. É importante frisar que se verificaram bastantes progressos, nomeadamente na forma de soprar e na qualidade do som que sempre foram dos principais aspetos trabalhados em todas as aulas. No que diz respeito à articulação, será certamente um dos aspetos em que, no próximo ano letivo, o aluno terá de se focar ainda mais, porque embora tenha melhorado imenso, é algo que precisa de maior atenção.

⇒ **Aspetos Positivos:** No que se refere ao trabalho realizado com os conteúdos desenvolvidos nas aulas, a mestranda sentiu a necessidade de adotar um certo tipo de técnicas e estratégias mais dinâmicas para que o aluno conseguisse desempenhar com maior rapidez e afinco o que lhe era pedido, sem perder o foco e a motivação para alcançar bons resultados.

Na sua maioria, a mestranda deu sempre muito *feedback* ao aluno sobre os aspetos que apresentavam maior dificuldade, utilizando bastante o método da exemplificação e de tocar em conjunto com o aluno, para o mesmo se sentir mais à vontade e com uma maior ambição de continuar a evoluir.

⇒ **Aspetos a Melhorar:** Após a análise das gravações, a mestranda notou que o aluno sente amiúde a necessidade que toque com ele para conseguir chegar mais rapidamente aos objetivos definidos. Como já foi dito anteriormente, tem uma reação muito mais ativa sempre que toca acompanhado. Terá de ganhar um pouco mais de autonomia e não depender tanto desse apoio para obter melhores resultados.

Observou-se igualmente que o aluno demonstra um certo nervosismo e receio em falhar no início da aula, levando-o a ter uma postura um pouco tensa. Terá de melhorar esse aspeto e tentar relaxar ao máximo para que as eventuais falhas sejam levadas com maior naturalidade, sempre na perspetiva de as melhorar.

2.4.2. Aluno B (4º Grau)

Tal como o Aluno A, foram gravadas três aulas ao Aluno B como inicialmente estava estabelecido. Na primeira aula lecionada pela mestranda foram abordados determinados conteúdos para que o aluno conseguisse adquirir um melhor domínio sobre o instrumento. Os conteúdos mencionados consistiram na escala de aquecimento, nos estudos melódicos, nos estudos técnicos e na leitura da peça de repertório.

No início da aula foram feitos alguns reparos no que diz respeito à má colocação da boquilha e da correia, o que por sua vez influenciava a forma de tocar, assim como a adoção de uma postura pouco correta para dar continuidade à aula. De um modo geral, houve uma ótima resposta por parte do aluno a todas as orientações e demais informações transmitidas pela mestranda. Pode-se concluir que o aluno conseguiu reproduzir com bastante facilidade tudo o que absorvia das exemplificações da professora, tornando a aula bastante dinâmica e produtiva. Para além disso, o aluno adquiriu boas ferramentas para posteriormente usá-las no seu estudo diário.

Contrariamente ao que foi mencionado na primeira aula, a segunda foi uma aula muito pouco produtiva, tendo o aluno revelado muitas dificuldades. Estas não surgiram por falta de capacidades, mas deveram-se sobretudo ao estudo insuficiente dos conteúdos para a aula em causa. Ainda assim, a mestranda manteve uma postura assertiva e tranquila, tentando fornecer-lhe diferentes formas e estratégias para ajudá-lo a ultrapassar os problemas sentidos.

Relativamente à terceira aula, os conteúdos abordados foram semelhantes às restantes aulas. O aluno começou pela escala de aquecimento onde se tentou trabalhar alguns aspetos relacionados com o som e com a articulação. Comparativamente com as aulas gravadas anteriormente, verificou-se que alguns dos aspetos que foram trabalhados ao longo das aulas foram bem assimilados, nomeadamente questões relacionadas com a postura corporal, a embocadura, bem como a correta colocação da boquilha e a qualidade do som emitida. Contudo, houve outros que continuaram a ser bastante visíveis, como a falta de preparação dos conteúdos solicitados para a aula de saxofone. Esta falta de estudo foi novamente verificada nesta terceira aula, o que realmente tornou as aulas menos dinâmicas e algo maçadoras porque, em vez da professora poder trabalhar determinados aspetos mais específicos para melhorar a execução dos conteúdos, esta está constantemente a corrigir erros que podiam ser possivelmente evitados se houvesse uma melhor preparação por parte do aluno. Ainda assim, a mestranda manteve-se positiva e

tentou arranjar alternativas diferentes para que a aula não se tornasse tão cansativa e não desmotivasse o aluno para a realização dos exercícios.

Concluiu-se que no próximo ano letivo o aluno terá de se empenhar e de se dedicar muito mais ao estudo do saxofone, afim de conseguir alcançar bons e melhores resultados com maior eficiência e celeridade.

⇒ **Aspetos Positivos:** Na sequência das três aulas lecionadas, a mestranda teve a necessidade de adequar a sua forma de lecionar conforme a preparação do aluno para a aula. Foi realmente desafiante, na medida em que teve de adotar e criar determinadas estratégias para que as aulas fossem produtivas e cativantes, levando a que o aluno não desmotivasse pelas dificuldades sentidas.

Relativamente à primeira aula e visto que o aluno correspondeu de forma exímia a todo o *feedback* dado pela professora, a mesma conseguiu sentir-se mais segura e motivada para transmitir-lhe melhor as informações e demais explicações.

⇒ **Aspetos a Melhorar:** De um modo geral, apesar de haver muitos aspetos a melhorar no que diz respeito ao domínio do saxofone, o aluno só conseguirá evoluir nessa parte da aprendizagem se se comprometer a mudar os seus hábitos de estudo. É certamente um dos hábitos que terá de melhorar e adotar no próximo ano letivo para uma melhor aprendizagem e consolidação dos conteúdos abordados em aula.

2.4.3. Aluno C (6º Grau)

No que se refere ao Aluno C, foram igualmente gravadas três aulas, como estava inicialmente definido. Nesta primeira aula foram trabalhados os seguintes conteúdos pela respetiva ordem mencionada: a escala de aquecimento com os demais exercícios inerentes à mesma, um estudo melódico e um estudo técnico. Tentou-se utilizar a escala de aquecimento para aperfeiçoar alguns aspetos específicos para um melhor aproveitamento dos estudos. Destes aspetos referidos dizem respeito, nomeadamente à definição da articulação, à qualidade do som (som contínuo, com amplitude e homogéneo em todos os registos do saxofone) e ao controlo do movimento dos dedos com a língua.

Feita uma análise aprofundada desta primeira aula, é importante frisar que houve uma excelente cooperação entre o aluno e a mestranda. Todas as explicações, orientações e demais exemplificações da professora, foram levadas atentamente pelo aluno e observadas ao pormenor. A mestranda ficou com a sensação de que o aluno saiu da aula

motivado e com o sentimento de dever cumprido, com vontade de melhorar o que correu menos bem.

A segunda aula lecionada foi meramente direcionada para a peça de repertório. Pode-se afirmar que foi uma excelente aula, na medida em que no final da mesma se verificou que todos os aspetos trabalhados foram bem assimilados pelo aluno. Verificou-se igualmente que o facto de a mestranda elogiar o aluno com alguma frequência face ao bom trabalho que ia apresentando, permitiu que o mesmo se sentisse mais confiante na realização daquilo que lhe era solicitado.

A escolha desta peça por parte do professor orientador também foi uma mais valia porque assim o aluno teve a oportunidade de poder explorar e começar a dominar um outro saxofone diferente do que habitualmente estuda, tendo revelado níveis de interesse muito altos e muita curiosidade na aprendizagem do mesmo. Para além disso, o facto de ser uma obra transcrita, ou seja, que não faz parte do leque de repertório saxofonístico, permitiu ao aluno abrir-se a novos horizontes musicais e adaptar-se a outros estilos de música diferentes do repertório clássico para saxofone.

À semelhança da primeira aula, abordaram-se conteúdos idênticos, complementando-a com os restantes dois andamentos da peça de repertório, os quais não se trabalharam na segunda aula lecionada. Nestes dois andamentos mencionados, tentou-se trabalhar sobretudo questões relacionadas com a direção de frase. Este foi dos aspetos mais em falta ao longo das três aulas gravadas, quer na peça, quer nos estudos. É importante também referir que a nível de qualidade do som, postura e domínio do saxofone soprano, o aluno teve uma evolução bastante acentuada, o que permitiu à professora fazer um tipo de trabalho mais focado na parte interpretativa dos conteúdos e não tanto por questões posturais e técnicas do instrumento.

Por último, mas não menos importante, é de salientar que nesta última aula gravada foi notório que o aluno ganhou bastante autonomia em conseguir alcançar os objetivos desejados sem se guiar pelo método de imitação. A mestranda tentou transmitir as suas indicações e demais informações através de pequenas explicações e breves conversas com o aluno, utilizando o saxofone só em casos estritamente necessários. Esta estratégia serviu como uma espécie de treino para quando o aluno estiver no seu estudo diário, lembrar-se das instruções da professora e conseguir transportá-las para o saxofone sem ter qualquer referência auditiva, tendo a sua própria perceção da música e não através da imitação.

⇒ **Aspetos Positivos:** Na sua generalidade, ambas as três aulas foram bastante dinâmicas e houve sempre uma grande entrega por parte da mestranda em querer transmitir todo o seu conhecimento da melhor maneira ao aluno. Isto só foi possível porque o aluno desde logo, mostrou uma atitude positiva e disponível em querer aprender e desenvolver mais as suas capacidades e conhecimentos musicais.

É de frisar também que houve uma atenção extra em utilizar as melhores estratégias e formas de solucionar as dificuldades surgidas, sempre no intuito de o incentivar e motivar para chegar aos resultados mais rapidamente. Observando as gravações também se pode concluir que todas as opiniões e demais *feedback* dado pela mestranda foram muito pertinentes e importantes, na medida em que serviram como uma espécie de estímulo para que suscitasse no aluno uma enorme vontade em evoluir e melhorar cada vez mais a sua performance musical.

⇒ **Aspetos a Melhorar:** Tal como foi mencionado anteriormente, a mestranda utilizou como estratégia de ensino não recorrer em demasia ao uso da exemplificação através do saxofone, no entanto, essa estratégia acarretou não só pontos positivos, como também alguns pontos negativos. Em relação aos pontos negativos pode-se concluir que em determinadas alturas “as pequenas explicações e breves conversas com o aluno” levaram-no a que demorasse o dobro do tempo a chegar ao objetivo final, comparativamente se tivesse desde logo uma referência auditiva do que se pretendia alcançar. Adicionalmente, teve-se que repetir mais vezes o conteúdo específico a trabalhar, diminuindo assim o tempo de aula, o qual podia ter sido eventualmente utilizado para avançar e desenvolver outras matérias.

3. Atividades Extracurriculares

No que diz respeito às atividades extracurriculares, os três alunos intervenientes neste projeto pedagógico participaram ao longo do ano letivo noutras atividades que se realizaram na escola da AAM, as quais foram cruciais para adquirir e desenvolver novos conhecimentos. Dessas atividades, destacam-se as audições periódicas da classe de saxofone, a realização de uma Masterclasse de Saxofone com o Professor José Massarrão e o Professor Hélder Alves, assim como uma Masterclasse de Música de Câmara aberto a qualquer instrumento.

4. Análise Crítica da Atividade Docente

A frequência da mestranda no Estágio do Ensino Especializado ao longo do ano letivo 2021/2022 foi de extrema importância, não só para os três alunos envolvidos, mas também para a atividade profissional da própria. De salientar que todo o trabalho desenvolvido com os alunos se revelou muito gratificante e produtivo, contudo, apesar de terem existido inúmeros aspetos positivos, existem uns tantos outros a melhorar.

Relativamente aos aspetos positivos, enquanto observadora, a mestranda teve a oportunidade de aprender muito com o saxofonista e pedagogo Hélder Alves. Apesar de ter sido seu professor de saxofone durante os seus estudos musicais no Conservatório e de conhecer a sua forma de lecionar, foi uma excelente oportunidade para reviver essa fase passada e conhecer a vertente pedagógica vista de outro prisma, como observadora. Foram, de facto, inspiradores todos os ensinamentos prestados e a abordagem e adaptação dos estilos de aprendizagem consoante as diferentes personalidades de cada um dos alunos, assim como o fornecimento de orientações adequadas para combater as maiores dificuldades e falhas individuais. Para além disso, foi absolutamente extraordinário observar a forma como o professor conseguiu ser exigente com os alunos, mas manter em simultâneo uma boa relação pessoal entre todos, de maneira a criar laços de confiança e a potenciar o seu desenvolvimento musical e pessoal.

De referir que no decorrer do estágio, nem todas as aulas foram produtivas pelos mais diversos motivos e, embora houvesse aulas menos consistentes, o professor manteve sempre uma postura correta, firme e com o sentido de persistência e preocupação para que não existisse desmotivação por parte dos alunos.

No que diz respeito a questões mais técnicas, de realçar que o ritmo das aulas foi sempre muito dinâmico. As sugestões e demais exercícios eram solicitados de forma breve e sucinta. Os alunos executavam-nas imediatamente a seguir. As sugestões eram frequentemente exemplificadas pelo professor para que os alunos tivessem sempre uma referência daquilo que se pretendia alcançar. Foi, de facto, das técnicas de ensino mais utilizadas para esclarecimento de dúvidas quanto a questões técnicas e expressivas.

É importante mencionar igualmente a importância que teve a realização das planificações periódicas que o professor fazia logo no início de cada período, no que toca à escolha dos métodos de estudo e demais peças de repertório. Estas revelaram ser cruciais para uma maior definição dos objetivos a alcançar a curto e a longo prazo, tornando-se um instrumento de grande auxílio para o trabalho realizado nas aulas. Outro

aspecto relevante que se veio a verificar é que houve uma especial atenção, por parte do professor, na escolha de cada um dos conteúdos, assim como os exercícios solicitados e demais ferramentas, sempre com um propósito bastante específico e concreto tendo em conta a evolução que se pretendia para o aluno.

5. Conclusão

De um modo geral, pode-se concluir que o Estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Música teve um impacto muito positivo para a mestrandia em termos pessoais e profissionais. Assume-se ter sido uma experiência única e bastante enriquecedora que lhe permitiu reviver as metodologias de ensino utilizadas pelo Professor Hélder Alves que, numa fase precoce da formação da mestrandia, foi uma presença bastante assídua no seu trajeto. Além disso, foi muito importante observar que com a experiência, os professores vão realmente adquirindo novas formas de lecionar, cada vez mais adaptadas às circunstâncias do nosso atual ensino. Com esta observação, a mestrandia pretende elucidar que se sentiu ainda mais agradecida por ter tido esta oportunidade e verificar que com este Mestrado poderá certamente vir a evoluir cada vez mais através da experiência e tornar-se igualmente numa pedagoga de excelência.

Como observadora, este Estágio permitiu, de certo modo, ter uma visão diferente da relação que se estabelece entre alunos e professor, isto porque todos se apresentam com capacidades e características distintas em relação à forma como se dedicam ao estudo do instrumento. Como tal, foi importante verificar que o professor tem realmente um papel fundamental na aprendizagem musical, na medida em que deverá saber lidar e adaptar a sua forma de ensinar a todos os tipos de alunos. Para além disso, a faixa etária de cada um também revelou ser um fator muito importante. Neste caso em concreto, os três alunos que fizeram parte deste Estágio eram todos de graus e idades distintas, tornando-se assim uma tarefa igualmente desafiante na procura de várias opções didáticas para cada um deles.

Por último, um outro aspeto que se verificou extremamente útil e essencial para a mestrandia foram as gravações das aulas lecionadas aos três alunos participantes. Estes registos em formato vídeo permitiram-lhe fazer uma análise aprofundada da sua forma de lecionar, o que levou a uma melhor perceção dos seus pontos positivos e dos pontos a melhorar. Desta forma, a mestrandia teve a hipótese de realizar as coisas de forma

diferente consoante o que correu menos bem, progredindo assim de aula para aula e proporcionando aos alunos uma melhor aprendizagem.

Depois de terem sido mencionados os pontos mais relevantes verificados ao longo deste Estágio, pode-se afirmar que a mestranda adquiriu os conhecimentos e as ferramentas necessárias para num futuro breve poder transmiti-las aos seus alunos da melhor maneira, contribuindo positivamente para um caminho de aprendizagem musical consistente e para uma evolução constante.

SEGUNDA PARTE – INVESTIGAÇÃO

6. Investigação

6.1. Descrição do Projeto de Investigação

A escolha do tema para este Projeto de Investigação surge com a curiosidade e o interesse da mestrande na procura de respostas que sustentem a ideia de que a adoção de determinadas estratégias e metodologias de ensino através da música em conjunto, possam contribuir positivamente para uma aprendizagem musical mais dinâmica, criativa e com maior celeridade de evolução.

Na perspetiva de adotar um método musical mais cativante no seio escolar de uma Banda Filarmónica, considerou-se que as aulas individuais de instrumento e solfejo são um tipo de ensino insuficiente e pouco apelativo para os alunos no que diz respeito à aprendizagem do instrumento e à preparação musical para a admissão no Corpo de Banda.

Como forma de testar esta ideia, planeou-se para este projeto de investigação uma atividade em grupo na escola de música onde a mestrande leciona, de cariz totalmente inovador no ensino que é atualmente ministrado, consistindo na criação de uma Banda Juvenil. A frequência desta atividade foi absolutamente gratuita e voluntária, tendo sido aberta a todos os alunos da classe de sopros e percussão desta instituição filarmónica.

No seguimento das inscrições efetuadas pelos alunos da escola de música, foi possível criar duas formações juvenis distintas com o intuito de dar uma maior margem de comparação à mestrande e ajudá-la na obtenção de melhores resultados. Assim, esta investigação contou com um grupo experimental e com um grupo de controlo, sendo que a mestrande denominou o grupo à experiência por Banda A e o outro por Banda B.

Relativamente ao material pedagógico utilizado, foram escolhidas seis canções tradicionais infantis, que foram arranjadas e devidamente adaptadas pela mestrande de forma a garantir que todos os conteúdos fossem ao encontro das capacidades reveladas pelos alunos participantes. Esta escolha também teve em conta o facto de serem canções de fácil reconhecimento auditivo e, por isso, mais interessantes a nível musical. Para além disso, foi tida em consideração a relação dos grupos com os instrumentos disponíveis para a atividade.

No sentido de estimular e cativar cada vez mais os discentes, a mestrande utilizou como material pedagógico canções tradicionais amplamente conhecidas do público infantil em geral, como *Brilha, Brilha Lá no Céu*; *Atirei o Pau ao Gato*; *O Balão do João*; *Papagaio Loiro*; *Hino à Alegria* e por último *Todos os Patinhos*. Destas seis canções, cinco foram distribuídas e trabalhadas semanalmente pela Banda A. A sexta canção foi

distribuída na última aula da atividade a ambas as Bandas e serviu como conteúdo para a prova de leitura à primeira vista. É importante salientar que, contrariamente à Banda A, a Banda B apenas esteve exposta musicalmente uma vez em grupo.

A introdução desta prova permitiu à mestranda chegar a um excelente nível de comparação entre os dois grupos fornecendo dados imprescindíveis e determinantes para a conclusão desta investigação. Assim sendo, será que a Banda A ao frequentar semanalmente a atividade durante um determinado período de tempo conseguiu obter melhor preparação individual e adquirir mais conhecimentos musicais, comparativamente com a Banda B, que apenas contactou em conjunto uma só vez? Que tipos de conhecimentos foram esses? Será que contribuíram para a aquisição de competências musicais? E em termos de motivação? Será que se sentiram mais cativados e estimulados ao fazerem música em conjunto?

Em suma, pretender-se-á dar resposta às seguintes perguntas de investigação:

- ⇒ Será que o contacto precoce com formações de música em conjunto tem impacto na aquisição de competências musicais e no aumento motivacional da aprendizagem de um aluno?
- ⇒ Será que a criação de Bandas Juvenis inserida no seio das Filarmónicas é um caminho a seguir para a efetivação dos seus futuros membros?
- ⇒ Quais os contributos que as Bandas Juvenis podem fornecer à comunidade escolar de uma Banda Filarmónica? Será uma fonte agregadora de mais jovens e uma consequente perpetuação das tradições filarmónicas?

6.2. Fundamentação Teórica

Para um conhecimento mais aprofundado face ao tema em questão, foi feita uma análise ao conceito de “Banda Filarmónica” apresentando aspetos históricos inerentes à sua origem, assim como as razões que levaram este tipo de agrupamentos a fazerem parte do atual património cultural português. Para além disso, pretendeu-se compreender o seu papel no ensino da música em Portugal e de que forma é que a sua constante evolução tem vindo a permitir mantê-las funcionais e conservadas até aos dias de hoje.

Outro aspeto abordado refere-se à atual metodologia de ensino ministrado nas escolas de música, tendo como foco principal as Bandas de Música do Conselho de Sintra. Adicionalmente, será mencionada a importância que estas instituições têm revelado na preparação, integração e manutenção dos alunos, quer na escola de música, quer no Corpo de Banda.

Deu-se especial relevância ao conceito de “Música em Conjunto”, demonstrando como é que esta prática tem vindo a contribuir para um ensino musical mais atrativo e vantajoso, sobretudo aliado às aulas de instrumento individuais. Neste ponto foram ainda explorados com maior afinco os benefícios conhecidos a nível motivacional, social e musical de um aluno e, sobretudo, no desenvolvimento e na aquisição de competências musicais.

Por último, fez-se um enquadramento da Escola de Música da Sociedade Filarmónica Recreativa e Musical de Almoçageme que serviu como objeto de estudo para este projeto.

6.3. Conceito de “Banda Filarmónica”. Como e quando surgiu?

Hoje em dia não se sabe ao certo o momento exato em que estas formações surgiram, contudo sabe-se, através de uma vasta área de literatura musical, que o conceito de “Banda Filarmónica” tem sido amplamente designado por muitos autores com as mais diversas definições. Na sua generalidade é bastante frequente encontrarem-se referências que ditam o seu carácter popular, a sua ligação às festas religiosas e sobretudo o seu envolvimento familiar com as várias gerações. Assim, são consideradas “como Bandas Comunitárias e centros de socialização locais (...) e tal como foi mencionado anteriormente, (...) nelas se podem encontrar sentadas três gerações: avós, filhos e netos.” (Pereira, 2014, p.2)

Com uma história de 300 anos (Século XVIII – cerca de 1722), cobrindo toda a extensão do território, continente e ilhas, com mais de 700 associações agrupadas na Confederação Musical Portuguesa (CMP), as Filarmónicas, no seu conjunto, parecem merecer o título de “maior, mais extensa e mais antiga, Associação Cultural de Portugal” (Pereira, 2014, p.1). Para além disso, segundo o mesmo autor envolvem centenas de Escolas de Música, com milhares de alunos, podendo justamente ser apelidadas como muitos o fazem, de “Conservatórios do Povo”, sendo que “parecem ter sido fundadas com

o intuito de serem um veículo de difusão da cultura musical e um centro de educação cívica” (Mota, 2009, p.22).

Fazendo a correta divisão deste conceito em duas palavras isoladas, “Banda” e “Filarmónica” apresentam-se, de seguida, algumas designações que exploram ambos os vocábulos.

6.3.1. A “Banda”

No que se refere ao termo “Banda”, parece ter sido a Itália que primeiro adotou este nome para as músicas militares, grupos organizados somente com instrumentos de sopro e percussão que, em conjunção com a bandeira nacional, marcham à frente dos exércitos, para os conduzir, devota e alegremente, ao termo desejado (Borba e Graça, 1956, p.138). De acordo com esta questão militar, para Ernesto Vieira (1899, p.82) a definição de banda encontra-se ligada à instituição militar e consiste numa “corporação de músicos militares em cada regimento ou batalhão”.

Com efeito, o dicionário *The New Grove Dictionary of Music and Musicians* refere que este vocábulo é realmente usado com diversos significados, sendo que, de maneira geral, se refere a um agrupamento instrumental que combina instrumentos de sopro e de percussão, considerando ainda uma classificação em “brass band”, se for constituída apenas por instrumentos de metal e de percussão, e “wind band”, se for constituída por instrumentos de madeira, de metal e de percussão (2001, pp. 622-651).

À semelhança do parágrafo anterior, na opinião de Apel (1972, p.77), o termo Banda é considerado como “um grupo instrumental composto principalmente por instrumentos de sopro, metal e percussão. Em períodos anteriores, o nome foi usado para qualquer grupo de instrumentos e, particularmente, para grupos altamente distinguidos, por exemplo, os “24 violons du roy” sob Lully (*La Grande Bande*) ou os 24 violinistas de Charles II (A Banda Privada do Rei)”.

Para Jacobs (1978, p.50) trata-se de um “conjunto musical de instrumentos de sopro com ou sem percussão”, sendo que “em Portugal, as bandas civis são geralmente conhecidas por *filarmónicas*”.

6.3.2. A “Filarmónica”

O termo “Filarmónica”, segundo João Gonçalves (2003), significa amante da harmonia (do grego ‘philein’, amar, + ‘harmonikós’, da harmonia). Algumas fontes sugerem uma derivação do italiano ‘filarmonica’ (do grego ‘phil’ e do latim ‘harmonia’).

Para Bruno Vaiano (2020), o termo “filarmónica”, que significa “amor pela harmonia”, tem o mesmo prefixo grego *phylos* que aparece em “filantropia”, o amor pela humanidade, e “filosofia”, o amor pelo saber. Em complemento, diz-nos ainda que o termo “surgiu no século XIX para se referir a sociedades de músicos unidos pelo desejo de praticar e apresentar a sua arte sem fins lucrativos”.

Borba e Graça (1956, p.141) definem o termo como sendo uma “sociedade musical de amadores”, assim como uma “banda civil, naturalmente constituída por amadores das diferentes classes sociais, aproximando-se, quando possível, a sua organização da das bandas militares”. Jacobs (1978, p.191) partilha da mesma ideia, acrescentando que se trata igualmente de um termo usado no título de muitas orquestras e conjuntos musicais.

O termo surge igualmente associado às orquestras filarmónicas, que segundo determinadas fontes são mantidas “por uma associação de amigos, uma entidade organizada que capta recursos para a manutenção do grupo”. Para além disso, a origem do termo está relacionada à filarmonia que vai ao encontro da ideia do autor Bruno Vaiano acima mencionada: “Filo”, (no grego *phylos*), exprime a noção de amigo e “harmónico” (*harmonikos*) exprime a noção de harmonia, de equilíbrio. “Assim, filarmónica pode designar tanto uma agremiação ou sociedade musical quanto uma orquestra sinfónica.” “No passado (...) eram bandas organizadas e geridas por associações de amigos.”, “... eram bandas civis e denominavam-se assim em contraste com as bandas que eram geralmente militares. Daí que, durante muito tempo, o termo filarmonia tenha estado associado a uma sociedade de amadores de música“ (Harmonia Produções, 2018).

6.3.3. O papel das “Bandas Filarmónicas” na comunidade.

É do conhecimento de todos que estas associações sem fins lucrativos são cada vez mais responsáveis pela formação de muitos e reconhecidos músicos profissionais da época atual. Portanto, é urgente dar-lhes o devido valor e reconhecimento para que as mesmas continuem ativas, funcionais e conservadas permitindo-lhes, assim, continuar a embelezar e enriquecer a cultura musical do nosso país.

Quem melhor defende esta ideia é Freitas (1946, p.30) referindo a seguinte questão: “A filarmónica é uma autêntica instituição nacional? Sem dúvida. Há neste caso que protegê-la, dar-lhe o relevo que necessita e fazer dela uma forte “Construção”.

Mota (2009, p.23) diz-nos também que “o envolvimento de toda a comunidade na vida das Filarmónicas foi e continua a ser importante, necessário e mesmo obrigatório,

porque é este comprometimento que as suporta. Elas não subsistem apenas através dos subsídios, rifas e peditórios, em cortejos e leilões em que o povo revela o apreço e generosidade para com a sua Banda de música, mas também da construção e consolidação dos laços de camaradagem entre os seus membros e as populações.” Noutra passo, a experiência de Brucher indica que “outros viam na aprendizagem e na integração na Filarmónica uma oportunidade de elevação social dentro da comunidade, pelo prestígio de que a Banda usufruía, na terra e na região. Outros ainda, viam nesta aprendizagem e na integração na Filarmónica um trampolim para se lançarem numa carreira profissional que lhes proporcionasse estabilidade de emprego.” (Mota, 2009, p.27 apud Brucher, 2005, p.147)

Vasconcelos (Mota, 2009, p.27 apud Vasconcelos, 2004, p.44) refere que “os músicos membros da Filarmónica se envolviam nas atividades musicais durante um bom período da sua vida e ligavam-se tão profundamente à sua Banda que estabeleciam com os jovens, familiares e vizinhos, laços de amizade e camaradagem. Desta forma se garantiu, em muitos casos, a sobrevivência artística da Filarmónica, a partir do investimento nas suas escolas de música. Essas escolas, ao longo da sua existência, tiveram um papel fundamental na formação de jovens, sobretudo em regiões onde são as únicas instituições de ensino da música.”

Na opinião da mestrandia, é realmente importante a entreatura e união com a comunidade, mas o foco principal da questão trata-se sobretudo do bom funcionamento das escolas de música neste tipo de instituições, uma vez que são consideradas a peça fundamental de qualquer Filarmónica. Com um número insuficiente de alunos e com tantos elementos a abandonar cada vez mais estas formações, as Bandas poderão sofrer períodos muito conturbados na sua estrutura.

Para colmatar estas adversidades, é importante inovar, criar e adotar modelos de ensino mais aliciantes para dar continuidade ao recrutamento de futuros músicos permitindo, dessa forma, uma progressão crescente e constante das Escolas de Música. Consequentemente, com a progressiva admissão de alunos, estimula-se a prosperidade das Bandas não só em quantidade, mas também em qualidade.

6.4. O Modelo de Ensino nas Bandas Filarmónicas

Segundo Craveiro (2014, p.20), “o Modelo de Ensino utilizado na Banda Filarmónica é um modelo de ensino não-formal, que pode ocorrer em situações

quotidianas e entre as culturas populares, por outras palavras, pode ser considerado o modelo de ensino não escolar que se enquadra na perspectiva da educação não formal. A educação não formal é aquela que possui, à semelhança da educação formal, um caráter intencional, mas neste caso, pouco estruturado e sistematizado. Existem relações pedagógicas, mas não estão formalizadas. A este respeito, o autor diz-nos ainda que “todo o processo pode ser conduzido por um professor ou pode acontecer pela interação do grupo. O processo de ensino-aprendizagem é controlado essencialmente pelo aluno com a ajuda do professor.”

Em reforço, Pereira (2017, p.48) demonstra-nos que um modelo de ensino não formal, tem muitos benefícios, como “a existência de um ambiente de trabalho favorável e de cooperação entre os professores; um meio favorável para a aquisição e melhoramento de novas competências; a realização de diversas atividades lúdicas; a relação próxima professor-aluno; o aumento do estímulo para tocar em conjunto; o acesso gratuito ao ensino da música; o empréstimo gratuito de instrumentos para estudo; a aprendizagem ao ritmo individual do aluno e ainda a captação de novos alunos devido à facilidade de acesso e ao estímulo de familiares e amigos que já frequentam a escola de música da Banda Filarmónica.”

O ensino da música nas escolas das Bandas teve, durante muito tempo, uma metodologia quase institucionalizada, como se de um programa nacional se tratasse. O ensino era feito pelo maestro ou por quem o substituísse, que ensinava solfejo e todos os instrumentos. Numa primeira fase trabalhava-se o solfejo dito rezado, apoiado normalmente por dois livros, os famosos Freitas Gazul e Artur Fão. Quando o aprendiz chegava a uma lição específica, era-lhe atribuído um instrumento, geralmente não da sua escolha, mas de acordo com a disponibilidade ou a necessidade da Banda. Normalmente, mal soubesse a escala e meia dúzia de posições, avançava para os ensaios e, para o início da época, nas festas. (Mota, 2009, p.28) A este tipo de modelo chama Vasconcelos “Modelo Tradicional de Ensino”. (Vasconcelos, 2004, p. 45)

Para Maria João Vasconcelos, “existem dois modelos de ensino: o modelo tradicional e outro que apareceu na década de 80 e que foi adotado pela maioria das Bandas somente no final da década de 90. Entre estes dois modelos assistiu-se a uma fase de transição a partir de meados da década de 70. A autora considera que, tradicionalmente, “era o regente que ensinava a tocar todos os instrumentos e que a partir da década de 80, o sistema de ensino praticado em algumas bandas passa por um processo de transformação, podendo mais recentemente observar-se uma tentativa de imitação do

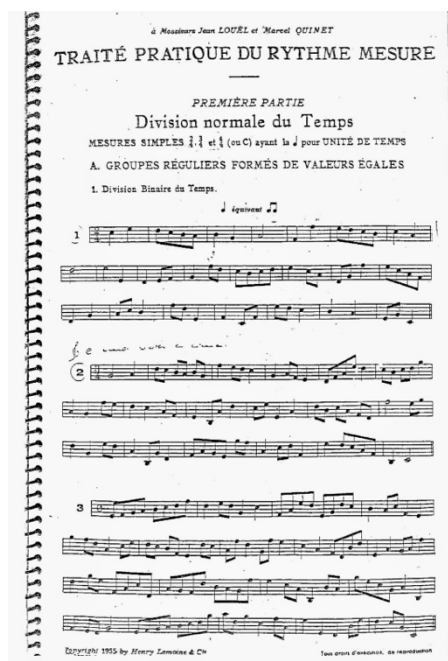
modelo adotado pelos conservatórios de música.” Refere ainda que “atualmente, neste universo filarmônico, coexistem várias formas organizacionais de escolas de música, desde o modelo tradicional de ensino até outros mais modernos. Contudo, o objetivo principal é sempre preparar músicos o mais rapidamente possível para que se juntem à banda como elementos ativos.” (Vasconcelos, 2004)

No modelo tradicional de ensino em vigor até finais dos anos 90, era o regente a figura central de todo o processo que dirigia a Banda nos ensaios e atuações públicas e também quem escolhia o repertório que a Banda executava. Este modelo de ensino era praticamente direcionado para a leitura da notação musical e para a execução instrumental. Os alunos começavam por ter aulas individuais de solfejo e o objetivo primordial era que decorassem o nome das notas e a duração das figuras e pausas. A formação musical era elementar e reduzia-se a esta prática, existindo alguns livros que marcaram a aprendizagem musical, como o livro de solfejo de Freitas Gazul e o *Traité Pratique du Rythme Mesuré* de Fontaine. (Costa, 2009, p. 31)

Figura 3 – Primeiras lições de solfejo do livro Freitas Gazul



Figura 4 – Primeiras lições de solfejo do livro *Traité Pratique Du Rythme Mesuré* de Fernand Fontaine



Na década de 80 o ensino do solfejo e do instrumento passou a ser aplicado pelos músicos das Bandas Filarmónicas, os quais tinham os conhecimentos musicais necessários, contudo, a grande mudança que se efetivou nesta fase de transição de ambos os modelos é que o maestro passou a ser o professor e os músicos os monitores. O trabalho

de ambos é idêntico, mas o maestro é a pessoa que tem o poder de tomar as principais decisões, como avaliar as capacidades do aprendiz para o ingresso na Banda e a progressão dentro do respetivo naipe (Costa, 2009, p.32, p.33).

Na generalidade, o ensino da música nestas instituições é desenvolvido de formas diferentes face às necessidades da Banda na formação de músicos que integrem o mais rapidamente possível as suas fileiras e, por isso, as metodologias de ensino tornam-se muitas vezes pouco adequadas por não existir uma estrutura de trabalho em contexto educacional, mas sim uma prioridade de ensinar meramente ao aluno a execução do instrumento. (Costa, 2009, p.35)

Desta forma, houve necessidade para que as metodologias evoluíssem. Se inicialmente se notou apenas a utilização do instrumento logo desde o início da aprendizagem, mais tarde, com a multiplicação de Academias de Música, as escolas das Bandas aperceberam-se de que a especialização dos professores de instrumento permitia uma formação mais rápida e com mais qualidade dos seus músicos. Por isso, evoluiu-se no sentido da procura de um modelo de ensino semelhante ou no envio dos seus alunos para as academias, mantendo as suas escolas, mas apenas a trabalhar exclusivamente o repertório específico das Bandas. (Mota, 2009, p.28)

Apesar de se ter verificado esta evolução, segundo Mota, o referido “Modelo Tradicional de Ensino” ainda se mantém nos dias de hoje como o único e insubstituível método de ensino nas Filarmónicas.

6.4.1. O Ensino Ministrado nas Bandas do Concelho de Sintra

Atualmente, o Concelho de Sintra conta com a presença de dez Bandas Filarmónicas:

- Banda da União Mucifalense
- Banda dos Bombeiros Voluntários de Colares
- Banda Filarmónica de São Bento de Massamá – FilarmoniArtes
- Banda da Sociedade Recreativa e Musical de Almoçageme
- Banda da Sociedade Filarmónica Assaforense
- Banda da Sociedade Filarmónica Boa União Montelavarense
- Banda da Sociedade Filarmónica de Nossa Senhora da Fé de Monte Abraão
- Banda da Sociedade Filarmónica e Recreativa de Pero Pinheiro
- Banda da Sociedade Filarmónica Instrução e Recreio Familiar de Lameiras
- Banda da Sociedade Filarmónica Os Aliados

Na sua generalidade, o modelo de ensino ministrado nestas escolas de música é o modelo de ensino não formal. O objetivo deste tipo de ensino é que os alunos desenvolvam as suas aptidões musicais com a maior celeridade possível a fim de se encontrarem preparados para ingressarem na Banda.

Relativamente à questão pedagógica, isto é, aos professores que lecionam instrumento e solfejo, constatou-se que difere de escola para escola consoante as possibilidades monetárias da instituição e o número de alunos inscritos, não existindo qualquer programa escolar específico. Em certas escolas, o professor responsável por lecionar ambas as disciplinas é o próprio maestro, que se responsabiliza pela lecionação de todo o tipo de instrumentos. Noutros casos, existe um único professor especializado para cada naipe, assim como existem escolas com um professor para cada classe dos respetivos instrumentos das madeiras, dos metais e da percussão. Verificou-se igualmente a criação da disciplina de iniciação musical em que o intuito é estimular o gosto pela música nos alunos mais novos, dando algumas noções gerais de formação musical e reconhecimento das especificidades dos instrumentos existentes na banda, facilitando a posterior escolha. Contudo, noutras instituições, existe um único professor que leciona a formação musical/solfejo de uma forma mais pormenorizada até o aluno conseguir ler música e sentir-se mais bem preparado para avançar com as aulas de instrumento. Por último, constatou-se que existem professores que lecionam solfejo simultaneamente com a prática instrumental, dividindo a respetiva aula individual em duas partes.

Em regra, a maioria das escolas obriga os alunos ao pagamento de uma mensalidade para frequentarem as aulas de solfejo e de instrumento, contudo, há casos em que a sua frequência é absolutamente gratuita. Os instrumentos são fornecidos pela instituição, não havendo lugar a pagamentos pelo seu empréstimo.

Geralmente são realizadas determinadas audições individuais, nomeadamente nas épocas festivas e no final do ano letivo, onde os alunos têm a oportunidade de mostrar ao público familiar e amigo todo o trabalho desenvolvido no decorrer das suas aulas e a consequente evolução das suas aptidões musicais.

Em relação ao tema do presente relatório, a mestranda não teve conhecimento de nenhuma valência criada nestas escolas que diga respeito às formações de Bandas Juvenis.

6.4.2. Música em Conjunto - Objetivos e Benefícios Inerentes à sua Prática

De acordo com a autora Maria Ferreira (2018), “o ensino instrumental em grupo é uma metodologia relativamente recente em Portugal e que tem como objetivo proporcionar uma aprendizagem não inteiramente formal da música. Esta metodologia não olha a idades nem a aptidões inatas, apenas procura que o aluno aprenda com o professor ao mesmo tempo que aprende com os colegas e os ajuda.” Desta forma, considera-se cada vez mais que a disciplina de música de conjunto tem sido um excelente método de ensino na busca pela motivação e interação social entre os alunos que nela se inserem, contribuindo decisivamente para uma aprendizagem e um desenvolvimento musical constante. Para além disso, segundo a opinião da mestrandia, tem-se revelado muito importante para o desenvolvimento técnico dos alunos, auxiliando a aquisição de certos aspetos musicais que no âmbito individual são mais difíceis de alcançar.

Segundo Cruvinel (Maria Ferreira, 2018, p. 39 apud Cruvinel, 2005, p.67) “o ensino em grupo terá dado os primeiros passos na Europa e só mais tarde terá sido introduzido nos Estados Unidos.” O mesmo autor refere ainda que “é necessário recuar às primeiras décadas do século XIX para se poder examinar os primeiros feitos positivos desta nova pedagogia. Na Europa do século XIX, os músicos instrumentistas como Liszt e Chopin ensinavam em grupo através da metodologia conhecida como Masterclasse. Enquanto nos EUA, por esta mesma altura, começavam a surgir bandas escolares.” (Maria Ferreira, 2018, p.39 e 40 apud Cerqueira, 2010). O autor Barbosa (Maria Ferreira 2018, p.40 apud Barbosa, 1996) diz-nos que “no início do século XIX, o ensino em grupo era visto e utilizado como um complemento ao ensino individual.” “Só a partir da primeira metade do século XX é que este tipo de metodologia teve avanços significativos e começou a surgir como um ensino em que se trabalham outros aspetos que não são desenvolvidos no ensino individual, tais como: transposição, leitura à primeira vista, improvisação, harmonia, treino auditivo.” (Fisher, 2010, p.11) Contudo, “na música de conjunto o foco principal é o da fluência e coordenação musical entre o grupo, assim, cada indivíduo deve ter em atenção as estratégias a aplicar, tal como no estudo individual. De modo a haver comunicação entre os membros do grupo, há um conhecimento musical inerente necessário assim como a capacidade imediata de processar informação, nomeadamente ajustes de tempo ou afinação”. (Maria Ferreira, 2018, p.40)

Os autores Jorgensen e Davidson King, “estudaram as estratégias para a prática instrumental em grupo, tendo dividido a mesma em três principais pontos. No primeiro ponto, a dinâmica de grupo, é referida a necessidade de existência de uma ligação entre os membros, assim como um autoconhecimento por parte de cada um face à sua prática de música em conjunto. Associam-se assim estratégias como o estabelecimento, compreensão e cumprimento dos princípios do grupo e ainda a obrigatoriedade de todas as vozes serem ouvidas. Segue-se o segundo ponto, a situação de ensaio, na qual é necessário estabelecer objetivos, organizar o tempo de forma a surgirem imprevistos e ainda estabelecer uma rotina de aquecimento conjunto, que é em tudo benéfica para a coesão do grupo. Por fim, o terceiro ponto, a comunicação entre o grupo, que visa o conhecimento da comunicação verbal e não verbal de cada elemento, de modo a poderem ser eficazes. Por vezes os membros assimilam características uns dos outros, que depois transmitem e levam para a sua prática individual e para com outros grupos.” (Maria Ferreira, 2018, p.40 apud Jorgensen, 2004, David King, 2004)

Os autores Hallam e Fisher enumeram ainda outros aspetos vantajosos do ensino em grupo como, por exemplo, “a oportunidade de tocar em público com menos receio através do desenvolvimento da confiança e atitude na *performance*, o desenvolvimento de autonomia e ainda o desenvolvimento crítico musical. Destes autores surgem ainda outras vantagens tais como: ajuda a desinibir crianças mais tímidas; oferece mais oportunidades para um maior número de estratégias pedagógicas; proporcionam-se possibilidades de estudo supervisionado e aconselhamento no estudo; favorece-se o trabalho e compreensão da técnica; encoraja-se a interpretação através da variedade de perspetivas; consegue-se prender mais tempo a atenção do aluno através da variedade das atividades em grupo, o que permite, por seu lado, aumentar a duração da aula; desenvolve-se um forte sentido rítmico através da participação coordenada em atividades musicais em grupo; possibilita-se a apresentação de material mais variado” (Maria Ferreira, 2018, p.41 apud Hallam, 1998 e Fisher, 2010).

O Plano Curricular elaborado pelo Conservatório de Guimarães (2020-2021) referente à disciplina de Classe de Conjunto, reforça ainda mais todos os benefícios da música em conjunto guiando-se pelos seguintes objetivos: “motivar o aluno para a expressão musical através da prática da música de conjunto; promover a consciência do grupo, a interação musical e a capacidade de trabalhar cooperativamente; desenvolver a

capacidade auditiva; desenvolver o sentido rítmico; promover a compreensão auditiva de organizações melódicas e harmónicas; desenvolver a leitura musical; desenvolver a capacidade de memorização; desenvolver a capacidade de improvisação; fomentar o pensamento estético e artístico; compreender a música nos diferentes contextos sociais, culturais e musicais; fomentar a autonomia do aluno e a sua capacidade criativa; desenvolver o sentido de responsabilidade e boas práticas de postura e comportamento; contribuir para o desenvolvimento social e afetivo dos alunos; adquirir saberes que permitam um melhor entendimento e sentido apreciativo, assimilado pela vivência na prática letiva e pela partilha com os outros, como contributo para o fomento e aproximação de novos públicos à música, interagindo musicalmente na comunidade ao participar em eventos de ligação.”

Indo ao encontro dos diversos pontos referidos no parágrafo anterior, a psicóloga Sara Gonçalves revela que “quando a criança estuda música em conjunto, torna-se mais comunicativa e convive com regras de socialização. A criança aprende a respeitar o tempo e a vontade do próximo, a criticar de forma construtiva, a ter disciplina, a ouvir e a interagir com o grupo. É através do repertório musical que a criança se inicia como membro de determinado grupo social, desenvolvendo a sua identidade cultural e o sentido das regras e valores da sua sociedade em que se insere.” (vide webgrafia)

6.4.3. A Presença das Bandas Juvenis no Seio Filarmónico

Focando-se especialmente no ensino das Filarmónicas, Costa (2009, p.28), diz-nos que “quando o aluno inicia a aprendizagem musical no seio da Banda Filarmónica, o seu senso de cooperativismo passa a ser praticado, uma vez que numa organização musical desta natureza o trabalho em grupo é essencial.”

Adicionalmente, (Alves, citado por Ferraz, 2006) refere que de facto “o trabalho coletivo revela a constante necessidade de adaptar-se ao outro. O bom convívio social requer que os indivíduos se adaptem à vida comunitária, observando limites, respeitando-se mutuamente, agindo de forma ponderada, com discernimento e integridade. São características que desenvolvemos a todo o momento, em qualquer meio de convívio, na própria aprendizagem musical, em qualquer contexto.”

Segundo o professor, maestro e compositor José Miguel Rodrigues (2006) sabe-se “que hoje em dia, muitas filarmónicas se deparam com inúmeros problemas relacionados com a sua sobrevivência, nomeadamente problemas relacionados com a falta de rejuvenescimento dos seus quadros.” Por isso, o mesmo alerta que “cabe à direção

artístico-pedagógica das Escolas de Música das Bandas Filarmónicas ir ao encontro das crianças, criando, para esse fim, inúmeras atividades que possam despertar a sua atenção e curiosidade.” Diz-nos ainda que “quando uma criança chega a uma filarmónica com a finalidade de iniciar a sua aprendizagem musical, a mesma deverá ser feita tendo em atenção a sua idade física e cronológica, ou seja, deve-se partir de uma brincadeira musical, para poder chegar à música séria”.

Como já foi referido, o ensino musical só com base na leitura rítmica como condição fundamental para a eleição do instrumento a tocar, poderá de certa forma dificultar o processo de ensino, tornando-se pouco estimulante para uma criança. Por isso, José Miguel Rodrigues (2006) refere que “a aprendizagem musical da criança deve ser feita de forma simples e eficaz, partindo sempre de exemplos concretos, claros e objetivos, de preferência relacionados com o seu quotidiano”, sendo “necessário ensinar a criança a brincar com a música e com todos os elementos que lhe estão adjacentes (deverão ser realizados jogos com as notas musicais e outros) facultando-lhes uma aprendizagem sólida e saudável.”

Como uma possível estratégia de ensino mais bem sucedido, o autor elucida-nos que “hoje em dia já existem certas Bandas Filarmónicas a adotar nas suas instalações Bandas Juniores, que denominam de “agrupamentos musicais nos quais as crianças (jovens músicos) podem adquirir hábitos musicais relacionados com a música de conjunto, tais como: tocar sob a direção de um maestro; tocar em conjunto com outros músicos; desenvolver a musicalidade, a afinação e a interpretação de pormenores técnicos.” A criação destas valências “poderá funcionar como um forte incentivo às crianças, pois é um momento onde podem colocar em prática tudo o que aprendem nas aulas individuais de instrumento e fazerem pequenas demonstrações musicais (apresentando repertório adaptado às ocasiões) regulares nos estabelecimentos escolares no meio envolvente à Banda Filarmónica, incentivando, deste modo, os seus colegas a iniciarem a aprendizagem musical.” (José Miguel Rodrigues 2006)

Posto isto, considera-se a Banda Juvenil um dos principais resultados e produtos da Escola de Música e, por isso, é importante apostar neste tipo de agrupamento como sendo uma das imagens de marca da escola, bem como a plataforma “pré-banda”. (Banda S. Cristóvão de Rio Tinto, 2020)

6.5. Caracterização da Escola de Música da Sociedade Recreativa Musical de Almoçageme (SRMA)

A Escola de Música da Sociedade Recreativa e Musical de Almoçageme foi criada por volta dos anos 70 por Domingos Louçada Simões e Guilherme Tomás Firmino, ambos filarmónicos da banda, que mais tarde foi continuada por António Moreira Saraiva.

A Escola mantém-se em atividade até aos dias de hoje, com um total de 32 alunos e 3 professores, sendo um deles o maestro que, para além de ser o responsável pela Banda Filarmónica, dá aulas de solfejo e instrumento a todas as classes instrumentais. Contudo, dada a existência de muitos alunos, a escola possui, para além do maestro, um professor que dá aulas a parte dos alunos da classe de metais, assim como um outro professor que dá aulas não só à classe das madeiras, mas também à iniciação ao piano. É de frisar que ambos são responsáveis pela lecionação da disciplina de solfejo a cada um dos seus alunos respetivamente.

A criação da disciplina de iniciação ao piano foi algo recente e inovador nesta instituição que proveio da abundante procura e interesse de muitos alunos na aprendizagem daquele instrumento.

Atualmente, a frequência nesta escola tem um custo de vinte euros mensais que inclui as aulas de solfejo e as aulas de instrumento, juntamente com o empréstimo do instrumento, que não implica custos.

Em relação ao plano de atividades anuais, no final do ano, mais especificamente na semana que antecede o Natal e no final do ano letivo (julho), existe uma audição individual como forma de divulgar ao público amigo, familiar e a toda a comunidade escolar, o trabalho desenvolvido ao longo de todo o período escolar.

Figura 5 – Sociedade Recreativa e Musical de Almoçageme



Fonte - <http://riodasmacas.blogspot.com/2007/02/sociedade-recreativa-e-musical-de.html>

6.6. Metodologia de Investigação

6.6.1. Descrição do Projeto

Este projeto desenvolveu-se a partir de uma atividade de música de conjunto denominada *Os Pequenos Filarmónicos*, que se baseou na criação de uma Banda Juvenil na Escola de Música da Sociedade Recreativa Musical de Almoçageme. Para a realização desta atividade, foram abertas inscrições para os alunos da classe dos instrumentos de sopro e percussão de forma absolutamente gratuita.

Com o objetivo de dar a conhecer melhor este projeto, foi entregue a cada encarregado de educação uma carta que continha uma breve contextualização do projeto e algumas informações adicionais, a respetiva ficha de inscrição e uma folha de autorização para a gravação vídeo/áudio das referidas aulas. (Anexo)

Terminado o prazo de inscrições, o projeto contou com a participação de doze alunos, quatro do sexo feminino e oito do sexo masculino. Desta forma, foram criados dois grupos, a Banda A e a Banda B, para que a mestrandia pudesse ter uma maior margem de comparação entre eles. Para cada banda foram selecionados seis alunos respetivamente e foi tida em consideração a distribuição dos instrumentos em cada uma delas para que os mesmos tivessem uma formação o mais semelhante possível. A formação do grupo experimental foi composta por um clarinete, um saxofone alto, um eufónio, um trompete, uma trompa e um aluno de percussão. O grupo de controlo foi composto por um oboé, uma flauta, um eufónio, um trompete, uma trompa e um aluno de percussão.

A atividade *Os Pequenos Filarmónicos* decorreu durante aproximadamente três meses nas instalações da Banda Filarmónica da Sociedade Recreativa e Musical de Almoçageme, compreendendo uma aula semanal com duração de 1 hora apenas para a Banda A (grupo experimental).

Tabela 10 – Horários da atividade *Os Pequenos Filarmónicos*

Atividade <i>Os Pequenos Filarmónicos</i>		
Nome do Grupo:	Dia:	Hora:
Banda A	Sábado	14h30 – 15h30
Banda B	Último sábado da atividade	15h45 – 16h45

Para cada aula semanal lecionada, a mestranda elaborou um plano de aula com a descrição de toda a atividade exercida com os alunos, assim como de todos os conteúdos musicais desenvolvidos, as metodologias/estratégias e demais recursos utilizados. (Anexo)

A primeira aula da atividade serviu essencialmente para a mestranda ter conhecimento das aptidões de cada aluno e a forma como os mesmos reagiam ao primeiro contacto conjunto entre todos. Numa primeira abordagem às canções escolhidas e adaptadas para o grupo, conseguiu-se perceber quais as limitações e maiores dificuldades sentidas, bem como o tipo de trabalho que a mestranda teria de efetuar para que as dificuldades fossem ultrapassadas no decorrer das aulas.

Com o primeiro *feedback* dado pelo grupo, tentou-se, de um modo geral, utilizar um vocabulário simples, conciso e divertido, inserindo algumas expressões e pequenos conceitos musicais frequentemente usados em ambiente de Banda Filarmónica. Utilizaram-se igualmente explicações curtas, seguidas de exemplos imaginários ou da vida quotidiana, não só para os estimular musicalmente, mas também como uma tentativa de puxar pela imaginação e a criatividade de cada um.

Posto isto, realizou-se um trabalho minucioso e preciso, tanto ao nível da leitura, como da prática em conjunto, com enfoque num trabalho isolado e repetitivo das várias secções musicais onde havia dificuldade, sempre na perspetiva de ultrapassar os problemas existentes de forma mais eficaz e eficiente.

O projeto deu-se por concluído através de uma primeira apresentação com a Banda A (grupo experimental), inserida numa “Festa da Família” organizada a convite da Junta de Freguesia de Almoçageme, na Praia das Maças, em Sintra. Neste concerto a indumentária foi oferecida pela Junta de Freguesia e foram apresentadas as cinco canções trabalhadas ao longo da atividade pela seguinte ordem: *Brilha, Brilha Lá no Céu; Atirei o Pau no Gato; Todos os Patinhos; Papagaio Loiro* e por último *Balão do João*. A ordem das canções foi definida em função do grau de dificuldade demonstrado pelos alunos, iniciando a apresentação pela canção mais fácil e terminando na mais difícil.

Figura 6 – Primeira apresentação do projeto *Os Pequenos Filarmónicos*



Na penúltima aula que antecedeu a primeira apresentação do grupo, os alunos foram postos à prova através da leitura à primeira vista de uma nova canção. É de referir que os alunos da Banda B (grupo de controlo) também foram sujeitos a esta prova exatamente com as mesmas condições que os alunos da Banda A (grupo experimental), no mesmo dia, mas num horário distinto.

O objetivo desta prova foi perceber a evolução que os alunos tiveram ao longo da atividade no que diz respeito à sua capacidade de leitura, capacidade de concentração, sentido rítmico, sensibilidade auditiva e sentido de cooperação em grupo, comparando-se à Banda B, que não teve a mesma experiência conjunta.

Relativamente à uniformização dos alunos, a mestranda ofereceu uma t-shirt de cor amarela a cada um, contendo um logotipo criado especificamente para a atividade. O intuito desta escolha deveu-se, sobretudo, para criar uma apresentação visual mais apelativa para o público e para que os alunos ficassem com uma memória futura deste primeiro projeto em conjunto. No entanto, a ideia principal era ir ao encontro daquilo que é ser membro ativo de uma Banda Filarmónica, onde se veste uma farda em representação da instituição. A cor amarela foi a eleita para o uniforme do grupo por uma questão de simbologia, uma vez que é a cor que representa a juventude, a criatividade, a descontração, a leveza e a alegria.

Figura 7 – Logotipo criado para a Banda Juvenil *Os Pequenos Filarmónicos*



Figura 8 – T-shirt criada para a indumentária do grupo *Os Pequenos Filarmónicos*



No culminar deste projeto, todos os alunos participantes foram entrevistados pela mestrandia, com o objetivo de obter opiniões e demais impressões acerca da sua participação no projeto. Para além disso, serviu para ter uma noção geral sobre o impacto causado pela participação no projeto em termos de aprendizagem musical e motivação sentida. Foram igualmente realizados inquéritos aos encarregados de educação e aos professores dos respetivos alunos na perspetiva de perceber se consideram benéfica e vantajosa a introdução desta disciplina no plano curricular da Escola de Música da Banda Filarmónica como fator motivacional na aprendizagem musical dos seus educandos/alunos.

Estes inquéritos também contribuíram para perceber se consideram esta disciplina fundamental para uma maior margem de progressão e preparação individual com vista ao ingresso futuro na Banda Filarmónica.

6.7. Ferramentas de Obtenção de Dados

Numa fase inicial, a ferramenta de obtenção de dados utilizada para a realização desta investigação foi a “Prova à Primeira Vista”, tendo sido aplicada a todos os alunos de ambas as Bandas Juvenis (Banda A e Banda B), como método de comparação.

Após ter sido realizada a referida prova, os alunos participantes da Banda A foram sujeitos a uma entrevista. Esta entrevista consistiu em onze perguntas, onde se pretendia obter informações mais individualizadas em relação à experiência a que estiveram expostos durante aproximadamente três meses. Para além disso, pretendia-se igualmente ter uma melhor perceção relativamente aos aspetos mais difíceis e mais fáceis que tiveram ao longo da atividade, o parecer da dificuldade do repertório, e se, essencialmente, a

atividade contribuiu para terem uma ideia de como é fazer parte de uma Banda Filarmónica.

A terceira fase de recolha de dados ocorreu através de dois inquéritos, os quais foram aplicados aos encarregados de educação e aos professores dos respetivos alunos que participaram na atividade experimental. É de referir que ambos os inquéritos foram elaborados de forma distinta.

O inquérito realizado aos professores contou com quatro perguntas que caracterizavam o grupo no que diz respeito ao género, idade, escolaridade e tempo de serviço. Posteriormente, foram elaboradas mais nove perguntas de resposta múltipla e, à semelhança do inquérito aos encarregados de educação, também contou com um pequeno espaço final para eventuais observações face ao projeto.

6.7.1. Prova à Primeira Vista

Esta prova serviu como objeto de avaliação da Banda A e da Banda B, dando a possibilidade à mestrandia, através dos parâmetros abaixo mencionados, conseguir recolher dados imprescindíveis para a elaboração desta investigação. Considerou-se igualmente um método comparativo entre os dois grupos, auxiliando o investigador na procura de respostas que revelem quais as diferenças que se encontraram ao longo dos três meses em que decorreu o projeto, comparando com os alunos que não tiveram a mesma experiência.

Na tabela seguinte serão apresentados os parâmetros que foram alvo de avaliação e de comparação entre as duas Bandas Juvenis durante a realização da prova em questão.

É de frisar ainda que estes parâmetros foram da autoria da mestrandia.

Parâmetros de Avaliação
⇒ Concentração
⇒ Comportamento
⇒ Autonomia
⇒ Espírito de Grupo
⇒ Confiança
⇒ Vivência de Grupo
⇒ Competências de Leitura
⇒ Competências Expressivas
⇒ Competências Motoras
⇒ Competências Auditivas

Tabela 11 – Parâmetros de Avaliação da “Prova à Primeira Vista”

6.7.1.1. Descrição da Prova

Na primeira parte da aula, procedeu-se à entrega de uma nova canção que comparativamente com as outras que foram distribuídas, esta recebeu o nome “Sem Título”. (Ver exemplar na Fig.9) Contudo, tratava-se do *Hino à Alegria* e faz parte integrante do leque de composições que foram devidamente adaptadas pela mestranda.

Figura 9 – Partitura exemplar “Sem Título”

Clarinete em Sib

Sem Título

Arr: Daniela Jesus

♩ = 100

f

7 *mf* *f*

24 *rall.*

Depois da distribuição das partituras pelos respectivos instrumentos, foram dados cerca de 10 minutos para que os grupos pudessem analisar e estudar as suas partes individualmente antes de serem apresentadas e posteriormente abordadas com a mestranda.

No que se refere à escolha do título em questão, confirma-se que ocorreu de forma propositada e serviu essencialmente para tornar esta prova mais interessante e divertida, dado todo o efeito surpresa envolvido.

É importante mencionar que ambas as Bandas realizaram a prova separadamente.

6.7.1.2. Análise Geral da Prova - Banda A e Banda B

Em relação à Banda A, quando recebia as cinco canções durante as aulas, tinham uma reação muito enérgica, dado que, através do título, todos tinham uma ideia formada das melodias antes sequer de as executar. Por isso, ao estarem perante uma canção não identificada, tiveram uma experiência completamente oposta, tornando-se de certo modo um desafio para todos na descoberta do respetivo nome. Portanto, esta “Prova à Primeira Vista” não só lhes veio despertar a curiosidade, como também os levou a serem mais autónomos, metendo em prática as suas capacidades e aptidões musicais adquiridas e

desenvolvidas ao longo do projeto. Além disso, o facto de não terem ideia da música que tocavam, também os obrigava a ter um esforço redobrado no processo de leitura.

Em suma, o fator surpresa ajudou a que a prova se tornasse mais divertida e reveladora das competências e conhecimentos musicais adquiridos e desenvolvidos na participação deste projeto. No que diz respeito aos alunos da Banda B, apesar da curiosidade inicial quanto à música desconhecida, a verdade é que demonstraram muita contenção e vergonha, não só pela idade, mas também porque nunca tinham tocado em conjunto.

6.7.1.3. Análise dos Resultados

⇒ BANDA A

Assim que foi entregue a referida partitura sem título, foi notório todo o entusiasmo sentido pelos alunos na tentativa de desvendar o nome da canção. Contudo, a mestrandia assim que deu os 10 minutos para analisarem e estudarem individualmente a partitura, sentiu-se uma maior capacidade de concentração na realização da tarefa solicitada.

Figura 10 – Dia de Prova – Banda A



Comparativamente com as primeiras aulas do projeto, verificou-se, no decorrer desta prova, uma maior capacidade de trabalho em equipa, sobretudo no período dado para a análise e estudo individual da canção. Com efeito, a mestrandia assistiu a vários comentários dos alunos, tais como: “Vamos todos fazer a música para descobrir qual é”, “Parem de falar. Vamos todos juntos estudar a canção”, “Vamos conseguir”, entre muitas outras de carácter semelhante.

Apesar de toda a atividade ser uma novidade, os alunos nas primeiras aulas encontravam-se mais tímidos e menos comunicativos, pois não tinham a confiança nem

o à-vontade que foram desenvolvendo e estabelecendo ao longo das aulas, quer com a professora, quer com os colegas. Nesta fase final, depois de estabelecerem mais laços entre si, verificou-se que o espírito de grupo aumentou significativamente, mas conseqüentemente, os níveis de comportamento nem sempre foram os melhores para o bom funcionamento da aula.

Musicalmente, as melhorias foram bastante consideráveis. Mais de metade dos alunos revelaram uma maior capacidade de autonomia no processo de leitura. Apesar de ritmicamente haver algumas oscilações, assim como hesitações a nível de notação musical, os alunos demonstraram um maior esforço e persistência na vontade de executar as coisas de forma correta. Testemunhou-se igualmente que quando não lhes soava bem alguma secção, demonstravam interesse em querer perceber o que se encontrava de errado. Este aspeto não só se verificou aquando do seu estudo individual, mas também quando ouviam um colega a praticar: “Não está a soar bem, deves estar a tocar notas erradas.”, “Não deve ser assim a melodia, devo estar a fazer algo mal”, “Tenho de ver isto com calma e concentrado, é que isto não me está a soar nada bem”.

Esta atitude de querer corrigir o que para eles não estaria certo é reveladora de uma maior autonomia na procura por retificar o erro, demonstrando igualmente progressos nas suas competências auditivas.

Em relação às falhas e dificuldades mais visíveis aquando da primeira leitura da canção, constatou-se que as mesmas diziam respeito sobretudo à falta de atenção e à comoção vivida que os levava a esquecerem-se de alguns aspetos musicais importantes. Na ânsia de querer descobrir e tocar a canção com a maior celeridade possível, os alunos, durante o período em que tiveram a oportunidade de estudar a canção, esqueciam-se, por exemplo, de olhar para a armação de clave e pouco se preocupavam com a parte rítmica, assim como na exploração das diferentes dinâmicas escritas. No entanto, a despeito destes aspetos, a mestrandia notou que o aproveitamento do grupo face a esta prova foi muito positivo e ultrapassou as suas expectativas.

Dado por concluído o tempo de leitura, fez-se uma passagem integral à canção. No momento de preparação, instaurou-se um clima de ansiedade na procura por realizar um bom trabalho e, por isso, os níveis de concentração aumentaram. Conseqüentemente, houve mais silêncio na sala, criando um ambiente semelhante ao da realização de uma audição. Após a primeira abordagem, verificou-se um cenário totalmente contrastante, pois a concentração transformou-se em insatisfação, embora mantivessem o bom espírito

de grupo. A razão desta insatisfação deveu-se ao facto de terem criado grandes expectativas na descoberta do título da música, que não tiveram respaldo na execução.

De forma resumida, quatro dos alunos conseguiram levar a canção até ao fim e os restantes acabaram por se ir perdendo ao longo da música. No entanto, é importante referir que os mesmos tiveram a consciência e a consideração de não tentar entrar no sítio errado para não prejudicar a *performance* dos restantes colegas. Em relação aos alunos que não deixaram de tocar, mostraram ser capazes de seguir a direção da professora. No que diz respeito à notação musical, existiram algumas notas trocadas, o que dificultou a tarefa de descobrir a melodia em questão.

Face ao sucedido, e antes de desvendar o nome da canção, a professora começou por dar algumas orientações na tentativa de corrigir os aspetos menos conseguidos. Essas orientações tinham que ver, sobretudo, com três aspetos fulcrais: ter atenção aos acidentes presentes na armação de clave, dar o valor total às figuras rítmicas e fazer algumas correções a nível de notação musical. Assim que a mestranda lembrou os alunos destes três pontos, executou-se novamente a canção com as devidas alterações e o resultado transcendeu aquilo que se esperava.

A maioria do grupo conseguiu executar de forma exemplar a primeira parte da melodia sem grandes dificuldades. Depois de algum aperfeiçoamento efetuado com o apoio da professora, a alegria e a satisfação instalaram-se no grupo por terem conseguido alcançar o tão desejado objetivo que consistia na descoberta do nome “Hino à Alegria”.

No final da prova, a mestranda teve a oportunidade de assistir a comentários muito positivos por parte dos alunos, dos quais se destacam: “Parece que agora conseguimos tocar, professora!”, “Afinal conseguimos acertar nas notas professora!”, “Conseguimos, professora, conseguimos!”.

⇒ **BANDA B**

Uma vez que a Banda B nunca tinha tocado em conjunto, fez-se uma breve apresentação individual de cada elemento e seguidamente procedeu-se à realização de um breve aquecimento como preparação para a prova à primeira vista. Desta forma, puderam familiarizar-se com os colegas e conhecer a sonoridade do grupo.

Os exercícios de aquecimento foram previamente explicados pela professora antes da sua execução para que não houvesse margem para dúvidas, facilitando assim a *performance* do grupo. De um modo geral, os alunos tiveram alguma dificuldade na realização dos exercícios solicitados, pois sentiam-se um pouco nervosos inicialmente,

parando muitas vezes de tocar, o que impossibilitou uma boa execução de grupo. Ainda assim, demonstraram uma conduta exemplar e, apesar de se encontrarem um pouco recatados, as dificuldades que surgiam eram debatidas com a professora, ainda que com alguma timidez.

Face aos exercícios propostos, a mestranda teve o cuidado de solicitar coisas simples, para que os alunos se adaptassem à forma de tocar de cada um e principalmente com o facto de estarem a ser dirigidos por alguém pela primeira vez.

Quando a professora solicitou um exercício que consistia na execução da escala com entradas alternadas os alunos, após algumas tentativas, ficaram admirados pelo resultado final, originando pequenas intervenções muito discretas como “Uau, parecemos uma banda a sério!”, “Somos poucos, mas parece que somos tantos!”.

É de salientar que apesar de se encontrarem motivados por participarem numa atividade diferente que nunca tinham experienciado, os alunos mostravam-se entusiasmados quando lhes foram entregues as partituras e transmitidas as demais explicações acerca da prova. À semelhança da Banda A, manifestaram elevados níveis de interesse na descoberta do nome da canção. No entanto, o fator surpresa não provocou tanta euforia como à Banda A, antes pelo contrário. Os alunos encontravam-se mais contidos e ansiosos pelo início da prova.

Figura 11 – Dia de Prova – Banda B



No período de 10 minutos que receberam para análise e estudo individual da canção, todos os alunos ficaram em silêncio sem saber muito bem como começar. A mestranda notou que se encontravam com receio e vergonha de tocar à frente dos colegas e, por isso, grande parte ficou apenas a analisar a partitura, até que um dos alunos mais velhos teve a iniciativa de ser o primeiro a praticá-la no instrumento. A partir desse momento, e de forma progressiva, os restantes começaram a juntar-se ao colega, mas quando alguém

parava, os alunos mais inseguros imediatamente pousavam o instrumento com medo que ouvissem o que estavam a praticar.

Dados por concluído os 10 minutos para estudo individual, fez-se uma primeira abordagem à canção em conjunto com a professora, onde se verificou que nem todos os alunos obtiveram uma leitura tão fluída como se esperava, sendo que apenas os alunos de trompete e triângulo conseguiram chegar ao fim da canção. Ainda assim, os alunos mostraram que a melodia do trompete lhes mostrou que havia nos restantes elementos do grupo familiaridade na canção.

Contrariamente ao que se verificou na Banda A, os alunos da Banda B apesar de terem analisado a partitura com maior afinco por estarem mais concentrados, o resultado não foi tão bem-sucedido, pois apenas o aluno de trompete mostrou ser capaz de executar a melodia até ao fim, ainda que com algumas hesitações.

No que diz respeito à direção musical, os alunos nem sempre foram capazes de acompanhar a mestranda, revelando alguma dificuldade em seguir a sua marcação durante a leitura da partitura. Este aspeto resultou essencialmente do facto de não estarem habituados a um trabalho contínuo com alguém a dirigi-los em grupo. Por isso mesmo, os alunos da Banda A demonstraram ser detentores de uma maior capacidade de adaptação face à direção da professora porque trabalharam esse aspeto durante mais tempo na atividade *Os Pequenos Filarmónicos*.

Na tentativa de melhorarem os aspetos menos conseguidos e na procura por desvendar o nome da canção, a professora começou por trabalhá-la calmamente, dando algumas orientações necessárias para o bom aproveitamento do grupo.

De um modo geral, nem todos os alunos reagiram de igual forma às indicações da professora, demonstrando diferentes capacidades de assimilação dos conceitos e demais aspetos musicais. É de salientar que o tempo que tiveram de preparação musical em conjunto foi manifestamente insuficiente para que desenvolvessem as suas aptidões e adquirissem determinados conhecimentos musicais. O mesmo se verificou quanto à cooperação e espírito de grupo pois, apesar da novidade e de todo o entusiasmo vivido pelos alunos, não houve tempo suficiente para que conseguissem estabelecer relações de confiança entre todos. Desta forma e à semelhança da primeira aula da Banda A, a timidez e o pouco à-vontade foram dois dos aspetos mais notórios nesta prova, contribuindo para que o processo de ensino fosse mais moroso.

Ainda assim, após algum trabalho minucioso e de aperfeiçoamento dos vários aspetos musicais, os alunos com maior capacidade conseguiram executar a canção e a

mesma foi reconhecida por todos, apesar de que apenas um aluno sabia identificar o nome “Hino à Alegria”.

No final da prova, a mestranda presenciou um ambiente mais descontraído e divertido após terem alcançado o objetivo da prova. Os poucos comentários notados foram muito positivos, na medida em que o grupo se manifestou interessado em dar continuidade ao projeto conjunto.

6.7.1.4. Interpretação dos Resultados - Banda A

A tabela 12 revela os níveis de evolução verificados na Banda A aquando da realização da prova à primeira vista, comparando-os com a sua participação ao longo de toda a atividade. Como tal, foram levados em consideração os parâmetros de avaliação abaixo mencionados.

Tabela 12 – Evolução verificada com base nos parâmetros de avaliação descritos - Banda A

Parâmetros de Avaliação	Nível de Evolução - BANDA A		
	Baixa	Média	Alta
⇒ Concentração		X	
⇒ Comportamento	X		
⇒ Autonomia			X
⇒ Espírito de Grupo			X
⇒ Confiança		X	
⇒ Vivência de Grupo			X
⇒ Competências de Leitura			X
⇒ Competências Expressivas		X	
⇒ Competências Motoras		X	
⇒ Competências Auditivas			X

No que concerne ao parâmetro “Concentração”, a mestranda considerou que os alunos demonstraram, de facto, uma maior capacidade de concentração, nomeadamente quando sujeitos a momentos de carácter avaliativo, bem como outros de elevada relevância, mas nem sempre mostraram ser capazes de manter esses níveis por longos períodos de tempo.

No que se refere ao “Comportamento”, houve sem dúvida uma grande diferença, entre o início e a fase final do projeto. Esta discrepância de comportamentos deveu-se ao facto de, na progressão das aulas, se verificar que os alunos estabeleciam cada vez mais laços entre si, ganhando mais confiança e à-vontade uns com os outros. Embora a mestranda tenha noção da importância das boas relações entre os alunos e a professora, por vezes o excesso de entusiasmo prejudicou o bom funcionamento da aula e o processo de aprendizagem dos colegas.

Em relação à “Autonomia” foi sem dúvida dos pontos mais significativos verificados na realização desta prova. Apesar de existirem diferenças entre alunos, considera-se que a maioria conseguiu demonstrar ser mais autónomo na resolução de problemas, assim como na realização das tarefas que lhes eram propostas.

Quanto aos “Espírito de Grupo” e “Vivência de Grupo” considerou-se existir uma evolução clara, por isso mesmo a avaliação foi “Alta”. No decorrer da prova, toda a dinâmica de grupo a que se assistiu, assim como toda a entreajuda sentida, foi realmente distinta da que se verificou nas aulas iniciais deste projeto. O facto de estarem a trabalhar em conjunto durante um longo período de tempo, contribuiu para fomentar as suas relações interpessoais e a cooperação entre todos.

Relativamente à “Confiança”, apesar de os alunos revelarem níveis um pouco dispersos, a mesma foi avaliada como “Média”. Ao longo da prova, nem todos se sentiam confiantes e convictos do trabalho que realizavam individualmente, preferindo, a maior parte das vezes, tocar em conjunto, de forma a sentirem-se mais confiantes durante a sua *performance*. Só depois de se sentirem mais seguros a tocar em conjunto é que a sua confiança aumentava na execução de determinada secção. O mesmo se verificou ao longo do projeto. Todos os alunos se sentiam mais confiantes por tocarem em conjunto, à exceção de um aluno que disse preferir tocar sozinho por sentir que tem uma melhor perceção daquilo que está a executar.

Ao nível das “Competências de Leitura, considera-se um ponto alto na realização desta prova, na medida em que grande parte dos alunos conseguiu compreender de forma autónoma a partitura, apesar de na primeira abordagem se terem verificado pequenas oscilações rítmicas, assim como algumas anomalias a nível de notação musical. A mestranda acredita que estes aspetos menos conseguidos aconteceram essencialmente por falta de atenção e não por falta de capacidade ou conhecimento dos alunos.

Ainda no que toca a este parâmetro, referira-se que o rítmico e a pulsação foram dos aspetos mais difíceis de juntar e os que mais se trabalharam ao longo das semanas.

Os alunos durante as primeiras aulas não possuíam a rapidez de leitura que nesta prova conseguiram obter, tendo em consideração o curto espaço de tempo que tiveram para a estudar. Além disso, ao longo das aulas, a mestranda teve a oportunidade de constatar que alguns ainda não sabiam distinguir as várias figuras musicais, o que influenciava bastante a fluidez na leitura. Contudo, à medida que foram adquirindo um melhor domínio sobre as canções, a assimilação e o reconhecimento tornaram-se mais fáceis. Verificou-se, assim, uma enorme evolução pois, se antes nenhum aluno conseguia executar uma frase musical seguida, nesta prova provou-se o contrário. Os alunos mostraram ter maior domínio na leitura, apesar de apenas quatro alunos conseguirem levar a música até ao fim, ainda que com algumas hesitações verificadas.

A respeito das “Competências Expressivas”, em particular as dinâmicas, pode concluir-se que as mesmas não foram tomadas em atenção pelo grupo em nenhuma parte da canção, pois a preocupação principal dizia respeito sobretudo a questões de leitura. Apesar deste aspeto ter sido muitas vezes mencionado durante as aulas, sobretudo na fase final do projeto, o mesmo só era tido em consideração quando a professora os relembrava e trabalhava de uma forma mais pormenorizada e concentrada na sua diferenciação. No entanto, a mestranda constatou que os alunos demonstraram uma excelente capacidade de resposta face àquilo que solicitava.

Do ponto de vista da condução frásica notaram-se ainda algumas dificuldades, sobretudo a nível de respiração e som contínuo, o que prejudicou a *performance* do grupo. Para além disso, notou-se que os instrumentos do naipe de metais nem sempre conseguiram alcançar uma boa flexibilidade entre registos, dadas as dificuldades técnicas inerentes ao próprio instrumento.

Em relação às “Competências Motoras”, os alunos apesar da existência de algumas indefinições entre passagens musicais, conseguiram demonstrar um maior controlo técnico, principalmente após a primeira abordagem à canção. O mesmo se pôde verificar nas restantes canções. De aula para aula, grande parte dos alunos mostrou um domínio técnico cada vez maior, fruto do estudo em casa. Ainda assim, e à semelhança da flexibilidade entre registos, por vezes, em certos momentos das aulas, os intervalos não saíam de forma clara devido às dificuldades em articular o movimento dos dedos com a língua. No entanto, após algum trabalho minucioso, as melhorias eram notórias. Nesta prova, grande parte dos alunos conseguiu demonstrar progressão, exceto o aluno do eufónio que, apesar de ter melhorado bastante, continuou a mostrar dificuldades.

No que diz respeito às “Capacidades Auditivas”, a mestranda constatou que os alunos, na sua generalidade, evoluíram bastante, em particular no som em conjunto. No decorrer da atividade, mostraram ser capazes de reconhecer quando estão desafinados ou quando alguém no grupo não está próximo da afinação. Verificou-se igualmente que quando tocam uma determinada secção ou frase musical e a mesma não condiz com a melodia que conhecem, reconhecem-no auditivamente e tentam corrigir o erro autonomamente.

Curiosamente, o mesmo não se manifestou de forma tão clara na prova de leitura à primeira vista. Uma vez que a canção não se encontrava identificada, os alunos não tinham noção se o que estavam a tocar era realmente a melodia certa, apesar de ainda assim fazerem algumas correções que achavam estar incorretas auditivamente. Contudo, quando se procedeu à segunda leitura com as devidas correções efetuadas pela professora, os alunos identificaram de imediato o respetivo nome. Após conhecerem o que estavam a executar, tornou-se mais fácil para eles detetar as anomalias musicais que iam surgindo.

Tabela 13 – Resultados verificados com base nos parâmetros de avaliação mencionados - Banda B

Parâmetros de Avaliação	BANDA B		
	Baixa	Média	Alta
⇒ Concentração			X
⇒ Comportamento			X
⇒ Autonomia		X	
⇒ Espírito de Grupo	X		
⇒ Confiança	X		
⇒ Vivência de Grupo	X		
⇒ Competências de Leitura	X		
⇒ Competências Expressivas	X		
⇒ Competências Motoras	X		
⇒ Competências Auditivas	X		

6.7.1.5. Interpretação dos Resultados - Banda B

A tabela 13 revela os níveis de competências verificadas na Banda B aquando da realização da prova à primeira vista, tendo em conta que o grupo nunca esteve em

contacto anteriormente. Assim sendo, a mestranda teve em consideração os parâmetros de avaliação acima mencionados.

No que se refere ao parâmetro “Concentração”, a Banda B revelou desde início da prova bons níveis de concentração, nomeadamente quando abordaram a canção com a professora. Além disso, mostraram a capacidade de os manter por largos períodos, apesar de, no final da prova, os alunos já se encontrarem um pouco dispersos.

A respeito do “Comportamento” é de salientar que os alunos demonstraram uma conduta exemplar ao longo de toda a prova, contribuindo para o bom funcionamento da mesma. A mestranda sentiu que contrariamente ao comportamento verificado na prova da Banda A, os alunos da Banda B encontravam-se muito tímidos e envergonhados, em especial no início da atividade. Para além de ser tudo uma novidade para eles, não demonstraram facilidades imediatas em estabelecer relações uns com os outros, apesar de já se terem encontrado durante as audições realizadas na escola de música. Ainda assim, existiram algumas intervenções no decorrer da prova, sendo que a maior parte delas correspondiam aos alunos que participavam de uma forma mais ativa em comparação com os restantes do grupo.

Relativamente ao parâmetro “Autonomia” verificou-se que grande parte dos alunos conseguiu ter a capacidade de colmatar algumas das dificuldades existentes, mostrando interesse e persistência na resolução de problemas. No entanto, a mestranda constatou que, apesar de reconhecerem os erros, precisavam de auxílio naquilo que lhes era mais difícil realizar.

O “Espírito de Grupo”, assim como a “Vivência de Grupo”, considerou-se baixo pelas razões que já foram mencionadas anteriormente. A timidez e o medo de falhar, impossibilitou que houvesse um espírito de entreajuda acentuado e um maior à-vontade em tocar à frente dos colegas. Nos 10 minutos que foram dados para estudo individual da partitura, os alunos encontravam-se muito reservados e com muita vergonha de tocar. Verificou-se ainda que alguns alunos não tocavam, apenas olhavam para a partitura, enquanto outros começavam aos poucos a dar umas notas, mas sempre numa dinâmica praticamente inaudível para que ninguém os ouvisse. Contudo, à medida que os alunos se iam ambientando, começavam a interagir um pouco mais com a professora, assim como com os restantes colegas.

Este comportamento reservado, refletiu-se no parâmetro “Confiança” que se considerou igualmente baixo, uma vez que os alunos não se sentiam confiantes o suficiente para se exporem durante a sua *performance* musical. Comparativamente com

a Banda A, estes alunos demonstraram também preferir tocar em conjunto com os colegas do que sozinhos, não receando expor-se mais, afastando a vergonha e mais seguros de si mesmos. Este aspeto foi bastante visível, pois quando os colegas do lado paravam de tocar, todos se calavam, no entanto, se todos estivessem a tocar em conjunto, não tinham qualquer problema em expor-se musicalmente.

No que diz respeito às “Competências de Leitura, Expressivas, Motoras e Auditivas” a mestranda admite que as mesmas em comparação com a Banda A se consideraram baixas, apesar de garantir que todos os alunos demonstraram ter os requisitos necessários para uma execução musical bem-sucedida. Contudo, para esse efeito, os alunos necessitariam de um período mais longo a tocar em conjunto, envolvendo um trabalho mais regular e consistente para que houvesse uma maior margem de progressão.

Em relação às “Competências de Leitura”, a maioria dos alunos não mostrou ter a capacidade imediata de ler com tanta fluidez como a Banda A. O mesmo se verificou nas “Competências Motoras”, na medida em que levaram mais tempo a obter um maior domínio das passagens musicais, assim como, questões relacionadas com a articulação do movimento dos dedos com a língua, o que dificultava a clareza das frases e conseqüentemente o trabalho de junção de grupo.

À semelhança da Banda A, o parâmetro referente às “Competências Expressivas”, foi um aspeto pouco visível durante a prova, uma vez que os alunos se encontravam com uma maior preocupação no domínio técnico da canção, atribuindo pouca atenção a aspetos de condução frásica, exploração de dinâmicas, entre outros. De notar que mesmo após uma abordagem mais pormenorizada em conjunto com a professora, continuou a ser um tipo de competência pouca desenvolvida, pois não existiu tempo suficiente para a mesma ser aprimorada.

Quanto às “Capacidades Auditivas”, a mestranda constatou que a principal dificuldade inerente a este parâmetro tinha que ver com a estabilidade da pulsação. À semelhança da Banda A, manter a pulsação estável foi dos maiores desafios, uma vez que os alunos, não possuindo o absoluto domínio técnico sobre a canção, e estando tão fixados na partitura, não prestavam a atenção nem à direção da professora, nem ao que os colegas executavam. Desta forma, verificou-se que cada um tocava para seu lado, sem preocupação de ouvir e adaptar-se à pulsação dada pela professora, tornando difícil todo o processo de junção das várias partes. Além disso, o facto de não terem tempo suficiente

para auditivamente conhecerem as melodias de cada instrumento dificultou ainda mais a adaptação conjunta.

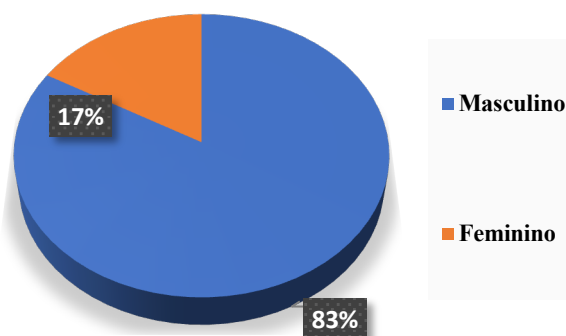
6.7.2. Entrevistas aos alunos participantes

Tal como foi dito anteriormente, as entrevistas apenas foram realizadas aos alunos participantes da Banda A. (Anexo) Neste ponto, o objetivo principal foi averiguar o impacto que este projeto teve na aprendizagem musical dos alunos e a forma como vivenciaram esta experiência em grupo. Para além disso, pretendeu-se perceber questões mais individualizadas em relação à escolha e dificuldade do repertório utilizado, os seus índices de motivação durante e após o projeto e, ainda, os contributos da experiência com vista ao ingresso na Banda Filarmónica.

6.7.2.1. Análise das entrevistas aos alunos

Foram entrevistados seis alunos, dos quais cinco eram do sexo masculino e um do sexo feminino. Todos os participantes iniciaram a sua aprendizagem musical na Escola de Música da Sociedade Recreativa Musical de Almoçageme têm idades compreendidas entre os doze e os quinze anos, como demonstra a seguinte coluna de resposta curta.

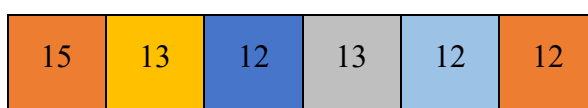
Gráfico 1- Género dos alunos entrevistados



6 respostas

Idade atual dos alunos participantes no projeto:

6 respostas

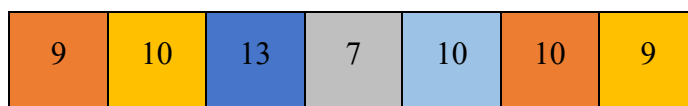


Resposta curta 1- Entrevista aos alunos participantes (1ª Questão)

Por conseguinte, os alunos revelaram idades distintas relativamente à idade com que iniciaram a sua aprendizagem musical na Escola de Música, sendo que dois alunos começaram com nove anos, outro aluno com treze, outro com sete e os restantes com dez anos. (Resposta curta 2).

Idade atual dos alunos quando iniciaram a sua aprendizagem musical no instrumento:

6 respostas



Resposta curta 2- Entrevista aos alunos participantes (2ª Questão)

O *feedback* demonstrado por todos os alunos face à sua participação no projeto *Os Pequenos Filarmónicos* foi muito positivo. Todos os entrevistados gostaram de participar na atividade considerando-a uma experiência boa e muito divertida. Alguns alunos acharam que foi uma atividade diferente comparativamente com o trabalho realizado nas aulas individuais, ajudando-os a sair da rotina e a aprender e experienciar coisas novas, assim como a conviver e a fazer novas amizades. Dois dos alunos compararam a sua participação na atividade como se já estivessem integrados na Banda Filarmónica.

A maioria dos alunos nunca experienciou tocar em conjunto numa formação deste tipo, contudo três deles referiram que a única experiência em conjunto que tiveram foi com o professor durante as aulas individuais de instrumento. Um dos alunos disse que já tinha participado numa atividade musical em grupo constituída pelos colegas de naípe e o respetivo professor.

Relativamente à pergunta “O que gostaste mais ao longo deste projeto?” as respostas foram as mais diversas, mas de um modo geral todos os alunos gostaram de tocar em conjunto com os amigos. Um dos alunos referiu que gostou muito dos vários conceitos musicais que foram abordados ao longo das aulas. Outra das coisas mencionadas foi o facto de estarem submetidos a mais uma aula por semana, contribuindo para que estivessem mais tempo em contacto com o instrumento, para além do estudo em casa e da respetiva aula individual.

Ao nível das canções utilizadas foram consideradas simples, divertidas e conhecidas da infância dos alunos. Na generalidade todos os entrevistados preferem

tocar em conjunto com os colegas, à exceção de um aluno que referiu que apesar de ter gostado da experiência, prefere tocar a solo porque diz ter uma melhor perceção do que pode melhorar musicalmente.

De acordo com as respostas obtidas, concluiu-se que esta atividade contribuiu para que todos os alunos tivessem uma ideia de como funciona a Banda Filarmónica, aprendendo e estando expostos a vários termos e aspetos musicais indispensáveis à sua preparação como elemento futuro desta instituição.

Finalizando a análise das entrevistas e utilizando uma escala avaliativa de 1 a 5, esta atividade foi avaliada por mais de metade dos entrevistados como uma experiência que os motivou muito musicalmente estimulando-lhes a ambição de adquirir maior conhecimento musical. Dois dos entrevistados responderam apenas que o projeto os motivou. (Gráfico 2)

Escala avaliativa de 1 a 5 – Aumento Motivacional e Aquisição de conhecimentos

6 respostas

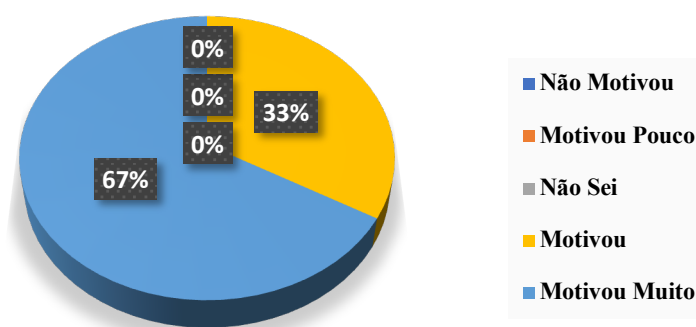


Gráfico 2- Entrevista aos alunos participantes (11º Questão)

6.7.3. Inquéritos aos encarregados de educação dos respetivos alunos

O presente inquérito traduziu-se em três questões iniciais que procuraram recolher informações relativamente à caracterização qualitativa do grupo (género, idade e escolaridade), através de resposta curta e escolha múltipla. Posteriormente, contou com sete perguntas de escolha múltipla, terminando com um espaço de observações livre onde os encarregados de educação pudessem opinar sobre o projeto desenvolvido.

O intuito deste inquérito focou-se, fundamentalmente, em perceber a opinião externa, enquanto familiares dos alunos, relativamente à contribuição que este tipo de valências, denominadas como Bandas Juvenis, poderão contribuir positivamente para

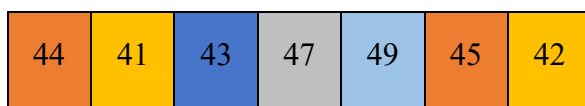
uma Escola de Música, não só a nível individual de cada aluno, mas também na manutenção e efetivação de futuros membros de uma Banda Filarmónica.

6.7.3.1. Análise dos inquéritos aos encarregados de educação

Feita uma análise às referidas questões iniciais, verifica-se que a maioria dos inquiridos (sete respostas dadas) tem uma idade compreendida entre os 41 e os 49 anos, sendo maioritariamente do sexo feminino. Relativamente ao grau de escolaridade, verificou-se que dos sete inquiridos, 14,3% possuem o 12º ano, 42,9% são detentores de licenciatura e os restantes 42,9% possuem apenas o 9º ano.

IDADE:

7 respostas



Resposta curta 3 - 1º Questão

GÉNERO:

7 respostas

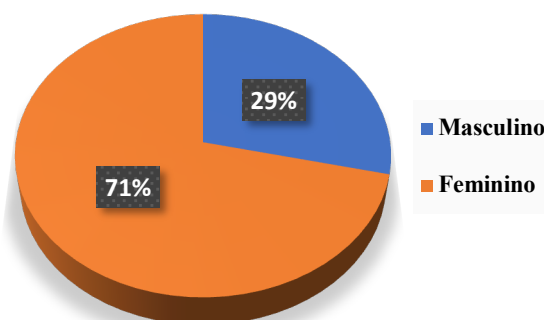


Gráfico 3 - Género dos Encarregados de Educação inquiridos

ESCOLARIDADE:

7 respostas

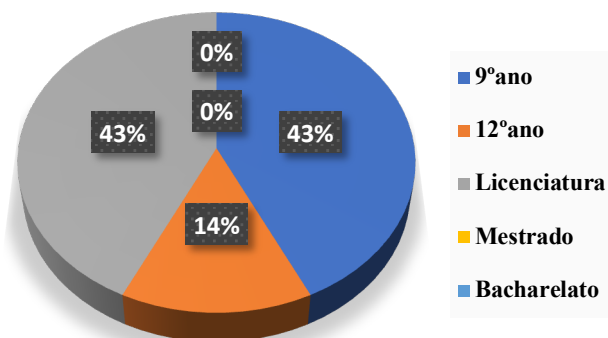


Gráfico 4 - Grau de Escolaridade aos Encarregados de Educação inquiridos

Uma vez que estes alunos nunca frequentaram uma Banda Juvenil, considerou a criação desta atividade em conjunto positiva para a aprendizagem musical do seu filho?

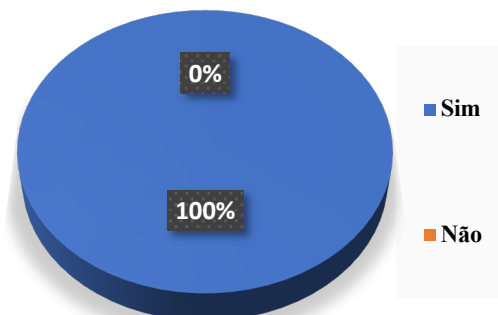


Gráfico 5 - 4ª Questão

Considera importante os alunos estarem expostos a este tipo de atividades em conjunto como uma pré-preparação para o ingresso na Banda Filarmónica?

7 respostas

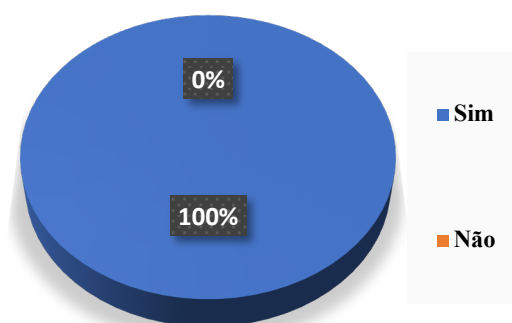


Gráfico 6 - 5ª Questão

Considera relevante a criação deste tipo de valências nas Escolas de Música de uma Filarmónica como um método complementar de ensino mais estimulante e atrativo?

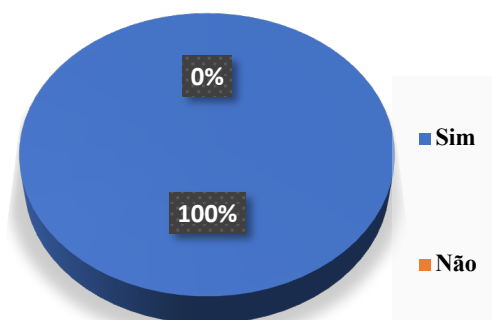


Gráfico 7 - 6ª Questão

Ambos os gráficos acima, demonstram que todas as respostas foram unânimes. Assim, verifica-se que todos os inquiridos consideram a criação desta atividade, não só positiva para a aprendizagem de um aluno, mas também, um método de ensino mais estimulante e atrativo nas Escolas de Música das Bandas Filarmónicas (100%). Além disso, todos os inquiridos consideram importante os alunos serem expostos a este tipo de atividades para que consigam obter uma melhor preparação com vista ao ingresso na Banda Filarmónica.

Considera que a escolha das canções utilizadas para o projeto foi uma mais valia no aumento motivacional da aprendizagem dos alunos?

7 respostas

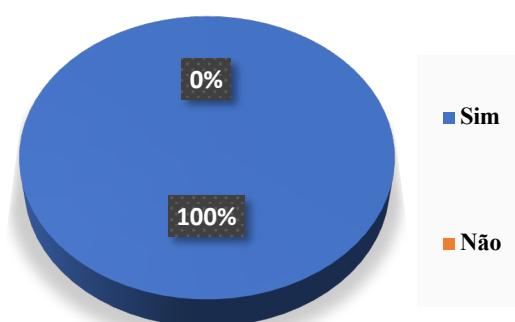


Gráfico 8 - 7ª Questão

Se sim, acha que de alguma forma conseguiram influenciar a prática continuada do instrumento musical do seu educando?

7 respostas

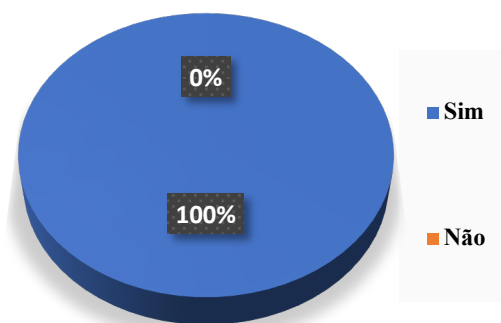


Gráfico 9 - 8ª Questão

Segundo a opinião geral dos inquiridos (100%), as escolhas das canções utilizadas para a realização deste projeto contribuíram para o aumento motivacional dos alunos e

consequentemente, todos consideram ter sido uma excelente influência para os alunos para a prática continuada do instrumento musical.

Considera que a criação deste tipo de bandas juvenis contribui para a manutenção e consequente efetivação dos futuros membros de uma Banda filarmónica?

7 respostas

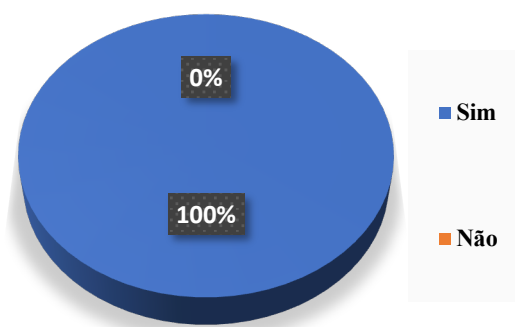


Gráfico 10- 9ª Questão

Da análise dos gráficos supra, verificou-se que as respostas foram novamente unânimes, podendo afirmar-se que todos os inquiridos (100%) consideraram a criação das Bandas Juvenis, indispensáveis para a manutenção e efetivação dos futuros membros de uma Banda Filarmónica.

Acha que este tipo de agrupamentos juvenis podem ser uma fonte agregadora de mais jovens para a Escola de Música?

7 respostas

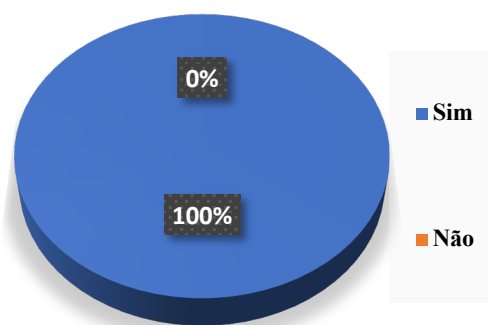


Gráfico 11- 10ª Questão

Analisando o gráfico apresentado acima, verifica-se que todos os inquiridos (100%) consideram que este tipo de agrupamentos juvenis são uma potencial fonte de aquisição de alunos para a Escola de Música.

Seguidamente, serão lançadas as observações que foram obtidas através dos encarregados de educação, as quais ditam algumas das suas opiniões face à criação deste projeto.

OBSERVAÇÕES:

4 respostas

Parabéns pelo projeto, motivou em muito os alunos

Gostei muito da participação do meu filho. Penso que foi extremamente benéfico para a educação musical dele e para o gosto pela música.

Em suma muito bom 🍌

Na opinião acho que foi um grande ideia, o grupo devia continuar.

Figura 12 – Observações dadas pelos encarregados de educação

6.7.4. Inquéritos aos professores dos respetivos alunos

À semelhança do inquérito anterior, este consistiu igualmente em três questões iniciais que procuraram recolher informações que caracterizassem qualitativamente o grupo (género, idade, escolaridade e tempo de serviço), através de resposta curta e escolha múltipla. Ulteriormente, contou com oito perguntas de escolha múltipla e no final foi criado um espaço livre para possíveis observações.

No que concerne à elaboração deste inquérito aos professores, procurou-se perceber não só as suas opiniões face à criação destas valências no seio filarmónico, mas também se consideram uma disciplina favorável ao aumento dos níveis de motivação e de progressão individual dos alunos. Para além disso, também se procurou saber se se verificaram diferenças na aprendizagem musical dos seus alunos durante e após o projeto e, sobretudo, se ganharam melhores hábitos de estudo do seu instrumento.

Em conformidade com o inquérito aos encarregados de educação, este também procurou saber a opinião dos professores no que diz respeito à criação destes grupos juvenis nas Filarmónicas como um forte potenciador na manutenção e no recrutamento de elementos efetivos para o Corpo de Banda.

6.7.4.1. Análise dos inquéritos aos professores

Num total de três professores que responderam ao inquérito, dois são do sexo masculino e um do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 25 e 38 anos de

idade. Verificou-se que cada um deles são detentores de graus académicos distintos, sendo que um deles é licenciado, outro possui mestrado e o restante encontra-se a frequentar o mestrado em ensino de música. Em relação ao tempo de serviço, pode-se verificar que vai desde os 5 aos 19 anos.

GÉNERO:

3 respostas

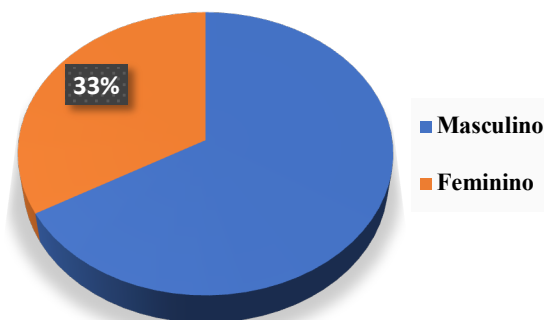
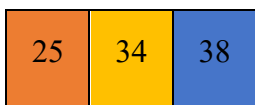


Gráfico 12 - 1º Questão

IDADE:

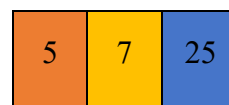
3 respostas



Resposta curta 4 - 2º Questão

TEMPO DE SERVIÇO:

3 respostas



Resposta curta 5 - 4º Questão

ESCOLARIDADE:

3 respostas

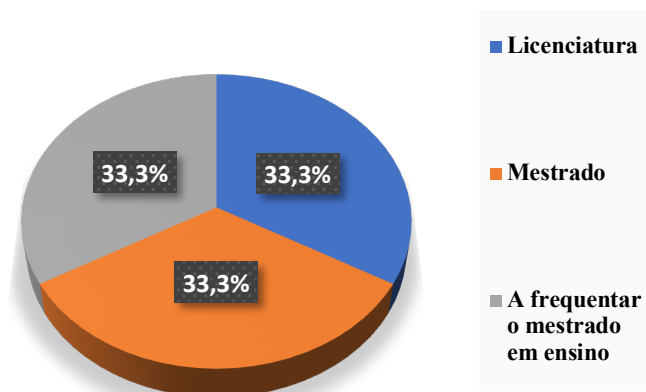


Gráfico 13 - 3º Questão

Considera importante e vantajosa a presença de Bandas Juvenis em instituições Filarmónicas durante a aprendizagem musical de um aluno?

3 respostas

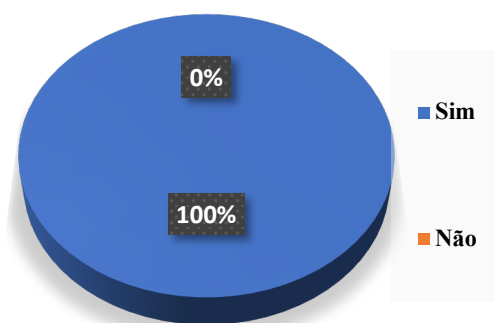


Gráfico 14- 4ª Questão

Considera que a criação deste projeto conjunto contribuiu de alguma maneira para o aumento motivacional dos seus alunos?

3 respostas

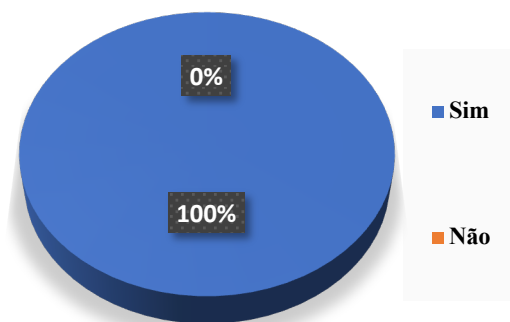


Gráfico 15- 5ª Questão

Conforme as respostas dadas às questões dos Gráficos 13 e 14, pode afirmar-se que todos os professores (100%) consideram as Bandas Juvenis um tipo de agrupamento a ser inserido nas instituições Filarmónicas dada a sua importância para a aprendizagem musical de um aluno, assim como todas as vantagens inerentes a ela.

Em complemento ao parágrafo anterior, todos consideraram que a criação deste projeto conjunto contribuiu para o aumento dos níveis de motivação nos seus alunos (100%).

Sentiu diferenças na aprendizagem musical do seu aluno durante e após a participação neste projeto?

3 respostas

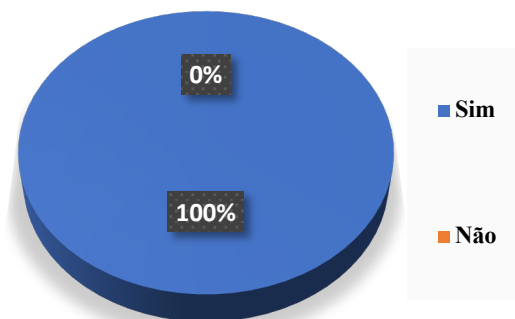


Gráfico 16 - 6ª Questão

Considerou que este projeto foi uma mais valia para a aquisição de competências musicais e uma conseqüente evolução na aprendizagem musical dos seus alunos?

3 respostas

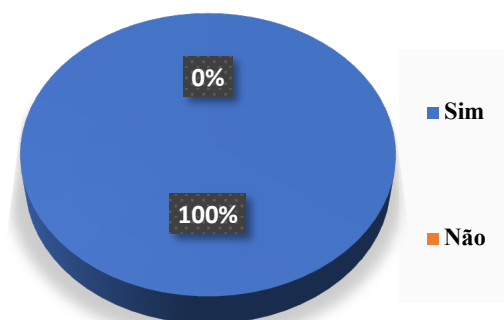


Gráfico 17 - 7ª Questão

Considera que este contacto conjunto semanal influenciou a prática continuada do instrumento musical do seu aluno?

3 respostas

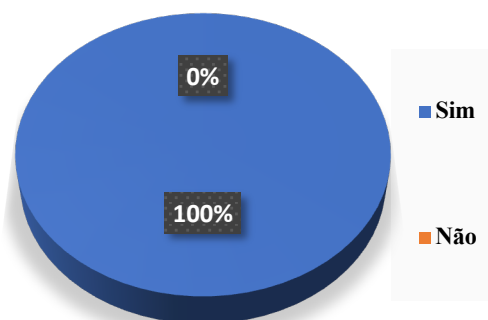


Gráfico 18 - 8ª Questão

De acordo com as respostas dadas aos três gráficos acima ilustrados (Gráfico 16, 17 e 18), todos os inquiridos referiram que o projeto contribuiu para a aquisição de competências musicais, influenciando assim, não só a prática continuada do instrumento como também a sua conseqüente evolução.

Em reforço ao mencionado no parágrafo anterior, todos os professores afirmaram sentir diferenças na aprendizagem musical dos seus alunos, durante e após a sua participação no presente projeto (100%).

Considera que a criação das Bandas Juvenis contribui para a manutenção e conseqüente efetivação dos futuros membros de uma Banda Filarmónica?

3 respostas

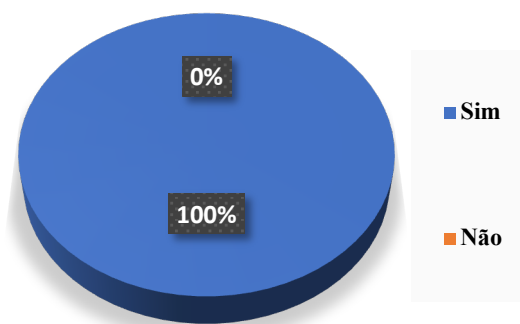


Gráfico 19 - 9ª Questão

Através do Gráfico 19 verifica-se que todos os inquiridos são da opinião de que a criação de Bandas Juvenis no seio Filarmónico, de facto auxilia a manter e a efetivar os membros que possam vir a ingressar na Banda Filarmónica.

Considera que a implementação desta modalidade de conjunto no plano curricular da Escola de Música, potencia uma melhor preparação individual dos alunos para o ingresso na Banda Filarmónica?

3 respostas

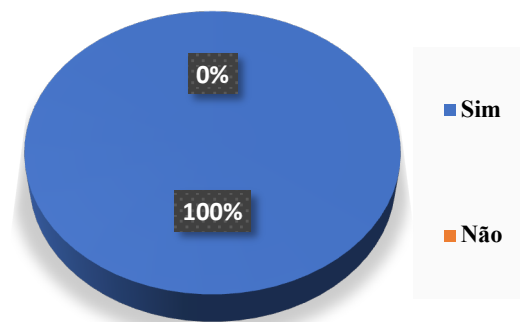


Gráfico 20 - 10ª Questão

Acha que as Bandas Juvenis podem ser uma fonte agregadora de mais jovens para a Escola de Música?

3 respostas

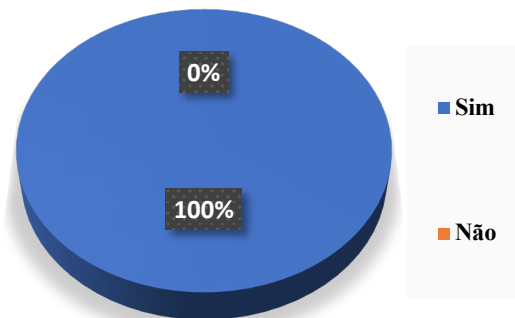


Gráfico 21 - 11ª Questão

Segundo os dois últimos gráficos deste inquérito, pode afirmar-se que todos os inquiridos consideram que a implementação desta modalidade de conjunto na Escola de Música ajuda de facto, numa melhor preparação individual.

Adicionalmente, todos afirmaram que podem ser uma fonte agregadora de mais jovens, no que diz respeito à afluência de mais alunos para a Escola de Música.

Por conseguinte, serão apresentadas as observações que foram obtidas através dos professores que quiseram dar a sua opinião acerca deste projeto.

OBSERVAÇÕES:

2 respostas

Tudo o que seja fazer música em conjunto é motivante para os alunos quer a nível musical quer a nível social, logo todas as actividades que eles possam participar será sempre enriquecedor para todos.

Na minha opinião, penso que todas as escolas de música inseridas nas filarmónicas, deveriam ter à parte das aulas de solfejo e de instrumento, este tipo de aulas em conjunto. Fazer música de conjunto é realmente benéfico em muitos sentidos, quer a nível musical quer a nível social. Certamente que este contacto conjunto semanal, ajudará em demasia na sua progressão individual. Sempre é mais uma vez que tocam o instrumento durante a semana e acabam por aprender coisas, que em contexto das aulas individuais, não são referidas com tanta frequência. Em suma, é um tipo de atividade que enriquece todos os alunos.

Figura 13 – Observações dadas pelos professores

6.7.5. Interpretação dos Resultados das Entrevistas e Inquéritos

No geral, pode-se afirmar que as respostas das entrevistas e dos inquéritos foram muito positivas, com resultados que coincidem praticamente na sua totalidade.

Por conseguinte, todos os encarregados de educação e professores consideraram relevante a implementação das Bandas Juvenis no plano de atividades da Escola de Música. Desta forma, segundo a opinião unânime, a criação deste tipo de agrupamentos contribui para que os alunos se mantenham na escola de música ao estarem sujeitos a um método de ensino complementar mais estimulante e atrativo, a fim de progredirem o melhor possível musicalmente para se tornarem os futuros membros efetivos da Banda Filarmónica. Além disso, todos os inquiridos concordam que a criação destas valências tem igualmente um impacto que permite recrutar mais alunos para a aprendizagem de música.

Todos os inquiridos salientaram que o projeto contribuiu para o aumento dos níveis de motivação dos alunos, sendo uma mais valia para todo o processo de aprendizagem, não só em termos de aquisição de competências musicais, mas também na sua consequente evolução.

Em termos de reportório, é de salientar que segundo as respostas dadas pelos encarregados de educação, foi uma escolha acertada, pois não só permitiu um maior aumento motivacional na aprendizagem dos seus educandos, como teve a capacidade de influenciar a sua prática continuada do instrumento musical. O mesmo se concluiu com os inquéritos aos professores que mostram ainda o facto de ter havido diferenças na aprendizagem musical dos seus alunos durante e após a participação neste projeto.

À questão “Achas que esta atividade te ajudou a ter uma ideia de como funciona a Banda Filarmónica?” todos os alunos responderam que sim, referindo que se hipoteticamente fossem a um ensaio da Banda, já se sentiam melhor preparados não só a nível musical, mas também mais familiarizados com aquilo que se passa no ambiente filarmónico.

No que se refere à escolha das canções, as respostas foram absolutamente unânimes por parte dos alunos, caracterizando-as como simples e divertidas, uma vez que lhes eram familiarmente conhecidas por fazerem parte da sua infância.

Assim sendo, pode-se concluir que os resultados das entrevistas e dos inquéritos foram extremamente favoráveis para esta investigação, sendo que os dados obtidos vão ao encontro da literatura examinada na revisão bibliográfica.

7. Conclusão

No âmbito da prática pedagógica realizada na Academia de Amadores de Música em regime de observação, a mestranda teve a oportunidade de contactar com alunos detentores de personalidades e características individuais completamente distintas, tornando todo o processo de ensino um desafio e uma aprendizagem constantes. Além disso, através de um método de aulas estruturado e exigente a adaptação e integração no seio escolar foi bastante positivo, tendo sido um privilégio enorme poder ser orientada pelo professor cooperante Hélder Alves, um pedagogo de excelência e considerado um dos melhores saxofonistas do país. A sua ajuda e disponibilidade sempre foram incansáveis, permitindo que a mestranda expandisse as suas práticas pedagógicas e identificasse os pontos positivos e pontos a melhorar na sua forma de lecionar, a fim de evoluir dia após dia. Assim sendo, foi-lhe possível alcançar todos os objetivos pré-estabelecidos no início do ano letivo 2021/2022.

No que concerne ao Projeto de Investigação, procurou-se reforçar o ensino que é atualmente ministrado nas Escolas de Música de Bandas Filarmónicas do Concelho de Sintra com a criação de Bandas Juvenis, estimulando assim a sobrevivência e perpetuação destas instituições com uma pedagogia mais interessante que leve não só ao recrutamento de mais jovens para aprender música, mas também que permita mantê-los fidelizados e motivados com a música.

Perante os resultados da atividade *Os Pequenos Filarmónicos*, a mestranda pôde concluir que a implementação destes agrupamentos musicais juvenis no currículo da escola de música, se considerou de extrema importância para a aquisição e consolidação de competências necessárias para uma aprendizagem musical mais completa e com maior celeridade no processo de evolução de um aluno. Esta prática coletiva viu-se como uma forma dos alunos porem em prática o que aprendem semanalmente nas aulas individuais de instrumento, desenvolvendo inúmeras capacidades musicais e adquirindo outras aptidões que individualmente não lhes é permitido com tanto sucesso.

A Banda Juvenil traduziu-se num espaço de oportunidades semelhante ao que se vive numa Banda Filarmónica que permitiu a estes alunos conhecer novos repertórios, desenvolver a sua leitura musical, ganhar noções de ritmo e de pulsação e sobretudo, saber adaptar-se ao andamento e capacidade de leitura do grupo. Permitiu-lhes igualmente fomentar relações com os colegas, aumentar a capacidade de se moldar às diferentes características apresentadas pelos mesmos e essencialmente expandir os níveis

de comunicação, ganhando mais confiança em si próprios. Além disso, todos puderam experienciar a responsabilidade de vestir uma indumentária em representação do grupo, estimulando cada vez mais o gosto por pertencer a um agrupamento de maior dimensão como a Banda Filarmónica. Desta forma, possibilitou-lhes uma preparação tanto a nível instrumental como a nível individual, que permitiu sentirem-se mais confiantes e seguros aquando da transição de alunos da escola de música para músicos ativos da instituição.

A preparação mencionada, assumiu ter um carácter diferente quando os alunos apenas se encontram submetidos às aulas de solfejo e de instrumento. Esta ideia vai ao encontro da experiência realizada com a Banda B, pois estes foram sujeitos à abordagem de uma canção sem nunca antes terem experienciado a sensação de tocar em conjunto. Apesar de terem apresentado interesse na atividade que lhes foi proposta, demonstraram níveis musicais e relacionais inferiores à Banda A. A mestranda presumiu de antemão que os resultados seriam certamente distintos dadas as circunstâncias, uma vez que o grupo que trabalhou com ela mais tempo se encontrava em vantagem sobre o outro. Contudo, o intuito da realização da “Prova à Primeira Vista” em ambas as Bandas foi precisamente demonstrar as diferenças e as dificuldades que existem quando os alunos são expostos ou não à música de conjunto em momento anterior ao seu ingresso na Banda Filarmónica. Concluiu-se assim, que aqueles que frequentam estes agrupamentos durante a sua aprendizagem musical em conjunto com as aulas de solfejo e instrumento, consideram-se detentores de uma maior bagagem de conhecimentos e aptidões musicais afim de uma maior margem de evolução e sucesso na transição da Escola de Música para a Filarmónica.

É importante frisar que dado o número de participantes e a aplicação prática ter sido realizada apenas numa escola de música, os resultados poderão ser distintos nas restantes escolas das Bandas Filarmónicas do Concelho de Sintra. Não obstante, a Escola de Música da Sociedade Recreativa Musical de Almoçageme que sediou este projeto de investigação, demonstrou que esta prática musical coletiva teve um impacto muito positivo na aprendizagem musical dos seus alunos, considerando um método complementar de ensino a ser implementado num futuro próximo.

8. Considerações Finais

O objetivo primordial deste projeto de investigação serviu como um reforço para que as Instituições Filarmônicas invistam cada vez mais nas suas escolas de música, inovando as suas estratégias de ensino e dando aos seus alunos uma formação pedagógica cada vez mais enriquecedora a nível curricular.

A mestranda tem consciência que nos dias de hoje, existem muitas academias e escolas profissionais com uma grande oferta escolar, mas para aqueles que ambicionem frequentar escolas de Bandas Filarmônicas, na perspetiva de um dia virem a desfilarem nas grandes romarias e concertos filarmônicos, é importante fornecer-lhes incentivos consideráveis que consigam despertar cada vez mais o gosto e a vontade de vir aprender música.

Para que sejam lecionadas este tipo de valências denominadas por Bandas Juvenis, será necessária uma abertura por parte das Direções das Coletividades para a disponibilidade financeira na contratação de um professor competente que fique responsável pela orientação e lecionação da mesma. Atualmente, a mestranda tem conhecimento de que muitas das coletividades passam por inúmeras dificuldades financeiras e que nem sempre é fácil recrutar um professor para esse fim. No entanto, é importante realçar que terá de existir um esforço financeiro para que no futuro haja frutos não só para a escola de música como para a própria instituição.

Com um bom funcionamento por parte da escola de música, a mestranda acredita convictamente que será a chave para que muitas Filarmônicas se mantenham vivas, com uma moldura humana cada vez mais recheada e conseqüentemente mais rejuvenescida, perpetuando, assim, o espírito e as tradições filarmônicas por toda a comunidade.

9. Bibliografia

- Apel, W. (1972). Band. In *Harvard Dictionary of Music – Second Edition, Revised and Enlarged*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Borba, T. & Graça, F.L. (1956). Banda/Filarmónica. In *Dicionário de Música (Ilustrado)* – A-H. Lisboa: Edições Cosmos.
- Cerqueira, D. L., & Ávila, G. A. (2001). *Arranjo no Ensino Coletivo da Performance Musical: Experiência com Violão em Grupo na Cidade de São Luís/MA. X Encontro Regional Nordeste*.
- Costa, M.P.S. (2009). *Metodologias de Estágio e Reportório nas Filarmónicas de Valpaços* (Dissertação de Mestrado em Música – Especialidade em Direção). Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Craveiro, A.R.C. (2014). *Relatório de Estágio – Ensino de Música no conservatório e na Banda Filarmónica: Prática de Leitura* (Dissertação de Mestrado em Ensino da Música). Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco.
- Ferraz, Alexandre Barcellos (2006). *Pare Pra Ver a Banda Passar: Uma Organização Socializadora Dentro do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Centro de Letras e Artes Licenciatura Plena em Educação Artística com Habilitação em Música*.
- Ferreira, Maria Daniela Ramos (2018). *Música de Conjunto como fator de motivação para o estudo individual de violino*. Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Fisher, C. (2010). *Teaching Piano in Groups*. Oxford University Press.
- Freitas, P. (1946). *História da Música Popular em Portugal*. Barreiro: Edições do Autor.
- Hallam, S. (1998). *Instrumental Teaching - a practical guide to better teaching and learning*. Heinemann Educational.

- Jacobs, A. (1978). Banda/Filarmónica. In *Dicionário de Música*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Michat, Jean-Denis (2010) *Un saxofone contemporain* Lyon: jdmichat.com
- Mota, G. (2008). *Crescer nas Bandas Filarmónicas: Um estudo sobre a construção da identidade musical de jovens portugueses*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pereira, I.C.C.L. (2017). *Crescer... com as Bandas Filarmónicas* (Dissertação de Mestrado em Ensino de Música). Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco.
- Rodrigues, J. M. (2006). *A proximidade das filarmónicas às crianças*. Obtido de Bandas Filarmónicas: <https://www.bandasfilarmonicas.com>
- Sousa, P.M. (2017). *Bandas de Música na História da música em Portugal*. Fronteira do Caos Editores.
- Vasconcelos, M. J. P. (2004). *O Ensino da Música nas Bandas Filarmónicas em Portugal. Transformar para Existir*. In Revista da Associação Portuguesa de Educação Musical, no 118, 119.

10. Webgrafia

- <https://www.amadoresdemusica.org.pt>
acedido a 4 de janeiro de 2023 às 14:00

- <https://uptokids.pt/a-importancia-da-musica-no-desenvolvimento-das-crianca/>
acedido a 4 de janeiro de 2023 às 14:45

- <https://www.konserthuset.se/em/royal-stockholm-philharmonic-orchestra/encore/philharmonic-or-symphony-orchestra/>
acedido a 25 de janeiro de 2023 às 17h15

- https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/5994/1/A_importancia_historica_educativa-e-cultural_das_bandas_filarmonicas.pdf
acedido a 25 de janeiro de 2023 às 21h47

- <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/filarmonica-versus-sinfoonica/15323#>
acedido a 17 de março de 2023 às 21h58

- <https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/qual-e-a-diferenca-entre-orquestra-sinfonica-e-filarmonica/>
acedido a 17 de março de 2023 às 22h11

- <https://harmoniaproducoes.blog.br/tag/orquestra-filarmonica/>
acedido a 17 de março de 2023 às 23h45

- <https://www.bandaderiotinto.com/a-nossa-equipa/>
acedido a 27 de março de 2023 às 18h21

- https://smguimaraes.pt/wp-content/uploads/2018/08/PCD-CConjunto_2020-21.pdf
acedido a 29 de março de 2023 às 21h39

ANEXO I - CD Estágio

Aluna A - Uma Planificação Anual; Vinte e Sete Fichas de Observação; Três Planos de Aulas.

Aluno B - Uma Planificação Anual; Vinte e Sete Fichas de Observação; Três Planos de Aulas.

Aluno C - Uma Planificação Anual; Vinte e Sete Fichas de Observação; Três Planos de Aulas.



PLANIFICAÇÃO ANUAL

Nome do Mestrando: Daniela Sofia Bértolo de Jesus. Ano Letivo: 2021/2022
Professor Cooperante: Professor Hélder Alves Local: Academia de Amadores de Música
Professor Orientador (ESML): Professor José Massarrão. Grau/ano: 3ºGrau
Nome do(s) aluno(s):

1. Objetivos:

- Trabalhar e melhorar a definição da articulação;
- Trabalhar e melhorar a respiração;
- Trabalhar a pressão de ar;
- Trabalhar e melhorar questões relacionadas com a estabilidade da pulsação/andamento;
- Melhorar a qualidade e o foco do som;
- Consolidar o uso de vibrato como ferramenta expressiva;
- Melhorar as capacidades técnico instrumentais do aluno;
- Saber interpretar e executar escalas, estudos e peças aplicando os conteúdos abordados e desenvolvidos ao longo do ano letivo;
- Preparar o reportório escolhido para participar em possíveis apresentações públicas, aplicando as competências e conhecimentos adquiridos.

2. Competências a desenvolver:

- Competências Auditivas:**
- Conseguir homogeneidade tímbrica e melhorar a amplitude do som em todo o registo do saxofone;
 - Melhorar a estabilidade da pulsação;

- Competências Motoras:**
- Assimilar o movimento e posicionamento da língua com o objetivo de melhorar a clareza e definição da articulação;
 - Melhorar questões relacionadas com a postura corporal;
 - Compreender e consolidar a respiração.

- Competências Expressivas:**
- Procura e exploração de diferentes timbres;
 - Melhorar a delicadeza dos ataques;
 - Compreender e melhorar a condução frásica.

Competências de Leitura:

- Ser mais autónomo na compreensão da partitura;
- Melhorar o sentido rítmico.

3. Recursos a utilizar:

Saxofone, lápis, borracha, metrónomo, partituras, piano e espelho.

4. Reportório a abordar:

- *Précis pour l'étude des gammes pour saxophone* de Guy Lacour
- *Saxotempo Vol. 2* de Gilles Martin
- *23 Mini-Puzzles*, Hubert Prati
- *29 Études Progressives Très Faciles et Faciles pour Le Saxophone*, Hubert Prati
- *Gavotte des Dames*, Eugène Bozza
- *Baghira*, Ferrer Ferran

5. Observações:

-Trata-se de um aluno muito dedicado e empenhado, com enormes capacidades de evolução.

Data: 19/10/2021

O Professor Cooperante Helder Filipe Costa Alves O Mestrando Daniela Sofia Benteado de Jesus

PLANIFICAÇÃO ANUAL

Nome do Mestrando: Daniela Sofia Bértolo de Jesus. Ano Letivo: 2021/2022
Professor Cooperante: Professor Hélder Alves Local: Academia de Amadores de Música
Professor Orientador (ESML): Professor José Massarão. Grau/ano: 4ºGrau
Nome do(s) aluno(s): .

1.Objetivos:

- Trabalhar e melhorar a definição da articulação;
- Trabalhar e melhorar a respiração;
- Trabalhar a pressão de ar;
- Trabalhar e melhorar questões relacionadas com a estabilidade da pulsação/andamento;
- Melhorar a qualidade e o foco do som;
- Consolidar o uso de vibrato como ferramenta expressiva;
- Melhorar as capacidades técnico instrumentais;
- Saber interpretar e executar escalas, estudos e peças aplicando os conteúdos abordados e desenvolvidos ao longo do ano letivo;
- Consolidar e melhorar o controlo da afinação;
- Explorar e utilizar diferentes timbres;
- Consolidar o uso das diferentes dinâmicas;
- Preparar o repertório escolhido para participar em possíveis apresentações públicas, aplicando as competências e conhecimentos adquiridos;

2.Competências a desenvolver:

Competências Auditivas:

- Conseguir homogeneidade tímbrica e melhorar a amplitude do som em todo o registo do saxofone;
- Melhorar a estabilidade da pulsação;
- Consolidar noções de afinação.

Competências Motoras:

- Assimilar o movimento e posicionamento da língua com o objetivo de melhorar a clareza e definição da articulação;
- Melhorar questões relacionadas com a postura corporal;
- Compreender e consolidar a respiração.

Competências Expressivas:

- Procura e exploração de diferentes timbres;
- Melhorar a delicadeza dos ataques;
- Compreender e melhorar a condução frásica;
- Consolidar a flexibilidade entre registos.

Competências de Leitura:

- Ser mais autónomo na compreensão da partitura;
- Melhorar o sentido rítmico.

3. Recursos a utilizar:

Saxofone alto, saxofone tenor, lápis, borracha, metrónomo, partituras, piano e espelho.

4. Reportório a abordar:

- Précis pour l'étude des gammes pour saxophone*, Guy Lacour
- 50 Études Faciles et Progressives vol. 1 e 2*, Guy Lacour
- 35 Études Techniques*, René Decouais
- Vieille Chanson et Rondinade*, Piérre Max Dubois
- *Andante et Allegro pour saxophone alto*, André Chaillex
- *Concertino Opus 78*, J.B. Singelée

5. Observações:

-Trata-se de um aluno com bastantes capacidades de aprendizagem, mas que revela poucos hábitos de estudo, organização e disciplina.

Data: 19/10/2021

O Professor Cooperante Helder Silva Costa Alves O Mestrando Daniela Sofia Bastalo de Jesus

PLANIFICAÇÃO ANUAL

Nome do Mestrando: Daniela Sofia Bértolo de Jesus. **Ano Letivo:** 2021/2022

Professor Cooperante: Professor Hélder Alves **Local:** Academia de Amadores de Música

Professor Orientador (ESML): Professor José Massarrão. **Grau/ano:** 6ºGrau

Nome do(s) aluno(s):

1.Objetivos:

- Trabalhar e melhorar a definição da articulação;
- Trabalhar e melhorar a respiração;
- Trabalhar a pressão de ar;
- Trabalhar e melhorar questões relacionadas com a estabilidade da pulsação/andamento;
- Melhorar a qualidade e o foco do som;
- Consolidar o uso de vibrato como ferramenta expressiva;
- Melhorar as capacidades técnico instrumentais;
- Saber interpretar e executar escalas, estudos e peças aplicando os conteúdos abordados e desenvolvidos ao longo do ano letivo;
- Consolidar e melhorar o controlo da afinação;
- Explorar e utilizar diferentes timbres;
- Consolidar o uso das diferentes dinâmicas;
- Preparar o repertório escolhido para participar em possíveis apresentações públicas, aplicando as competências e conhecimentos adquiridos;

2.Competências a desenvolver:

Competências Auditivas:

- Conseguir homogeneidade tímbrica e melhorar a amplitude do som em todo o registo do saxofone;
- Melhorar a estabilidade da pulsação;
- Consolidar noções de afinação.

Competências Motoras:

- Assimilar o movimento e posicionamento da língua com o objetivo de melhorar a clareza e definição da articulação;
- Melhorar questões relacionadas com a postura corporal;
- Compreender e consolidar a respiração.

Competências Expressivas:

- Procura e exploração de diferentes timbres;
- Melhorar a delicadeza dos ataques;
- Desenvolvimento de diferentes ataques;
- Compreender e melhorar a condução frásica;
- Consolidar a flexibilidade entre registos;
- Consolidar e interiorizar o carácter e estilo de cada peça a estudar.

Competências de Leitura:

- Ser mais autónomo na compreensão da partitura;
- Ser mais preciso ritmicamente.

3. Recursos a utilizar:

Saxofone alto, saxofone soprano, lápis, borracha, metrónomo, partituras, piano e espelho.

4. Reportório a abordar:

- Précis pour l'étude des gammes pour saxophone*, Guy Lacour
- 25 Exercices Journaliers*, Marcel Mule
- 24 Petites Études Mélodiques pour Saxofone Alto*, Gilles Senon
- Improvisation n°1*, Ryo Noda
- Sonate* (partita) para flauta BWV 1013, J.S. Bach (transcrição)
- Sonate* para oboé em Ré Maior, Saint-Saens (transcrição)

5. Observações:

-Trata-se de um aluno muito aplicado e com bons hábitos de estudo. Revela enormes capacidades de aprendizagem com excelente facilidade em reter e consolidar conteúdos.

Data: 19/10/2021

O Professor Cooperante Helena Filipa Costa Alves O Mestrando Daniela Sofia Bastelo de Jesus

ANEXO III - Ficha de apresentação da atividade entregue aos Encarregados de Educação (Projeto *Os Pequenos Filarmónicos*)



APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE MÚSICA DE CONJUNTO

Breve Contextualização:

A realização desta atividade provém do meu projeto de investigação no âmbito do Relatório de Estágio do 2º ano de Mestrado em Ensino de Música na Escola Superior de Música de Lisboa. Este projeto terá como tema principal: *A Construção da Identidade Filarmónica: a via das Bandas Juvenis – Estudo de Caso nas Escolas de Música do Concelho de Sintra.*

Descrição da Atividade:

Com a devida autorização e conhecimento dos membros da Direção da Sociedade Recreativa e Musical de Almoçageme, propõe-se a realizar nas suas instalações uma atividade que consiste em criar um pequeno grupo de música de conjunto constituído por alunos da escola de música que se inscrevam e que estejam disponíveis para embarcar neste desafio musical. A duração destas aulas será de 1h semanal, durante aproximadamente 3 meses com o objetivo de realizar uma audição final para todos os encarregados de educação. Adicionalmente, será realizada numa das últimas aulas uma prova de leitura à primeira vista sem carácter avaliativo, apenas para ter uma maior perceção da evolução dos alunos face aos conteúdos trabalhados ao longo desses 3 meses.

O projeto tem como principal objetivo perceber se este contacto e a criação destes grupos de música de conjunto em contexto filarmónico, consegue estimular a motivação dos alunos, o seu empenho e dedicação para o estudo do instrumento, assim como os possíveis benefícios que possam advir ao nível individual na sua aprendizagem musical e numa melhor preparação para o ingresso na Banda Filarmónica.

Informações Adicionais:

- A frequência desta atividade é gratuita;
- As aulas terão início no mês de Fevereiro de 2023;
- O horário será aos sábados das 14h30 às 15h30;
- Estas aulas serão gravadas com a prévia e devida autorização dos encarregados de educação apenas e exclusivamente para serem visualizadas pela professora, com o intuito de relatar e descrever de forma mais pormenorizada a atividade em si no seu Relatório de Estágio.

Professora Daniela Jesus

ANEXO IV - Ficha de inscrição para os alunos participantes no projeto (modelo)



ESCOLA DE MÚSICA DA SOCIEDADE RECREATIVA MUSICAL ALMOÇAGEME

Atividade de Música de Conjunto

Ano Letivo 2022/2023

FICHA DE INSCRIÇÃO

Nome de aluno: _____

Idade: _____

Nº de anos de aprendizagem do instrumento: _____

Instrumento:

- Saxofone
- Clarinete
- Flauta Transversal
- Percussão
- Trompa
- Trompete
- Tuba
- Eufónio

Horário:

Sábados - 14h30 às 15h30

Professora Daniela Jesus

ANEXO V - Folha de autorização para a gravação vídeo/áudio da atividade



Pedido de Autorização

Exmo(a). Sr(a). Encarregado(a) de Educação,

Venho por este meio solicitar a sua devida autorização para que possam ser gravadas em vídeo as aulas referentes à Atividade de Música de Conjunto a realizar-se na Sociedade Recreativa e Musical de Almoçagem no próximo mês de fevereiro de 2023. Friso que estas gravações se destinam, única e exclusivamente, para a minha visualização de forma a retirar o máximo de informação possível para a descrição e desenvolvimento do meu Projeto de Investigação.

✂
.....

Para os devidos efeitos declaro que autorizo / não autorizo o meu educando:

A ser filmado(a) nas aulas da Atividade de Música de Conjunto da Professora Daniela Jesus e cedo todos os direitos para a utilização das gravações no âmbito do seu Projeto de Investigação, integrado no Mestrado em Ensino de Música da Escola Superior de Música de Lisboa.

Lisboa, ____ de _____ de 2023.

Encarregado de Educação

ANEXO VI - Planos de aulas da atividade *Os Pequenos Filarmónicos*

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 11/02/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº1</u>
<u>Conteúdos Musicais:</u>	⇒ Escala de Aquecimento ⇒ Canção <i>Brilha, Brilha Lá no Céu</i> ⇒ Canção <i>Atirei o Pau no Gato</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Triângulo e Clavas)		
<u>Recursos Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Primeira leitura conjunta dos conteúdos musicais a trabalhar; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<p><u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u> Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<p><u>Descrição da atividade:</u> Deu-se início à aula com uma escala de aquecimento em uníssonos, primeiramente em semibreves e depois em mínimas. O objetivo era que tocassem um pouco para aquecer, ouvindo-se uns aos outros, aproximando-se da afinação conjunta e acompanhando os gestos da professora. Posteriormente, fez-se a escala novamente em semibreves, numa pulsação mais lenta e com entradas progressivas dos instrumentos por tercetas. Para isso, criaram-se três grupos começando o exercício pelo clarinete, depois pelo saxofone na terceira nota e o restante grupo, trompete e trompa, a</p>			

entrar na quinta nota. Finalizado o aquecimento, procedeu-se à correção da afinação com ajuda do afinador, antes de passar à leitura da primeira canção – *Brilha, Brilha Lá no Céu*.

As partituras foram previamente distribuídas antes do começo da aula, assim como um lápis para possíveis anotações. Antes de iniciar a leitura da peça, a professora deu algumas orientações importantes e explicou ao percussionista a melhor forma de tocar o triângulo, exemplificando para que o mesmo pudesse ter uma referência da sua posição.

Após esse esclarecimento, o aluno começou por tocar a sua parte inicial da canção para que todos pudessem ter uma noção auditiva daquilo que tinham de ouvir nos compassos de espera antes da entrada em *tutti*. Retiradas as dúvidas, fez-se então uma leitura, numa pulsação muito mais lenta daquela que indicava a partitura.

Numa primeira abordagem em conjunto, verificaram-se aspetos muito interessantes, nomeadamente de junção de vozes no que diz respeito à melodia. Em relação às vozes secundárias, houve quem tivesse alguma dificuldade em acompanhar, pois acabavam por perder-se ou contar mal os tempos. Como forma de resolução dos problemas, isolaram-se algumas passagens onde se verificaram maiores dificuldades e trabalhou-se isoladamente apenas com os instrumentos em questão para uma melhor assimilação. Para além disso, a professora também trabalhou determinadas secções e tirou dúvidas em relação a notas trocadas a nível individual.

Na reta final da aula, ainda se fez uma breve leitura à canção *Atirei o Pau no Gato* como forma de avançar algum trabalho para a aula seguinte. Os procedimentos de trabalho foram semelhantes à primeira canção, contudo, verificaram-se mais dificuldades de leitura, sobretudo a nível de precisão rítmica e tempo.

Pode-se afirmar que foi uma aula bastante divertida e produtiva. Os alunos apresentaram melhorias na execução dos conteúdos, demonstrando vontade e interesse em querer aperfeiçoar cada vez mais a sua parte individual.

Projeto: Os Pequenos Filarmónicos

Data: 18/02/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº2</u>
<u>Conteúdos</u> <u>Musicais:</u>	⇒ Escala de Aquecimento ⇒ <i>Canção Brilha, Brilha Lá no Céu</i> ⇒ <i>Canção Atirei o Pau no Gato</i> ⇒ <i>Canção Todos os Patinhos</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Triângulo e Clavas)		
<u>Recursos</u> <u>Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento dos conteúdos musicais; ⇒ Revisão, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u> Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.			
<u>Descrição da atividade:</u> A aula começou com um pequeno aquecimento que consistiu na execução da escala, primeiramente num ritmo em semibreves, a seguir em mínimas, terminando em colcheias com entradas progressivas dos três grupos distintos criados na aula anterior. Verificou-se que o eufónio, por vezes, encontrava-se com dificuldade em conseguir alcançar determinadas notas, não tendo a certeza das suas posições e de como deveriam soar auditivamente. Por isso, a professora pediu ao clarinete para tocar algumas			

dessas notas em conjunto para que o mesmo conseguisse ter uma referência auditiva e assim aproximar-se da afinação das mesmas. Para além disso, também houve algumas dúvidas no que diz respeito à realização do exercício em colcheias e como forma de solucionar o problema, a professora procedeu à escrita do ritmo no quadro para que todos pudessem ter uma noção visual do que tinha sido solicitado.

Finalizado o aquecimento, procedeu-se à correção da afinação para dar continuidade à leitura da canção *Brilha, Brilha Lá no Céu*. Uma vez que os alunos se encontravam um pouco agitados, isso refletiu-se também na forma de tocar e por isso verificou-se alguma desconcentração assim que começaram a tocar a canção.

Trabalhou-se a canção por secções. Primeiramente só metais e juntou-se a melodia a seguir. Foi-se corrigindo principalmente algumas notas erradas e ritmos menos precisos. Posteriormente e antes de passar à próxima canção, tentou-se executar as dinâmicas escritas, fazendo uma melhor diferenciação entre as mesmas. Para uma melhor compreensão do que se pretendia, a professora cantava e através da sua direção, intensificava o gesto, transmitindo assim as diferentes dinâmicas.

Verificadas algumas melhorias nesta canção, a seguir trabalhou-se um pouco da canção *Atirei o Pau no Gato*. No geral, os alunos com a melodia principal demonstraram um maior domínio nas partes individuais, existindo algumas dificuldades nas melodias secundárias devido à contagem dos tempos das pausas. Foi precisamente nessa melodia secundária que a professora se focou mais, trabalhando ao pormenor a secção do eufónio e da trompa de forma isolada. Adicionalmente, fez-se alguns melhoramentos na voz principal do saxofone e clarinete, pois uma vez dominada, por vezes corriam bastante acabando por tornar o tempo instável, afetando igualmente a correta junção do grupo.

Para terminar a aula, foi ainda distribuída a cada aluno uma nova canção – *Todos os Patinhos*. Como forma de aproveitar os últimos minutos de aula, apenas se trabalhou a secção inicial da canção. A professora esclareceu algumas dúvidas no que diz respeito a determinadas entradas e teve que exemplificar algumas vezes a melodia do xilofone, uma vez que o aluno estava com dificuldade em saber onde se posicionava certas notas. Tendo uma referência, tornou-se mais fácil a correta execução da melodia do xilofone.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 25/02/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº3</u>
<u>Conteúdos</u>	⇒ Escala de Aquecimento		
<u>Musicais:</u>	⇒ <i>Canção Todos os Patinhos</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Triângulo e Clavas)		
<u>Recursos</u>	⇒ Afinador		
<u>Utilizados:</u>	⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u> Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.			
<u>Descrição da atividade:</u> A aula começou com um aquecimento semelhante às aulas anteriores, apenas foi solicitada uma escala diferente: dó maior para instrumentos em sib, sol maior para instrumentos em mib e fá maior para instrumentos em fá. Em termos de afinação, procedeu-se à mesma antes e depois do aquecimento. A aula foi inteiramente direcionada para a canção <i>Todos os Patinhos</i> , na qual se começou por fazer uma revisão à secção inicial trabalhada na aula anterior. De facto, verificaram-se muitas melhorias, ainda assim a professora teve que fazer alguns reparos e			

trabalhar com maior afinco essa secção, nomeadamente por questões de precisão rítmica entre o clarinete e o xilofone, assim como entre o xilofone e o trompete. O eufónio apresentava muitas dificuldades na procura dos intervalos certos, tendo a professora que cantar algumas vezes, assim como pedir uma referência sonora ao clarinete para que o mesmo conseguisse alcançar as notas pretendidas. Para além disso, o ritmo do eufónio estava confuso e pouco preciso, uma vez que era o único instrumento a dobrar as notas em colcheias, enquanto os restantes apenas tinham semínimas, dando origem a pequenas precipitações a nível do tempo. Para facilitar, a professora pediu para que tocasse a primeira de cada nota como se fossem semínimas, alertando e motivando o aluno para estudar um pouco em casa com o intuito de melhorar a sua execução.

À semelhança das outras aulas, a professora focou-se essencialmente em trabalhar ao pormenor a melodia isolada da voz secundária para facilitar a junção de uma com a outra. Este tipo de trabalho isolado tornou-se benéfico para os alunos porque acabou por favorecer o trabalho de afinação entre os instrumentos com melodias em uníssono, obrigando-os a pensar mais no som em conjunto. Para além disso, os alunos tiveram uma melhor perceção auditiva das várias partes da canção, conseguindo descansar a embocadura enquanto os outros colegas melhoravam a sua performance.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 04/03/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº4</u>
<u>Conteúdos Musicais:</u>	⇒ Escala de Aquecimento ⇒ <i>Canção Todos os Patinhos</i> ⇒ <i>Canção Brilha, Brilha Lá no Céu</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Triângulo e Xilofone)		
<u>Recursos Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
<p>Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<u>Descrição da atividade:</u>			
<p>Contrariamente às aulas anteriores, esta começou pela afinação individual de cada um, antes da escala de aquecimento. Foi solicitada a escala de fá maior em efeito real com diversos ritmos, numa pulsação mais lenta. Posteriormente criaram-se três grupos distintos e fez-se a escala novamente com entradas progressivas em terceiras.</p>			

Seguidamente, começou-se por trabalhar a peça *Todos os Patinhos*, na qual se verificaram algumas melhorias comparativamente com a aula anterior. De forma a colmatar muitas das dificuldades ainda presentes na voz do eufónio, trompa e trompete, fez-se um trabalho mais isolado das secções menos conseguidas, num andamento mais lento e de forma sequencial até uma melhor assimilação das mesmas. Tiraram-se algumas dúvidas em relação ao solfejo, solfejando certas passagens em conjunto com a professora.

Calmamente e depois de verificar melhorias na execução da canção, pediu-se aos restantes instrumentos com a voz principal para se juntarem, tentando encaixar todas as vozes corretamente.

Após algum trabalho pormenorizado e minucioso desta canção, a parte final da aula foi direcionada para a canção *Brilha, Brilha Lá no Céu*. Antes de fazerem uma passagem geral conjunta, a professora trabalhou algumas secções com os alunos que demonstraram ter maior dificuldade em aulas anteriores, afim de verificar se ainda existiam dúvidas e caso existissem, poder melhorá-las até à sua correta execução.

Na fase final da aula e após batalhar as dificuldades mais presentes na canção, o grupo executou-a de início ao fim de forma exemplar, demonstrando melhorias significativas e bastante empenho no trabalho desenvolvido ao longo da aula.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 11/03/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº5</u>
<u>Conteúdos Musicais:</u>	⇒ Escala de Aquecimento ⇒ <i>Canção Atirei o Pau no Gato</i> ⇒ <i>Canção Brilha, Brilha Lá no Céu</i> ⇒ <i>Canção Todos os Patinhos</i> ⇒ <i>Canção Papagaio Loiro</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Triângulo e clavas)		
<u>Recursos Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
<p>Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<u>Descrição da atividade:</u>			
<p>A aula começou por um pequeno aquecimento. Foi solicitada a escala de fá maior de efeito real com diversos ritmos numa pulsação lenta. Posteriormente procedeu-se à correção da afinação com auxílio do afinador.</p>			

De seguida, fez-se uma passagem integral à peça *Brilha, Brilha Lá no Céu*, onde se verificaram muitas melhorias. De forma a melhorar ainda mais, a professora deu algumas sugestões a nível de dinâmicas e de frase, para que a mesma se tornasse mais interessante musicalmente.

Deu-se seguimento à aula com *Atirei o Pau no Gato* e fez-se uma passagem de início ao fim. Apesar de tecnicamente estar melhor mecanizada, o tempo encontrava-se muito instável. A melodia (saxofone e clarinete) começava a correr muito e conseqüentemente as restantes vozes ficavam desfasadas umas das outras. Como forma de solucionar as dificuldades demonstradas, a professora trabalhou apenas a melodia numa pulsação mais lenta, repetindo e aumentando a velocidade de forma gradual. O mesmo exercício foi realizado com as restantes vozes, o que acabou por ajudar também a mecanizar melhor as passagens menos conseguidas.

Após terem sido trabalhadas as diversas vozes isoladamente, procedeu-se à junção de todas. As melhorias foram realmente significativas. O tempo encontrava-se mais estável e por isso, tecnicamente a música fluía de forma mais natural.

A parte final da aula foi direccionada para a canção *Todos os Patinhos*. Fez-se uma passagem geral conjunta, mas verificaram-se alguns desencontros rítmicos, o que por sua vez levou a professora a trabalhar algumas secções de forma isolada para uma melhor execução das mesmas.

Antes do término da aula, ainda foi entregue a cada aluno a canção *Papagaio Loiro*, onde se fez uma pequena leitura e tiradas algumas dúvidas a nível de solfejo.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 18/03/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº6</u>
<u>Conteúdos Musicais:</u>	⇒ <i>Canção Papagaio Loiro</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Pandeireta)		
<u>Recursos Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
<p>Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<u>Descrição da atividade:</u>			
<p>A aula focou-se apenas na canção <i>Papagaio Loiro</i> distribuída na aula anterior. Trabalhou-se a peça pela primeira vez e apesar dos alunos terem feito uma leitura na última aula, verificaram-se inúmeras dificuldades em encaixar a canção não só conjuntamente, mas também individualmente. Por isso mesmo, o trabalho realizado teve de ser feito por pequenas secções, alternando as diversas vozes de forma isolada e sempre numa pulsação muito lenta para facilitar a leitura.</p>			

Apesar de individualmente, a canção não estar bem estudada tecnicamente, os alunos apresentaram essencialmente dificuldades em manter a pulsação, ainda que fosse numa pulsação muito lenta, pois estavam muito colados à partitura com medo de falhar as passagens e não olhavam para a direção. Para que os alunos não necessitassem de observar os seus gestos, a professora percutia com as palmas da sua mão a pulsação, ajudando assim a que a pulsação ficasse mais estável.

Após a professora ter trabalhado ao pormenor a canção, tirando todas as dúvidas que iam surgindo, procedeu à junção total do grupo para consolidar o que acabaram de praticar por naipes/vozes. Verificaram-se muitas melhorias em comparação com o início da aula, principalmente no que diz respeito à perceção das melodias que cada um tem, facilitando assim, a sua execução conjunta.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 25/03/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº7</u>
<u>Conteúdos Musicais:</u>	⇒ <i>Canção Todos os Patinhos</i> ⇒ <i>Canção Papagaio Loiro</i> ⇒ <i>Canção Atirei o Pau ao Gato</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Pandeireta, Xilofone, Clavas)		
<u>Recursos Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
<p>Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<u>Descrição da atividade:</u>			
<p>A aula começou pela execução da peça <i>Todos os Patinhos</i>, na qual todos os alunos apresentaram inúmeras melhorias, nomeadamente no que diz respeito à mecanização das passagens e à junção das partes em grupo. Ainda assim, na secção inicial, a voz do bombardino encontrava-se um pouco desfasada das restantes vozes, assim como foram verificadas algumas dificuldades em alcançar as notas certas devido à distância dos</p>			

intervalos. Para colmatar essas dificuldades existentes, a professora isolou essa secção e trabalhou-a com o aluno, cantando os intervalos e solfejando o ritmo, batendo uma pulsação em simultâneo. Após um trabalho minucioso, juntou-se as restantes vozes numa pulsação mais lenta, com o objetivo de aprimorar a junção conjunta.

Seguidamente, antes de proceder a uma passagem geral à canção, a professora com a ajuda do metrónomo, afinou o grupo individualmente para que todos estivessem o mais próximo possível a nível de afinação. Apesar de se ter verificado algumas inseguranças na execução da canção, o resultado foi muito positivo e todos ficaram com uma melhor perceção sobre o que terão de melhorar musicalmente.

A segunda parte da aula foi focada na canção *Papagaio Loiro* e para um trabalho mais objetivo e eficiente, a professora começou por ver apenas a melodia (clarinete, saxofone e trompete) como forma de melhorar a leitura das notas e a junção rítmica. Posteriormente, fez-se o mesmo com os restantes instrumentos que executavam a base rítmica. Depois de ver as duas partes de forma isolada, fez-se uma passagem geral à canção com todos, onde se teve especial atenção às dinâmicas escritas e ao andamento que a professora deu, sem correr e guiando-se sempre pela sua direção.

Nos últimos minutos da aula, ainda se trabalhou algumas secções do *Atira o Pau ao Gato*, onde a professora deu algumas orientações e sugestões para que os alunos em casa pudessem trabalhar as suas partes individuais com maior afinco e sem a existência de dúvidas, nomeadamente a nível rítmico e leitura de notas.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 01/04/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº8</u>
<u>Conteúdos Musicais:</u>	⇒ <i>Escala de Aquecimento</i> ⇒ <i>Canção Papagaio Loiro</i> ⇒ <i>Canção Todos os Patinhos</i> ⇒ <i>Canção Brilha, Brilha Lá no Céu</i> ⇒ <i>Canção Atirei o Pau no Gato</i> ⇒ <i>Canção O Balão do João</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Pandeireta, Clavas, Xilofone, Triângulo)		
<u>Recursos Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
<p>Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<u>Descrição da atividade:</u>			
<p>A aula começou pela realização de um pequeno aquecimento, utilizando uma escala em diversos ritmos com andamentos distintos. Procedeu-se à afinação individual de cada instrumento depois deste breve aquecimento.</p>			

O objetivo desta aula foi passar todas as canções de início ao fim, como forma de verificar o progresso das mesmas. Começou-se primeiramente pela canção *Papagaio Loiro*, a qual teve um aproveitamento bastante positivo. Verificaram-se melhorias significativas, principalmente a nível de junção de grupo que foi um aspeto que em aulas anteriores teve de ser bastante trabalhado.

Seguidamente, passou-se a canção *Todos os Patinhos*, na qual a sua execução não foi ao encontro das expectativas da professora. Verificaram-se muitas falhas a nível de notas, principalmente na melodia e alguns desfasamentos rítmicos, pelo que a canção não conseguiu ir de início ao fim nenhuma vez. Para solucionar o problema, a professora uma vez mais, trabalhou as vozes separadamente, dando algumas orientações para uma melhor execução das mesmas. Depois de um trabalho mais lento para mecanizar melhor as passagens, voltou-se a juntar todas as vozes e apesar de se ter verificado ainda algumas hesitações, melhorou substancialmente.

Para que os alunos não ficassem desmotivados pela canção anterior não estar a correr como desejariam, a professora resolveu passar à canção *Atirei o Pau ao Gato*. No geral, os aspetos que correram menos bem diziam respeito essencialmente à pulsação, pois a melodia (clarinete, saxofone e trompete) começava no tempo certo, mas à medida que prosseguiam, iam correndo cada vez mais, criando uma certa instabilidade no tempo. Para ajudar a manter a pulsação, para além da professora cantar a melodia enquanto tocavam, procedeu igualmente a um gesto mais preciso para que os alunos conseguissem guiar-se pela sua direção.

De seguida, fez-se uma revisão à canção *Brilha, Brilha Lá no Céu*, que apesar de não ter sido trabalhada há algum tempo, as falhas que existiram apenas se deveu a pequenas faltas de atenção, que após terem sido alertadas pela professora, os alunos conseguiram emendá-las com sucesso.

Para finalizar a aula, deu-se uma passagem à última canção em falta: *O Balão do João*. Apesar da aula já se encontrar no fim e os alunos já se encontrarem cansados e distraídos, a breve passagem que se fez à canção deu para ter uma noção que em casa terão de praticar um pouco mais, de forma a melhorar a sua performance individual, tornado mais fácil a junção em grupo. Existiram muitas falhas em relação a notas, pulsação instável e ritmos mal delineados. Aspetos que terão de ser trabalhados com maior atenção numa próxima aula.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 08/04/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº9</u>
<u>Conteúdos Musicais:</u>	⇒ Escala de Aquecimento ⇒ Canção O Balão do João ⇒ Canção Todos os Patinhos		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompa		
<u>Recursos Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
<p>Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<u>Descrição da atividade:</u>			
<p>Esta aula apenas contou com a presença de três alunos, ainda assim iniciou-se com uma escala de aquecimento: dó maior para a trompa, ré maior para o saxofone alto e sol maior para o clarinete. Aproveitou-se o facto de estar metade dos alunos para fazer um trabalho diferente, mais focado no som e na afinação. O primeiro exercício realizado consistiu na execução da escala com entradas alternadas dos três instrumentos, começando pelo clarinete, seguido pelo saxofone e por último a trompa. Utilizaram-se ritmos diferentes não só escolhidos pela professora, mas também pelos alunos. Os ritmos utilizados foram desde semibreves, semínimas a colcheias. Este exercício com entradas alternadas não só permitiu trabalhar a afinação dos intervalos,</p>			

como também permitiu trabalhar e melhorar a estabilidade da pulsação, visto ser dos aspetos com maior dificuldade verificados no grupo ao longo da execução das canções.

Após algum trabalho de base, passou-se à canção *O Balão do João*. Uma vez que o aluno da percussão faltou, a professora fez a sua voz no triângulo, ajudando auditivamente os restantes alunos a entrarem no sítio correto.

Na secção inicial, existiram algumas hesitações no que diz respeito à pulsação/ritmo, pois tendo os três alunos vozes completamente distintas e não tendo o apoio dos colegas em falta com a mesma linha melódica, sentiram-se sozinhos, levando a uma certa insegurança e incerteza. Por isso mesmo, a professora solicitou que tocassem as suas partes individualmente para que todos ouvissem e assimilassem as melodias de cada um. Depois de ouvirem as respetivas partes individuais, tornou-se mais fácil o processo de junção.

Foram trabalhados outros aspetos mais musicais, como as diferenças de dinâmicas. Sem tocar, fez-se uma análise às dinâmicas escritas em conjunto com a professora, como forma de dar um carácter diferente à canção, sem tornar tudo igual de início ao fim. Para além disso, permitiu aos alunos ter uma melhor perceção sobre que vozes terão de se destacar mais, de acordo com as suas respetivas melodias.

Antes de passar à seguinte canção, fez-se uma passagem geral para certificar que os conteúdos trabalhados foram assimilados e compreendidos. De um modo geral, considerou-se muito positivo o aproveitamento dos alunos, pois as melhorias foram notáveis.

Para finalizar a aula, fez-se uma passagem à canção *Todos os Patinhos*. Apesar de se verificarem melhorias significativas quer ritmicamente, quer na mecanização das passagens, a pulsação foi o aspeto que continuou mais instável. Como forma de poder solucionar e melhorar esta dificuldade tão notória, a professora meteu no metrónomo um andamento mais lento, pedindo-lhes para tocarem mais piano e guiarem-se todos por aquele tempo. Este exercício foi realizado várias vezes de forma lenta, até conseguirem tocar as suas partes na pulsação emitida pelo metrónomo. Foi um desafio e apesar do problema não estar 100% resolvido, melhorou bastante, principalmente na secção inicial da canção.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 15/04/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº10</u>
<u>Conteúdos</u> <u>Musicais:</u>	⇒ <i>Escala de Aquecimento</i> ⇒ <i>Canção Brilha, Brilha Lá no Céu</i> ⇒ <i>Canção Atirei o Pau no Gato</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Pandeireta, Clavas, Xilofone)		
<u>Recursos</u> <u>Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
<p>Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<u>Descrição da atividade:</u>			
<p>O início da aula contou com a execução de uma escala como aquecimento de grupo. Para instrumentos em sib foi realizada a escala de dó maior, para instrumentos em mib a escala de sol maior e para instrumentos em fá a escala de fá maior.</p> <p>Fez-se a escala ascendente e descendente em uníssono, primeiramente em semibreves e posteriormente em semínimas quatro a quatro, numa pulsação lenta.</p>			

Depois deste breve aquecimento, foi solicitado aos alunos a canção *Brilha, Brilha Lá no Céu*. Antes de fazerem uma passagem de início ao fim, a professora deu algumas orientações e sugestões, como forma de lembrar alguns aspetos trabalhados em aulas anteriores, aspetos esses relacionados essencialmente com pulsação e contraste de dinâmicas.

Contrariamente ao que tem ocorrido em aulas anteriores, os alunos desta vez conseguiram melhorar significativamente a estabilidade da pulsação. Verificou-se uma excelente resposta face à direção da professora, sentindo-se um tempo estável de início ao fim da canção. Contudo, um aspeto menos conseguido dizia respeito às dinâmicas. Este foi chamado à atenção pela professora, que solicitou aos alunos fazerem um breve apontamento nas suas partituras como forma de lembrete para uma melhor execução futura.

Além disso, outro aspeto visível e que nunca antes tinha sido mencionado, teve que ver com a sua postura quando finalizam qualquer canção. Assim que dão o último acorde, os alunos automaticamente tiram o instrumento da boca ainda com a professora a manter o gesto no ar. Como forma de os preparar para formações futuras, como a Banda Filarmónica por exemplo, a professora ensinou-os que só devem baixar os instrumentos quando o maestro ou quem estiver a dirigir dar a indicação devida, neste caso, quando baixar os braços. Para que testassem a ideia anteriormente referida, repetiu-se algumas vezes o último acorde da canção para trabalharem o movimento que deverão realizar sempre que termina uma canção. Acabou por ser um exercício divertido e bem-sucedido por parte de todos.

Seguidamente, solicitou-se a canção *Atira o Pau no Gato*. Apesar de se verificar um grande progresso desde a última vez, verificaram-se algumas notas erradas na voz do eufónio, notas essas que não saíam de forma correta, não porque o aluno não estava a efetuar a digitação devida, mas porque tinha dificuldade em conseguir alcançar os intervalos pretendidos. Desta forma, a professora trabalhou um pouco esses intervalos, cantando-os enquanto o aluno tocava, para que o mesmo conseguisse ter uma referência auditiva.

Juntou-se posteriormente a voz da trompa e as restantes progressivamente, até o aluno sentir-se mais confiante e seguro da sua parte.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 22/04/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº11</u>
<u>Conteúdos Musicais:</u>	⇒ <i>Canção O Balão do João</i> ⇒ <i>Canção Papagaio Loiro</i> ⇒ <i>Canção Atirei o Pau no Gato</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Saxofone Alto ⇒ Clarinete ⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Pandeireta, Clavas, Triângulo)		
<u>Recursos Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
<p>Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<u>Descrição da atividade:</u>			
<p>Para o início desta aula foi solicitado aos alunos a canção <i>O Balão do João</i>. A professora deixou que a tocassem de início ao fim como forma de aquecimento. Seguidamente e antes de começar a trabalhar algumas questões musicais, procedeu-se primeiro à afinação individual. Feita a afinação, voltou-se a tocar a canção e foi-se trabalhando secção por secção.</p>			

No geral, verificou-se que a peça está cada vez mais bem mecanizada e percebida para a maior parte dos alunos, exceto o aluno do eufónio que continua a demonstrar dificuldades em conseguir alcançar as notas certas e precisão rítmica (possível consequência da falta de empenho do aluno). Apesar disso, a professora já se sentiu à vontade para falar outro tipo de questões musicais, como o fraseado e as dinâmicas, isto é, transmitir quem tem de se destacar ou não em determinadas secções e que tipo de articulação deverão executar. Para que estas questões fossem praticadas e assimiladas, a professora cantava ou dava alguns exemplos de cenários divertidos e os alunos tentavam reproduzir imediatamente a seguir no seu instrumento.

Pelo facto de imaginarem alguns cenários criados pela professora, ficaram de certa forma tão estimulados que acabaram por demonstrar uma atitude completamente diferente, levando-os a aproximar-se da ideia musical pretendida.

Relativamente à voz do eufónio, a professora ia acompanhando a sua parte, corrigindo algumas posições e cantando em voz alta a sua melodia, dando-lhe assim uma referência auditiva. Isolaram-se algumas passagens e repetiram-se muitas vezes, quer individualmente quer em grupo, numa pulsação mais lenta até à sua correta assimilação. Desta forma, também permitiu que os restantes alunos consolidassem melhor as suas passagens musicais.

Após um trabalho bastante minucioso para solucionar todas as dificuldades apresentadas nesta canção, na parte final da aula solicitou-se ainda uma passagem às canções *Papagaio Loiro* e *Atirei o Pau no Gato*. Em ambas as canções, apenas se trabalhou alguns aspetos de junção e precisão rítmica, contudo, os alunos apresentaram bastante empenho na sua performance musical, o que prova que estudaram individualmente as suas partes.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 13/05/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº12</u>
<u>Conteúdos</u> <u>Musicais:</u>	⇒ <i>Canção Brilha, Brilha Lá no Céu</i> ⇒ <i>Canção Balão do João</i> ⇒ <i>Canção Papagaio Loiro</i> ⇒ <i>Canção Atirei o Pau no Gato</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Percussão (Triângulo, Pandeireta, Clavas)		
<u>Recursos</u> <u>Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
<p>Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<u>Descrição da atividade:</u>			
<p>Para o início desta aula foi solicitado aos alunos a canção <i>Brilha, Brilha Lá no Céu</i>. Tocaram-na de forma exemplar sem qualquer dúvida e apenas se sugeriu fazerem um maior contraste de dinâmicas para tornar a canção mais interessante auditivamente.</p> <p>Logo de seguida, passou-se à canção <i>O Balão do João</i>. Na última aula, esta foi trabalhada com bastante afinco e por isso mesmo fez-se uma passagem geral de forma a certificar que muitos dos aspetos trabalhados ficaram consolidados. Verificou-se que a</p>			

canção se encontrava melhor mecanizada e a nível de junção houve realmente um enorme progresso. Ainda assim, a professora teve de trabalhar algumas passagens com o aluno do eufónio, que apesar de ter demonstrado maior empenho, continuava com algumas hesitações e dificuldades na sua melodia. Desta forma, isolaram-se algumas secções, repetindo-as com ritmos variados numa pulsação mais lenta, até o aluno conseguir mecanizá-las melhor quer a nível de digitação, quer auditivamente.

Posteriormente, solicitou-se a canção *Papagaio Loiro*. No geral, não houve muitas dificuldades apresentadas, apenas se verificou que a melodia se encontrava um pouco desfasada das restantes vozes. Uma vez que só estava o trompete a fazer essa voz principal, (os restantes alunos das madeiras estavam a faltar) sentia-se um pouco sozinho, originando uma certa insegurança. Por isso mesmo, a professora trabalhou a sua parte individualmente com muita calma, numa pulsação mais lenta e repetindo o processo até sair tudo de forma natural, sem forçar. Seguidamente, juntaram-se as duas partes e verificou-se que as inseguranças do aluno atenuaram bastante, tocando a sua parte com mais confiança e com muito mais à vontade.

Antes do término da aula, os alunos ainda tocaram a canção *Atirei o Pau ao Gato*, mas uma vez que faltava a voz principal, apenas se trabalhou alguns aspetos técnicos com as restantes vozes.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 20/05/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº13</u>
<u>Conteúdos Musicais:</u>	⇒ Prova à Primeira Vista: <i>Hino à Alegria</i> ⇒ <i>Canção Brilha, Brilha Lá no Céu</i> ⇒ <i>Canção Balão do João</i> ⇒ <i>Canção Papagaio Loiro</i> ⇒ <i>Canção Atirei o Pau no Gato</i> ⇒ <i>Canção Todos os Patinhos</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Saxofone ⇒ Clarinete ⇒ Percussão (Triângulo, Pandeireta, Clavas, Xilofone)		
<u>Recursos Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais; ⇒ Análise, compreensão e esclarecimento de dúvidas acerca dos mesmos.		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
<p>Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar; isolamento e repetição de certas secções musicais para uma assimilação mais rápida das mesmas; trabalho isolado, pormenorizado e/ou conjunto entre os instrumentos com melodia principal/secundária/ secção de metais/madeiras.</p>			
<u>Descrição da atividade:</u>			
<p>Esta foi a penúltima aula antes da primeira audição do grupo. Foi dividida em duas partes, sendo que na primeira foi realizada uma prova à primeira vista que serviu para recolher informação indispensável a esta investigação.</p>			

Na segunda parte da aula, foi realizada uma simulação de audição, onde se passou de início ao fim todos os conteúdos musicais trabalhados ao longo das aulas.

Após esta simulação, a professora deu o seu *feedback* face ao que acabara de ouvir, dando algumas sugestões e demais orientações para que os alunos melhorassem ainda mais a sua performance musical.

<u>Projeto: Os Pequenos Filarmónicos</u>			
Data: 25/05/2023	Hora: 14h30 – 15h30	Local: Sala da SRMA	<u>Aula nº14</u>
<u>Conteúdos Musicais:</u>	⇒ <i>Canção Brilha, Brilha Lá no Céu</i> ⇒ <i>Canção Balão do João</i> ⇒ <i>Canção Papagaio Loiro</i> ⇒ <i>Canção Atirei o Pau no Gato</i> ⇒ <i>Canção Todos os Patinhos</i>		
<u>Instrumentos:</u>	⇒ Trompete ⇒ Trompa ⇒ Eufónio ⇒ Saxofone ⇒ Clarinete ⇒ Percussão (Triângulo, Pandeireta, Clavas, Xilofone)		
<u>Recursos Utilizados:</u>	⇒ Afinador ⇒ Lápis ⇒ Borracha ⇒ Partituras		
<u>Objetivos:</u>	⇒ Continuação e melhoramento conjunto dos conteúdos musicais;		
<u>Metodologias/Estratégias utilizadas:</u>			
Explicações curtas, simples e concisas, e demais <i>feedback</i> face aos aspetos a melhorar.			
<u>Descrição da atividade:</u> Esta foi a última aula do projeto que serviu para simular o dia da audição.			
<p>No final desta simulação, a professora apresentou a sua opinião face à performance do grupo, dando algumas sugestões e demais informação pertinente para o dia da audição, sempre com vista ao melhoramento dos conteúdos musicais e também para que os alunos se sentissem cada vez mais confiantes com o trabalho realizado.</p>			

Brilha, Brilha Lá no Céu

Arr: Daniela Jesus

$\text{♩} = 100$

Clarinete em Sib
Saxofone Alto
Trompa em Fá
Trompete em Sib
Eufónio
Triângulo

f
f
mf
f
mf
mf

Detailed description: This block contains the first six measures of the musical score. It features six staves: Clarinete em Sib, Saxofone Alto, Trompa em Fá, Trompete em Sib, Eufónio, and Triângulo. The music is in 4/4 time with a tempo of 100. The key signature has one sharp (F#). Measures 1 and 2 are rests for all instruments. From measure 3, the Clarinete and Saxofone play a melody starting on G4, moving up stepwise to D5. The Trompa and Trompete play a similar melody but lower, starting on E4. The Eufónio plays a steady eighth-note accompaniment. The Triângulo plays a steady eighth-note accompaniment. Dynamics are marked as *f* for Clarinete and Saxofone, *mf* for Trompa and Eufónio, and *mf* for Triângulo.

7

Cl. em Sib
Sax. A.
Tr. D em Fá
Tp. em Sib
Eufónio
Trgl.

mf
mf
mp
mf
mp
mp

cresc.
cresc.
cresc.
cresc.
cresc.
cresc.

f
f
mf
f
mf
mf

Detailed description: This block contains measures 7 through 10 of the musical score. It features six staves: Cl. em Sib, Sax. A., Tr. D em Fá, Tp. em Sib, Eufónio, and Trgl. The music continues from the previous block. Dynamics are marked as *mf* for Cl. em Sib, Sax. A., Tr. D em Fá, and Trgl. in measures 7-8. In measures 9-10, there is a crescendo (*cresc.*) leading to a dynamic of *f* for Cl. em Sib, Sax. A., and Tp. em Sib, and *mf* for Tr. D em Fá and Eufónio. The Triângulo continues with its steady eighth-note accompaniment.

2

13 **rall.** - -

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Trgl.

1-

Atirei o Pau ao Gato

Arr: Daniela Jesus

$\text{♩} = 90$

Clarinete em Sib *mf*

Saxofone Alto *mf*

Trompa em Fá *mf*

Trompete em Sib *mf*

Eufónio *mp*

Claves *mf*

Detailed description: This system contains the first eight measures of the piece. The tempo is marked as quarter note = 90. The time signature is 2/4. The key signature has one sharp (F#). The instruments and their parts are: Clarinet in Bb (mf), Alto Saxophone (mf), Trumpet in F (mf), Trombone in Bb (mf), Euphonium (mp), and Drums (mf). The music features a rhythmic pattern of eighth and quarter notes.

9

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Clv.

Detailed description: This system contains measures 9 through 16. The instrumentation remains the same as in the previous system. The music continues with the established rhythmic pattern, featuring various melodic lines for the woodwinds and brass, and a steady drum accompaniment.

18

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Clv.

26

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Clv.

rall.

cresc. **f**

cresc. **f**

cresc. **f**

cresc. **f**

Todos Os Patinhos

Arr: Daniela Jesus

$\text{♩} = 90$

Clarinete em Sib *mf*

Saxofone Alto

Trompa em Fá *mp*

Trompete em Sib *mp* *mf*

Eufónio *mp*

Xilofone *mf*

Detailed description: This system contains the first three measures of the piece. The tempo is marked as quarter note = 90. The time signature is 4/4. The Clarinet in B-flat (Sib) plays a melody starting on G4, moving to A4, B4, and C5. The Alto Saxophone is silent. The Trumpet in F (Fá) plays a melody starting on G3, moving to A3, B3, and C4. The Trombone in B-flat (Sib) plays a melody starting on G3, moving to A3, B3, and C4. The Euphonium plays a steady eighth-note accompaniment. The Xylophone plays a steady eighth-note accompaniment.

4

Cl. em Sib *f*

Sax. A. *f*

Tr. D em Fá *f* *mp*

Tp. em Sib *mp* *f*

Eufónio *f* *mp*

Xil. *f* *mf*

Detailed description: This system contains measures 4 through 7. Measure 4 is a repeat of the first measure. At measure 5, the Clarinet in B-flat (Sib) and Alto Saxophone enter with a melody starting on G4, moving to A4, B4, and C5. The Trumpet in D (D) plays a melody starting on G3, moving to A3, B3, and C4. The Trombone in B-flat (Sib) plays a melody starting on G3, moving to A3, B3, and C4. The Euphonium plays a steady eighth-note accompaniment. The Xylophone plays a steady eighth-note accompaniment.

8

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Xil.

12

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Xil.

mf

f

f

f

f

Papagaio Loiro

Arr: Daniela Jesus

♩ = 85

Clarinete em Sib
Saxofone Alto
Trompa em Fá
Trompete em Sib
Eufônio
Tamborim

f
f
mp
mf
mp
mf

8

Cl. em Sib
Sax. A.
Tr. D em Fá
Tp. em Sib
Eufônio
Tamb.

mf

16 **rall.**

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Tamb.

24

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Tamb.

O Balão do João

Arr: Daniela Jesus

$\text{♩} = 60$

Clarinete em Sib

Saxofone Alto

Trompa em Fá

Trompete em Sib

Eufónio

Triângulo

5

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Trgl.

9

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Trgl.

mp

mp

p

mp

mp

p

13

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Trgl.

mf

mf

f

mf

mf

f

mf

mf

17

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Trgl.

1- Canção utilizada para a “Prova à Primeira Vista”: Banda A

Sem Título

Arr: Daniela Jesus

$\text{♩} = 100$

Clarinete em Sib *f*

Saxofone Alto *f*

Trompa em Fá *mp*

Trompete em Sib *f*

Eufónio *mp*

Triângulo

Detailed description: This system contains the first five staves of the musical score. The key signature is two sharps (F# and C#), and the time signature is 4/4. The tempo is marked as quarter note = 100. The Clarinet in Bb and Alto Saxophone parts are marked *f* (forte). The Trumpet in F and Trombone in Bb parts are marked *mp* (mezzo-piano). The Euphonium part is also marked *mp*. The Triangle part consists of a steady eighth-note pattern.

6

Cl. em Sib *mf*

Sax. A. *mf*

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Trgl.

Detailed description: This system contains the next five staves of the musical score, starting at measure 6. The Clarinet in Bb and Alto Saxophone parts are marked *mf* (mezzo-forte). The Trumpet in F part has a rest in measures 6, 7, and 8. The Trombone in Bb part has a rest in measures 6, 7, and 8. The Euphonium part has a rest in measures 6, 7, and 8. The Triangle part continues with its eighth-note pattern.

12 **rall.**

Cl. em Sib

Sax. A.

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Trgl.

The musical score consists of six staves. The first five staves are for woodwinds and brass: Clarinet in B-flat (Cl. em Sib), Alto Saxophone (Sax. A.), Trumpet in D (Tr. D em Fá), Trombone in B-flat (Tp. em Sib), and Euphonium (Eufónio). The sixth staff is for Timpani (Trgl.). The key signature has two sharps (F# and C#). The score begins at measure 12, marked 'rall.'. The Clarinet and Alto Saxophone parts start with a forte (f) dynamic. The Trumpet part starts with a mezzo-piano (mp) dynamic. The Euphonium part starts with a mezzo-forte (mf) dynamic. The Timpani part consists of a series of quarter notes. The score ends with a double bar line at the end of measure 16.

2- Canção utilizada para a “Prova à Primeira Vista”: Banda B

Sem Título

Arr: Daniela Jesus

♩ = 100

Flauta Transversal *f*

Oboé *f*

Trompa em Fá *mp*

Trompete em Sib *f*

Eufónio *mp*

Triângulo

Detailed description: This block contains the first five measures of the musical score. The tempo is marked as quarter note = 100. The key signature has two sharps (F# and C#), and the time signature is 4/4. The Flute and Oboe parts play a melodic line starting on G4, moving up stepwise to B4, then down to A4, G4, F#4, and E4. The Trumpet in F part plays a rhythmic pattern of quarter notes with rests. The Trombone in Bb part plays a similar rhythmic pattern. The Euphonium part plays a steady quarter-note accompaniment. The Triangle part plays a steady eighth-note accompaniment.

6

Fl. *mf*

Ob. *mf*

Tr. D em Fá

Tp. em Sib

Eufónio

Trgl.

Detailed description: This block contains measures 6 through 10. The Flute and Oboe parts continue their melodic line, with dynamics marked as mezzo-forte (mf) from measure 6 onwards. The Trombone in F part has rests in measures 6-10. The Trombone in Bb part continues its rhythmic pattern. The Euphonium part continues its accompaniment. The Triangle part continues its eighth-note accompaniment.

12 **rall.** - - - -

Fl. *f*

Ob. *f*

Tr. D em Fá *mp*

Tp. em Sib *f*

Eufónio *mf*

Trgl.

Detailed description: This is a musical score for a woodwind and percussion ensemble. It consists of six staves. The top two staves are for Flute (Fl.) and Oboe (Ob.), both in treble clef with a key signature of one sharp (F#). The Flute part starts with a measure of rest, followed by a series of eighth notes. The Oboe part also starts with a measure of rest, followed by a series of eighth notes. The next three staves are for Trumpet (Tr. D em Fá), Trombone (Tp. em Sib), and Euphonium (Eufónio), all in treble clef with a key signature of one sharp. The Trumpet part starts with a measure of rest, followed by a series of eighth notes. The Trombone part starts with a measure of rest, followed by a series of eighth notes. The Euphonium part starts with a measure of rest, followed by a series of eighth notes. The bottom staff is for Timpani (Trgl.), which starts with a measure of rest, followed by a series of eighth notes. The score includes dynamic markings: *f* (forte) for Flute and Oboe, *mp* (mezzo-piano) for Trumpet, *f* (forte) for Trombone, and *mf* (mezzo-forte) for Euphonium. A tempo marking of **rall.** (rallentando) is indicated above the Flute staff, followed by a dashed line. The score ends with a double bar line.

ALUNO - CLARINETE

Professora: Quantos anos tens?

Aluno: 13 anos.

Professora: Com que idade começaste a tocar?

Aluno: 9 anos.

Professora: O que achaste da tua participação no projeto *Os Pequenos Filarmónicos*?

Aluno: Gostei bastante. Acho que evoluí bastante. Gostei muito de às vezes ser a primeira voz, outras vezes ser a voz secundária. Gosto disso por ter destaque e ser diferente. Mas achei muito importante a minha participação porque acabei por aprender e experienciar coisas novas e conviver com colegas novos e fazer novas amizades, além de tocar em conjunto com eles. A nível musical, acho que cresci bastante porque nas aulas individuais sou só eu e aqui tão depressa tenho de acompanhar os outros quando estamos a corrigir algo, como tenho de estar à espera, mas sempre atenta ao que se está a trabalhar ou quando estou a tocar mais rápido e tenho de os ouvir para encaixar, então acaba sempre por ser mais difícil e é um desafio e eu gosto muito. É um desafio muito positivo.

Professora: Já tinhas tocado música em conjunto alguma vez?

Aluno: Não. Foi sempre sozinha.

Professora: O que gostaste mais ao longo deste projeto?

Aluno: De não ser só eu a tocar, tocar com mais colegas, tocarmos todos em conjunto, não estar tão exposta e tocar vozes diferentes.

Professora: O que gostaste menos?

Aluno: Não sei. Acho que não houve nada que não gostasse porque eu gostei muito mesmo, por ser algo diferente do que costumamos fazer nas aulas individuais.

Professora: Gostaste das canções utilizadas no projeto?

Aluno: Gostei muito porque apesar de serem simples ao mesmo tempo tem outras vozes, ficam diferentes e mais complexas, ficam muito giras e gosto muito, até porque como é a primeira vez que estamos a tocar em conjunto é bom não começarmos logo com música muito difícil. Para além disso, foram canções que fizeram parte da minha infância e são me muito conhecidas ao ouvido.

Professora: O que achaste mais difícil ao tocar em conjunto?

Aluno: Às vezes uns podem tocar mais rápido e tenho de conseguir acompanhá-los ou uns vão mais rápido e outros mais lento e depois é difícil conseguir encaixar no tempo. Por isso acho que o mais difícil é mesmo conseguir manter o tempo, a estabilidade rítmica, principalmente nas canções com melodias muito diferentes. Às vezes baralha um bocadinho ao ouvir mais que uma melodia diferente e ter de tocar certinho a minha parte.

Professora: Preferes tocar a solo ou em conjunto com os colegas?

Aluno: Sem dúvida que é em conjunto com os colegas.

Professora: Achas que esta atividade de ajudou a ter uma ideia de como funciona a Banda Filarmónica?

Aluno: Sim, muito. Consegui ajudar-me a ter uma ideia, por exemplo, quando uma música acaba não devemos tirar logo o instrumento da boca, devemos esperar que o maestro, neste caso a professora, baixe os braços; outra das coisas é o nosso comportamento, devemos estar concentrados e deixar a conversa para o final do ensaio para não atrapalhar o trabalho da professora e dos colegas; por exemplo quando vamos trabalhar alguma parte da canção, a professora diz para ir do compasso x e nós temos de saber identificar logo, ou seja, agora consigo encontra-los mais rapidamente; aprendi também que o aquecimento antes do ensaio é importante para vermos como está o som, a palheta e também aprendi que a afinação é essencial para estarmos todos minimamente ao mesmo nível para as músicas soarem melhor; também é bom saber que tenho alguém, a dirigir-me, gosto muito e acaba por me ajudar muito até porque há certas indicações que a professora dava, tipo, “ um compasso para nada” que agora já sei o que significa, a mesma questão com os compassos de espera, agora já sei o que são e sei que tenho de contar interiormente ou esperar pela entrada do maestro; também

aprendi que quando o maestro para, mesmo que diga alguma coisa que não seja para mim, é importante ouvir as suas indicações porque pode acontecer-nos a nós mais tarde. Portanto, acho que esta atividade contribuiu muito para ter uma ideia de muitas coisas e para o meu desenvolvimento musical.

Professora: Numa escala de 1 a 5 (sendo o 1, NÃO MOTIVOU e 5 MOTIVOU MUITO) quanto é que esta atividade em grupo te ajudou a estar mais motivada e a querer aprender mais?

Aluno: Digo 5, ajudou-me mesmo muito a estar mais motivada com o clarinete e na música em geral e conseguiu criar em mim mais vontade de querer aprender mais e mais.

ALUNO - SAXOFONE

Professora: Quantos anos tens?

Aluno: 13 anos

Professora: Com que idade começaste a tocar?

Aluno: 9 anos

Professora: O que achaste da tua participação no projeto *Os Pequenos Filarmónicos*?

Aluno: Foi uma participação boa. Foi fixe. Senti que foi uma experiência como se estivesse a tocar na Banda a sério e isso foi bom para mim porque é algo que eu gostava muito.

Professora: Já tinhas tocado música em conjunto alguma vez?

Aluno: Não, assim com mais pessoas não. Tirando os duos de saxofone com a professora que costumamos fazer na audição.

Professora: O que gostaste mais ao longo deste projeto?

Aluno: Não sei, acho que gostei de tudo mesmo. De tudo no geral. Não consigo dizer ao certo, só sei que gostei muito de tocar em conjunto e diverti-me muito.

Professora: O que gostaste menos?

Aluno: Não sei. Não houve nada que não gostasse. Gostei de tudo.

Professora: Gostaste das canções utilizadas no projeto?

Aluno: Sim porque são simples e divertidas. Acho que foram bem escolhidas.

Professora: O que achaste mais difícil ao tocar em conjunto?

Aluno: Acho que o mais difícil foi todos acertarem nos tempos. Talvez conseguir manter o tempo e cada um não se preocupar só com a sua parte, mas sim no todo, em conjunto já que somos um grupo.

Professora: Preferes tocar a solo ou em conjunto com os colegas?

Aluno: Em conjunto com os colegas porque sinto que é mais fácil e é muito mais divertido. Não estou tão sozinho, tão exposto e posso esconder-me quando tenho alguma dificuldade ou quando falho.

Professora: Achas que esta atividade te ajudou a ter uma ideia de como funciona a Banda Filarmónica?

Aluno: Sim em quase todos os aspetos, por exemplo, ter alguém a dirigir o grupo, termos de afinar os instrumentos, fazer um aquecimento, usar dinâmicas e manter o tempo em conjunto, entre outras coisas. Acho que se amanhã fosse a um ensaio da Banda Filarmónica, já ia melhor preparado porque já sei mais coisas. Coisas que fomos falando ao longo das aulas de conjunto e que me ajudou a ter uma melhor noção do que será a Banda quando entrar para lá. Gostei muito, foi mesmo giro.

Professora: Numa escala de 1 a 5 (sendo o 1, NÃO MOTIVOU e 5 MOTIVOU MUITO) quanto é que esta atividade em grupo te ajudou a estar mais motivada e a querer a aprender mais?

Aluno: É um 5. Acho que contribuiu muito para a minha preparação no futuro quando entrar para a banda, pelo menos sinto-me mais motivado na música e quero mesmo aprender mais coisas para além daquilo que já aprendi e já sei.

ALUNO – EUFÓNIO

Professora: Quantos anos tens?

Aluno: 15 anos.

Professora: Com que idade começaste a tocar?

Aluno: 13 anos.

Professora: O que achaste da tua participação no projeto *Os Pequenos Filarmónicos*?

Aluno: Achei que foi importante para a minha aprendizagem musical, acho que foi algo muito positivo para mim. Foi algo diferente na minha rotina porque antes tinha só aulas individuais e um único professor e agora tive aulas em conjunto com outra pessoa diferente, acaba por ser mais motivador para mim do que estar sempre a fazer a mesma coisa. Também foi um grande desafio porque sou uma pessoa que preciso de me ouvir para saber se estou a tocar bem e de vez em quando não conseguia acompanhar muito bem quando me enganava por exemplo, mas gostei muito. Foi desafiante.

Professora: Já tinhas tocado música em conjunto alguma vez?

Aluno: Não, tirando só nas aulas individuais quando tocava em conjunto com o professor.

Professora: O que gostaste mais ao longo deste projeto?

Aluno: Gosto de ouvir as pessoas a tocar em conjunto. Quando corre tudo bem é espetacular o resultado final. É bom, é satisfatório para mim porque estamos a tocar bem e sinto que não foi uma perda de tempo em ter estudado as coisas para a aula. Também gostei muito da parte do convívio entre os colegas que conheço e das novas amizades que fiz, dos vários conceitos musicais que fomos falando ao longo das aulas de conjunto que em contexto individual nunca tinha ouvido falar.

Professora: O que gostaste menos?

Aluno: Não houve nada que possa dizer que não gostei.

Professora: Gostaste das canções utilizadas no projeto?

Aluno: Gostei sim. De todas só não gostei de uma, mas porque era a que tinha mais dificuldade e exigia mais esforço, apesar de gostar dela musicalmente.

Professora: O que achaste mais difícil ao tocar em conjunto?

Aluno: Acho que foi só algumas passagens musicais mais difíceis, mas por minha culpa porque se calhar não estudei o suficiente. Talvez em termos de manter o tempo também e encaixar a minha voz com os outros colegas, porque lá está, sozinho posso tocar à minha “maneira”, mas em conjunto temos de nos ouvir a todos e principalmente seguir o maestro para irmos todos sincronizados e não fugir do andamento que se pretende. É difícil, mas é desafiante e exige muita atenção.

Professora: Preferes tocar a solo ou em conjunto com os colegas?

Aluno: Apesar de adorar tocar em conjunto, gosto mais de tocar a solo porque consigo ouvir melhor o que estou a fazer, o que estou a fazer de mal ou o que preciso de melhorar.

Professora: Achas que esta atividade te ajudou a ter uma ideia de como funciona a Banda Filarmónica?

Aluno: Sim, claro que sim. Já sabia mais ou menos como é a dinâmica ou como se faz determinadas coisas, como por exemplo o aquecimento ou termos de afinar. Claro que não ia conseguir logo ler uma partitura de início ao fim sem me enganar, mas se o maestro desse algumas indicações e me ajudasse, provavelmente era mais fácil, até para entrar no sítio certo com a direção dele.

Professora: Numa escala de 1 a 5 (sendo o 1, NÃO MOTIVOU e 5 MOTIVOU MUITO) quanto é que esta atividade em grupo te ajudou a estar mais motivada e a querer a aprender mais?

Aluno: Derivado às minhas dificuldades técnicas e por achar que nem sempre estive à altura dos outros colegas, vou dizer um 4, apesar de ter gostado bastante da atividade e achar que contribuiu bastante para me motivar mais e querer ter mais conhecimento musical.

ALUNO - TROMPETE

Professora: Quantos anos tens?

Aluno: 12 anos.

Professora: Com que idade começaste a tocar?

Aluno: 10 anos.

Professora: O que achaste da tua participação no projeto *Os Pequenos Filarmónicos*?

Aluno: Acho que foi muito positiva, tirando a parte que eu falo muito com os colegas, mas diverti-me muito e foi muito fixe. Gosto muito de tocar trompete e gosto muito de tocar em conjunto com as pessoas. Antes tocava sempre sozinho, não era tão bom como tocar com os amigos.

Professora: Já tinhas tocado música em conjunto alguma vez?

Aluno: Toquei só nas aulas individuais com o professor ou com outro colega que às vezes fazíamos aula em conjunto e tirávamos dúvidas das canções que estamos aqui a tocar, mas assim com mais pessoas e com instrumentos diferentes, nunca tinha tocado.

Professora: O que gostaste mais ao longo deste projeto?

Aluno: Fazer novos amigos e tocar em conjunto. Também comecei a tocar melhor e comecei a tocar mais durante a semana. Com esta aula sempre era mais uma vez que pegava no trompete e também comecei a ter menos vergonha porque antes tinha muita nas aulas individuais e não sei, mas com esta atividade fiquei com menos vergonha. Outra coisa que gostei foi que aqui tenho certas coisas a cumprir por tocarmos com mais pessoas, como por exemplo manter o tempo e quando estou sozinho é sempre um pouco à minha vontade. Sinto que tenho de ser mais disciplinado e ouvir mais os outros.

Professora: O que gostaste menos?

Aluno: Eu gostei de tudo. Não tenho nada que não gostasse.

Professora: Gostaste das canções utilizadas no projeto?

Aluno: Sim, gostei. São simples e já as conhecia antes, mas agora também descobri que elas têm uma continuação e que não é só o refrão da música que todos conhecemos e assim é mais difícil. Parecia fácil quando se canta na rua, mas no trompete é mais difícil por não ter sempre a melodia principal. Torna-se mais desafiante.

Professora: O que achaste mais difícil ao tocar em conjunto?

Aluno: Ter de respeitar os tempos e agora em conjunto sinto-me obrigado a tocar a música de uma forma mais séria, ou seja, é muito mais difícil. Também acho que temos de estar mais atentos e é difícil às vezes, porque estamos aqui com os amigos, costumamos falar muito e brincar e depois a professora dá entrada e nós não sabemos o que fazer porque estávamos a falar uns com os outros. Outra coisa é às vezes ter de tocar dependendo de outra pessoa que esteja a tocar também uma melodia parecida ou igual à minha. Por exemplo, quando alguém tocar uma nota, eu começo a tocar porque sei que temos a música igual, mas essa pessoa não tocar essa nota porque errou, eu depois fico perdido porque me guiei por ela. Tenho de ser mais independente e não estar sempre a contar com os outros para entrar certo.

Professora: Preferes tocar a solo ou em conjunto com os colegas?

Aluno: Em conjunto. Pode ser mais difícil, mas é mais divertido.

Professora: Achas que esta atividade de ajudou a ter uma ideia de como funciona a Banda Filarmónica?

Aluno: Sim. Acho que se não tivesse esta atividade e fosse a um ensaio na Banda Filarmónica, ia ser mais difícil porque nunca tinha tocado em conjunto antes e também porque não saberia o que era ser dirigido por alguém e outras coisas, como afinar. Agora já sei com que nota se deve afinar e porque se deve afinar. Portanto, acho que contribuiu bastante para ter uma ideia de como funciona porque se eu não tivesse estas aulas a tocar com outras pessoas eu devia ir todo cheio de vergonha e assim já conhecendo algumas delas, ia mais confiante.

Professora: Numa escala de 1 a 5 (sendo o 1, NÃO MOTIVOU e 5 MOTIVOU MUITO) quanto é que esta atividade em grupo te ajudou a estar mais motivada e a querer aprender mais?

Aluno: Acho que 4 porque me motivou bastante no trompete, mas ainda tenho algumas dúvidas se quero ir realmente para a Banda Filarmónica ou não. Mas acho que esta atividade me ajudou a perceber mais ou menos o que quero, mas principalmente em querer progredir mais no trompete, saber mais e tocar melhor.

ALUNO – PERCUSSÃO

Professora: Quantos anos tens?

Aluno: 12 anos.

Professora: Com que idade começaste a tocar?

Aluno: 10 anos.

Professora: O que achaste da tua participação no projeto *Os Pequenos Filarmónicos*?

Aluno: Foi positiva, acho que aprendi muito e foi muito divertido.

Professora: Já tinhas tocado música em conjunto alguma vez?

Aluno: Não.

Professora: O que gostaste mais ao longo deste projeto?

Aluno: Estarmos todos aqui a tocar com amigos e ao mesmo tempo a divertir-nos com a música.

Professora: O que gostaste menos?

Aluno: Eu gostei de tudo, não tenho nada que não tivesse gostado. Gostei mesmo.

Professora: Gostaste das canções utilizadas no projeto?

Aluno: Gostei porque já as conhecia e facilita bastante quando as vamos tocar. São canções que me fazem lembrar a infância e é muito giro.

Professora: O que achaste mais difícil ao tocar em conjunto?

Aluno: Tocarmos todos em conjunto porque um enganava-se e depois ficava confuso e tínhamos todos de parar. Acho que no meu caso, engano-me pouco porque não tenho melodia nenhuma tocando clavas ou triângulo, mas depois é difícil tocar o ritmo no tempo em conjunto com os outros instrumentos a fazer as melodias todas. Cada um vai no seu tempo e depois não sei com quem ir.

Professora: Preferes tocar a solo ou em conjunto com os colegas?

Aluno: Em conjunto porque não sou o único que possa errar e porque gosto de tocar com pessoas. Não gosto de tocar a solo porque sinto vergonha e sinto-me mais nervoso ao tocar para o público, em conjunto sinto menos nervos, não estou tão exposto.

Professora: Achas que esta atividade te ajudou a ter uma ideia de como funciona a Banda Filarmónica?

Aluno: Sim, ajudou muito. Já tenho uma maior noção de certos conceitos que se calhar não teria se nunca tivesse participado nesta atividade.

Professora: Numa escala de 1 a 5 (sendo o 1, NÃO MOTIVOU e 5 MOTIVOU MUITO) quanto é que esta atividade em grupo te ajudou a estar mais motivada e a querer a aprender mais?

Aluno: É um 5. Gostei muito e foi algo completamente diferente do que já fiz antes. Foi muito giro e sinto-me mais motivado.

ALUNO – TROMPA

Professora: Quantos anos tens?

Aluno: 12 anos.

Professora: Com que idade começaste a tocar?

Aluno: 7 anos.

Professora: O que achaste da tua participação no projeto *Os Pequenos Filarmónicos*?

Aluno: Acho que foi muito positiva e divertido. Parece que estamos mesmo numa Banda a sério, mas se calhar com menos pessoas.

Professora: Já tinhas tocado música em conjunto alguma vez?

Aluno: Sim, já tinha tocado com o meu professor de trompa num grupo com todos os alunos dele de trompa.

Professora: O que gostaste mais ao longo deste projeto?

Aluno: Gostei muito de tocar as músicas em conjunto com os amigos. Tocar músicas que já conheço e com amigos é muito divertido. Gostei muito.

Professora: O que gostaste menos?

Aluno: Nada. Gostei de tudo.

Professora: Gostaste das canções utilizadas no projeto?

Aluno: Sim, gostei. Conheço as canções todas de quando era mais pequeno. Fizeram parte da minha infância.

Professora: O que achaste mais difícil ao tocar em conjunto?

Aluno: As brincadeiras porque estamos sempre a falar uns com os outros e na conversa e depois não conseguimos tocar bem o nosso papel, pois estamos desconcentrados. Mas também acho que manter o tempo é difícil porque quando vamos a ver já estamos todos

a tocar cada um para seu lado. Achrom que estão a tocar bem o seu papel e depois correm muito e é difícil para mim tocar a música.

Professora: Preferes tocar a solo ou em conjunto com os colegas?

Aluno: Em conjunto com os colegas porque fico menos nervoso, mas também gosto de tocar a solo, apesar de não me sentir nervoso se tiver as coisas bem estudadas.

Professora: Achas que esta atividade te ajudou a ter uma ideia de como funciona a Banda Filarmónica?

Aluno: Sim, muito. Eu já assisti a um ensaio da Banda Filarmónica e muito daquilo que fizemos aqui, também se fez lá. Tocar as músicas com dinâmicas, trabalhar as coisas por partes, afinar, fazer o aquecimento, ter alguém a dirigir, etc.

Professora: Numa escala de 1 a 5 (sendo o 1, NÃO MOTIVOU e 5 MOTIVOU MUITO) quanto é que esta atividade em grupo te ajudou a estar mais motivada e a querer a aprender mais?

Aluno: Eu acho que é um 5. Diverti-me, foi diferente e estive com os amigos. E acho que foi bom porque sempre foi mais uma vez que toquei trompa durante a semana.